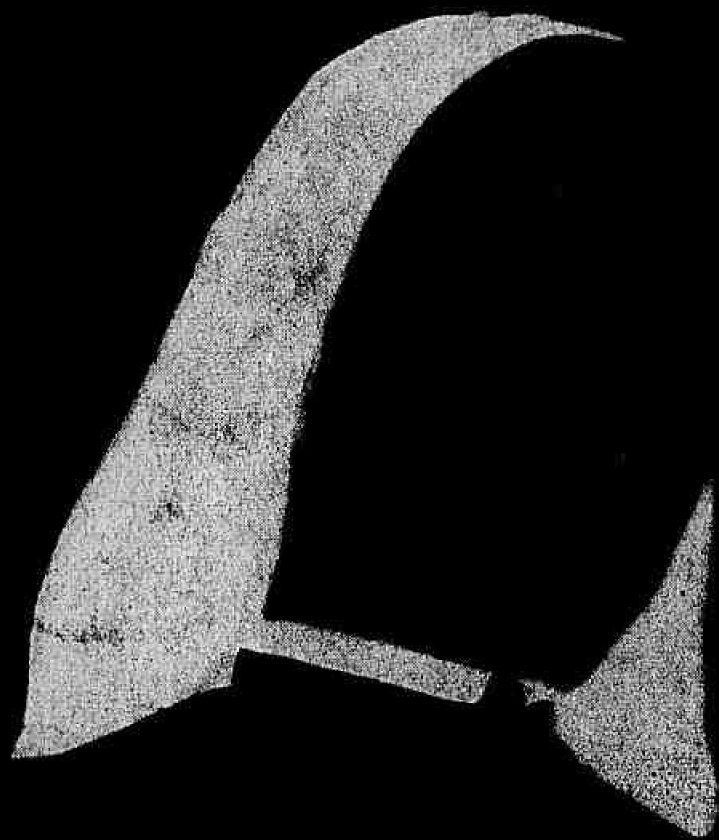


FREIRAS DE UM MUNDO NOVO

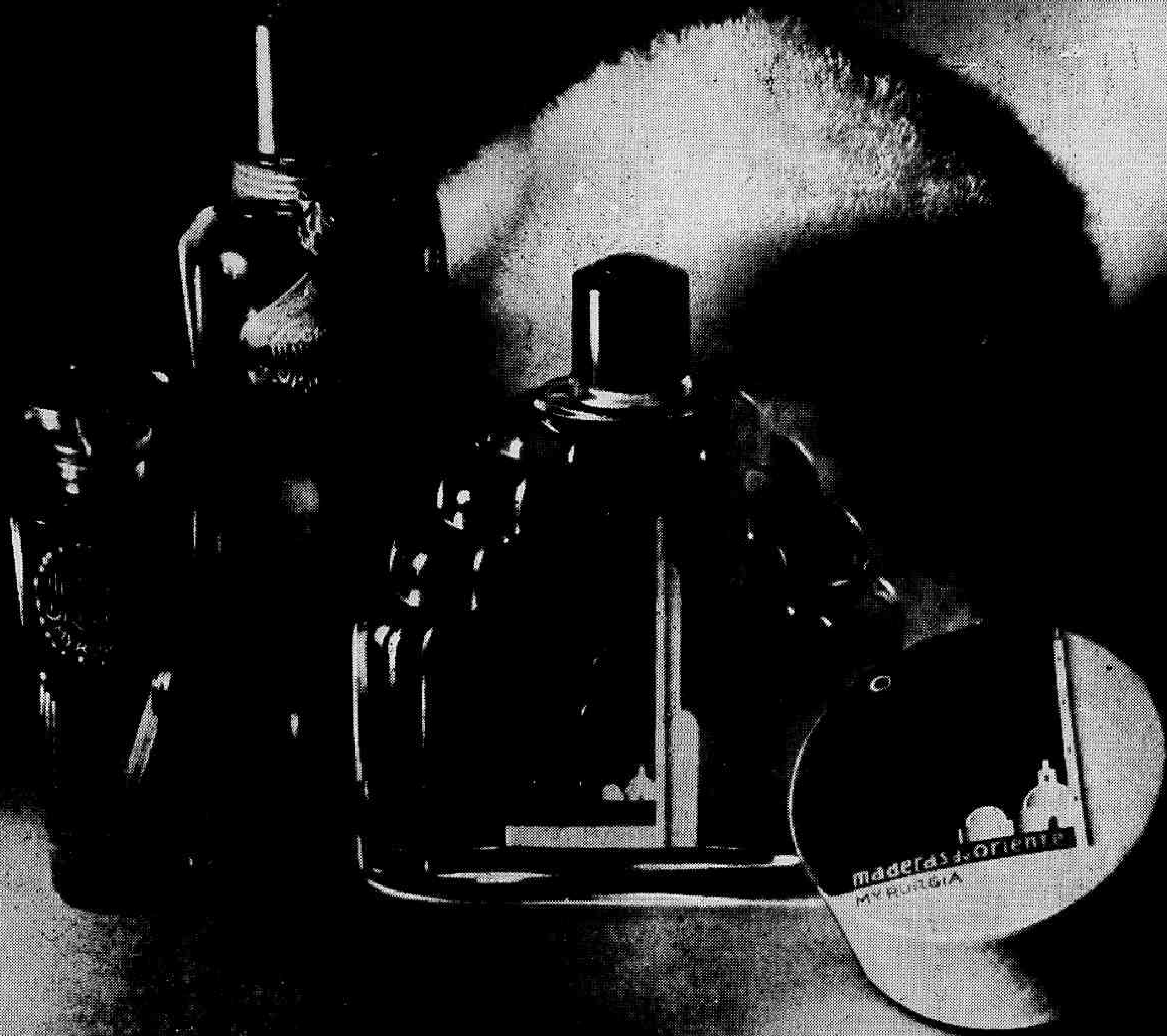
DE BOINA E TAILLEUR A SERVIÇO DE CRISTO

(Pág. 28)

UZ

Um perfume de Myrurgia

MADERAS DE ORIENTE



EXTRATO · LOÇÃO · AGUA DE COLONIA · PÓ DE ARROZ

· MYRURGIA ·

ANO LI ★ N.º 13 **REVISTA DA SEMANA** 29-3-52

SUMÁRIO

REPORTAGENS

Carnaval de vinho na Borgonha 4/7
Freiras de um novo mundo (por Jane Bouchaud 16/21
Bailarinas descalças 27/31
Jangadeiros no Guaíba (Por Nathaniel Guimarães) 49/51

LITERATURA

Bahia — Mãe do Brasil (por Renato de Alencar) 3
O Pequeno Conto (por Geo William) 8
Insônia do supertímido (Conto de Waldemar Iglesias) 26
Semana Literária (por Edmundo Lys) 32/33
O Olhar da Virgem (Conto de Vera Milward de Carvalho) 35

ROMANCE

A Insatisfeita (por Irene Temple Bailey) 22/23

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista 8/9
A Personagem da Semana (Gustavo Capanema) 9
Correio da Revista 10
Puxe pelo Cérebro 52
Palavras Cruzadas 53
À Luz da Psicanálise (pelo Dr. Luís Fraga) ... 54
A Revista há 50 anos 55
Tudo isto aconteceu 56/57
A Pergunta da Semana (por Sinimbu) 58

FOLHETINS

Aventuras do Capitão Rob 24/25
Felicidade Inesperada 38

FEMININAS

Elegantes (por Ramon) 36/37
Cocktail 39
Criações elegantes 40/41
A Saúde do Bebê (pelo Dr. Saboia Ribeiro) .. 42

CINEMA

León Eliachar apresenta 43/48

CARICATURA

Êste mundo e o outro (por Darcy) 11

VARIEDADES

Uma espiada no mundo 12/13

ILUSTRADORES PERMANENTES

Jerônimo Ribeiro — Oswaldo Cunha — Alberto Lima

FOTÓGRAFOS PERMANENTES

Arnaldo Vieira — Ferreira Lima — Nodgi — Dario Terini (SP)

★

NA CAPA

Irmã Neusa (da Ordem de Jesus Crucificado)

Bahia, mãe do Brasil

MINISTROS de Estado, governadores, o mundo oficial, enfim, debruçam-se nos mapas da Bahia e vão até lá para sentir de perto, no ponto dolorido dos sertões, a calamidade que arrasa impiedosamente todo um povo condenado à extinção. Nos cumes dos montes, nos vales extensos, é grande o clamor do povo em flagelo. As roças em pó, o gado perdido, o solo rachado pelas línguas de fogo que o sol lhes envia. A terra combúrea, é um monte de cinzas, que mata o sertão, sufoca esperanças e expulsa da gleba o trabalhador. A fome se expande, terrível, voraz, e os gritos das gentes se perde nos ares em busca dos céus. Já não basta o exclamar de Castro Alves. "Deus, oh! Deus onde estás que não respondes?" Já não são negros escravos no fundo das galeras, aportando à Bahia para o trabalho servil sob o chicote das senzalas. Agora a dor já não é mais física. E' moral. Nas estradas desertas o Brasil se dilui, exausto, ofegante, sem ter uma sombra onde possa acolher seus filhos migrantes. As vozes plangentes penetram na alma de todo o país. Cadê a Bahia dos tempos antigos, de negras dengosas, de ioiôs, de iaiás criados nos braços das servas de ébano, fiéis, dedicadas, nutrindo nos peitos com leite puríssimo os filhos dos brancos na paz e na guerra, as saias ornadas de pano da costa, nos pulsos roliços e bem torneados pulseiras e figas em balangandãs? Cadê a Bahia de farturas cheia, de terras de ouro, de pedras bonitas, brilhantes, luzentes como estrêlas caídas lá do firmamento? Cadê a Bahia de heróis do Recôncavo, dos altos sertões repetindo façanhas por serras e vales, que só têm igual no paulista indômito? Cadê a Bahia tão cheia de glórias, coberta de bênçãos, matriz do Brasil, formosa, vibrante, um altar de Fé? Oh! Deus do Universo, Senhor dos Espaços, de todos os Mundos, de tôdas as vidas! Como é que êsse povo outrora tão vivo, com terras tão férteis, com rios tão belos, com matas e prados, pomares e várzeas em pleno progresso, agora se acha nas garras da fome, a pedir esmolas, as mãos estendidas, os olhos em lágrimas, fitados no sul? As notícias de lá, desoladoras, são capazes de comover o coração das feras. Mulheres, crianças, velhinhos cansados, retiram-se depressa em busca do mar, ou do sul do país. Alarga-se assustadoramente o polígono das sêcas, e a velha Bahia, envolvida nêle, incorpora-se na farândula dos mendigos e estribilha cânticos de dolentes litanias. Terra de opulências e de amor! Berço feliz de nossa brasilidade! Onde estás, Bahia invicta, solo sagrado onde jorrou sangue de bravos por nossa Independência? Nas tardes mornas nos sertões do Opara, crepúsculo de sangue, vermelhos como hóstias abrasadas, ofuscam o sertanejo desvairado, morrendo com a esperança de melhor sorte, fincado na gleba que não quer deixar. Mas um dia, depois de tantas agonias, já não tendo coração para sofrer, êle desce nas levas da desgraça, em busca de Canaan sem um Moisés. E se lança na estrada poeirenta, reduzido a miséria mais penosa, em direção de quem possa socorrê-lo, rompendo léguas e léguas de distância, pedras tinindo sob as alpercatas. E a Bahia avança para reduzir-se a nada. Seu povo, suas glórias, seu passado, riquezas, tradições, tudo isso integrará seu necrológio, envolto na mortalha dos corpos liquidados. Ilhéus, Itabuna, a zona do cacau, região das mais ricas do país, de lá nos chegam notícias dolorosas, de abandono do solo, de fuga em massa, de perda dos frutos, pomos de ouro das Hespérides da América. Bahia dos tempos que se foram! Dos lundus, das mucamas, dos mazombos. Bahia das "baianas" verdadeiras, metidas em vistosos indumentos, vendendo acaçás, abarés, carurus saborosos, rosados, cheirando a azeite de dendê. Volta, Bahia, ao teu anterior fastígio, às tuas pompas e fartura. Sai da fila das sêcas, organiza-te novamente na fila dos heróis e reconquista a bandeira de tua redenção.

RENATO DE ALENCAR

CARNAVAL DE VINHO NA BORGONHA

"OS TRÊS GLORIOSOS" SÃO DIAS DE BEBEDEIRAS E CANTOS NA CIDADE DE BEAUNE ★ TEMPORADA DE VINHO, AMOR E COMÉRCIO ★ O COMPARECIMENTO, ÊSTE ANO, DO EMBAIXADOR NORTE-AMERICANO EM FRANÇA ★ COMES E BEBES NAS ADEGAS DO CASTELO DE CLOS-VOUGEOT



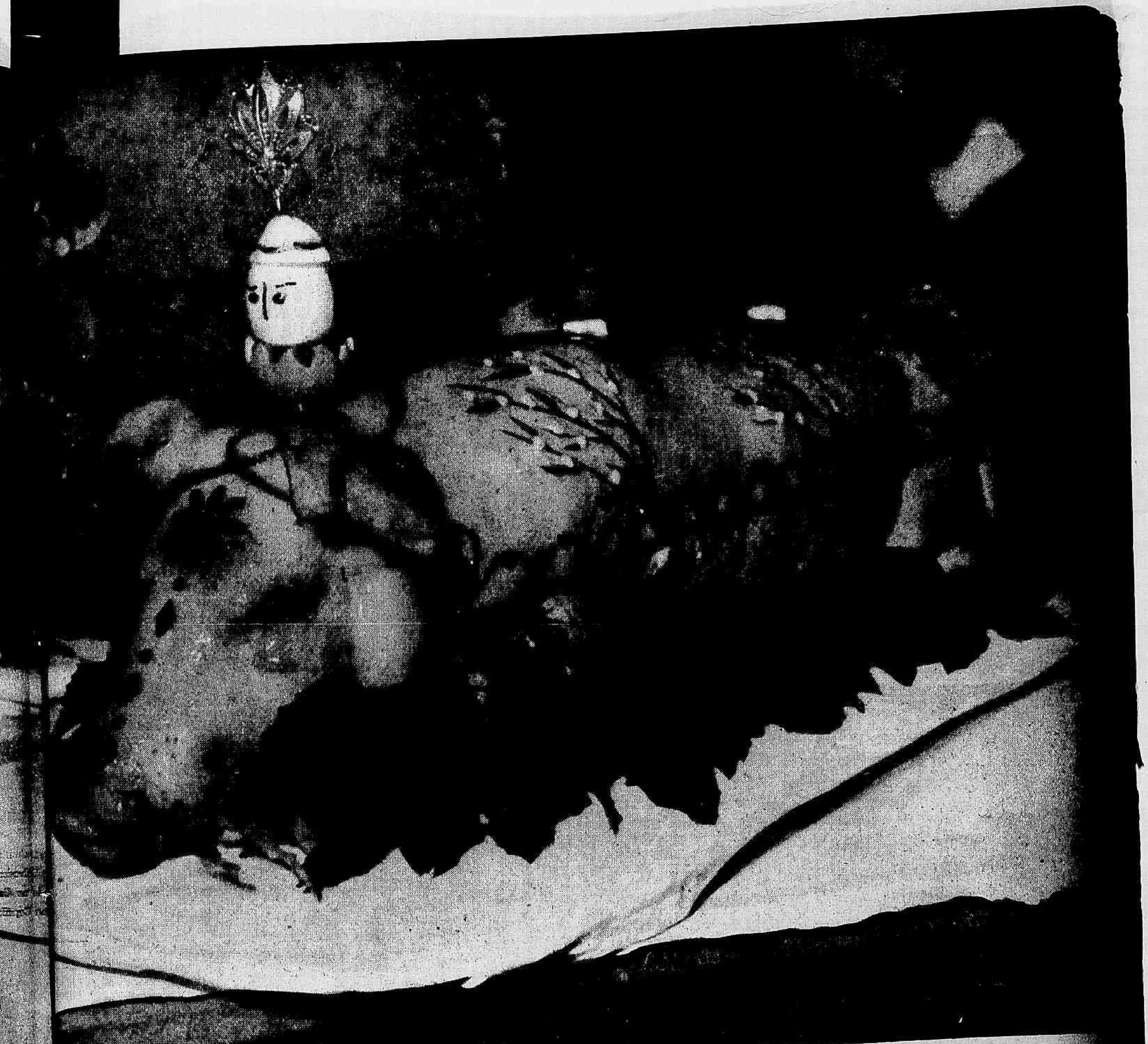
AS ADEGAS DO CASTELO de Clos Vougeot estão preparadas para receber os convivas do tradicional "dinner aux chandelles". E é o som dessas velhas trombetas que anuncia a hora do jantar.



ÊSTE E' UM PETISCO de fazer tremer o estômago de qualquer vegetariano empedernido: leitão na geléia.

NA cidade de Beaune, no coração da velha Borgonha, terra que já era um reino orgulhoso antes de existir a França que hoje conhecemos, repete-se todos os anos uma cerimônia curiosa e festiva.

E' quando começa o inverno que se escolhem três dias consecutivos — como os do Carnaval no Brasil — para uma vinhaça homérica que marca o início da venda da safra dos famosos vinhos da região. A êsses dias de bebedeira e cantos, que se revestem através de várias solenidades, de um cunho histórico, chama-se comumente "Os Três Gloriosos". Quem quer que haja passado por Beaune nessa ocasião saberá apreciar todo o encanto dessas três palavras: "Os Três Gloriosos" são a festa do vinho, da mocidade... e do comércio. Sim, porque afinal é de co-



A apresentação dêsse prato produziu uma admiração sem limites entre os comensais. Em baixo (à direita), vê-se o tonel do ritual, que o bebed[illegible] uma quantidade de vinho correspond[illegible] golpe de malho e jurar que nunca beberá água; depois tem que beber, de um só trago, na taça de prata,

merciar com êsses vinhos famosos no mundo inteiro que vive a maioria dos borguinhões.

Êste ano a festa regional teve um brilho todo especial, pois foi colocada sob o duplo patrocínio do Sr. David Bruce, embaixador dos Estados Unidos na França e do Sr. Roger Duchet, prefeito de Beaune, que é ainda senador da República e ministro de Estado.

Um grande jantar, a que não faltaram iguarias que fazem o orgulho do povo da Borgonha, teve lugar nas adegas do Castelo de Clos-Vougeot, durante o qual os Cavaleiros do Tastevin conferiram às duas ilustres personalidades presentes o cordão de Grande Oficial da Ordem do Tastevin.

Houve discursos — inflamados discursos latinos e um "speech" saxônio. Mas as palavras finais do embaixador norte-americano calaram fundo nos presentes, porque representaram uma homenagem justa e envaidecedora feita aos vinhateiros e bebedores que cultivam a paixão da garrafa através dos séculos.

Disse o embaixador Bruce: "Nós, os americanos, sentimos a necessidade de mergulhar nas fontes da cultura latina, tão bem simbolizada pelo vinho que derrama no coração do homem a verdadeira fraternidade."

Não servem tais palavras de estímulo aos borrachos. Os borrachos são os maus bebedores, aquêles que não sabem degustar lentamente, com a voluptuosidade recomendada pelos antigos códigos orais que passam de geração em geração, o mel inebriante que leva ao interior das garrafas a côr do sol da Borgonha, a tepidez da sua paisagem e o amoroso arrulho de suas mulheres.



CARNAVAL DE VINHO NA BORGONHA



UMA CENA DE FAZER água na bôca: até chegar à mesa as garrafas, transportadas em caixotes, formam uma cadeia nas mãos de seus condutores.



OUTRO PRATO QUE FÊZ grande sucesso pela sua confecção, passa carregado, em andor, sob os olhos vorazes e admirados dos comensais.



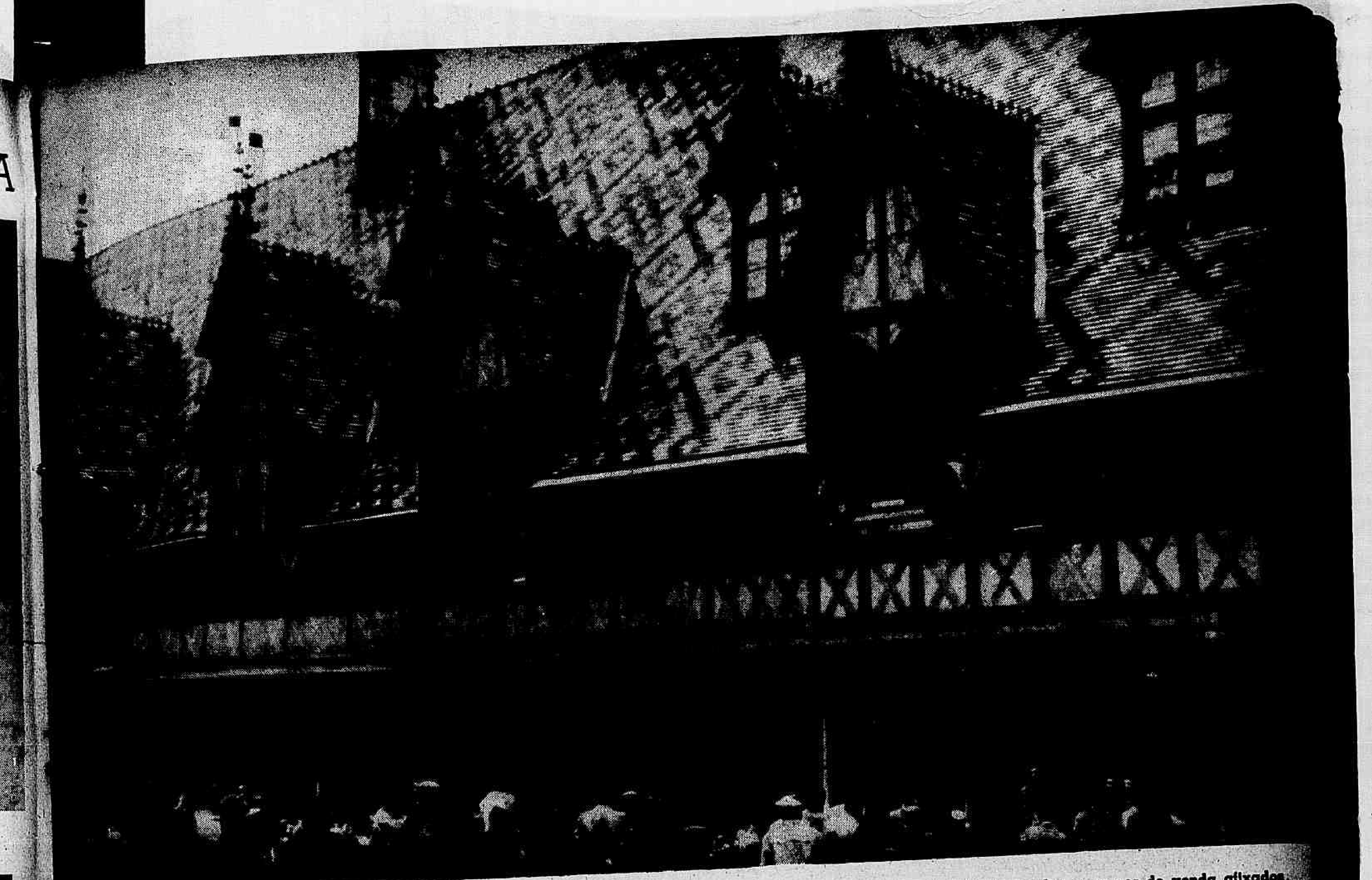
O CÔRO DOS "CADETES de Bourgogne", trazendo o co-tume regional, entoa para os convidados a célebre canção dos Cavaleiros da Mesa Redonda.



SR. DAVID BRUCE, embaixador dos E.U.A. na França, serve até à última gôta o generoso vinho da Borgonha oferecido em taça de prata.



AO LADO DO PREFEITO de Beaune, também senador da República, aparece o embaixador dos E.U.A. com o cordão da Ordem dos Tastevin.



AO ALTO: O PÚBLICO, aglomerado no pátio do mercado de Beaune, cujo aspecto quase não mudou desde o século XV, consulta os preços de venda afixados.
Em baixo: O embaixador americano discursando, sob uma bela tapeçaria antiga onde se lê a divisa borguinhã: "Jamais en vain, toujours en vin"



O pequeno conto

"SE EU PUDESSE"...

Por GEO WILLIAM

MINHA cara amiga! Atravessei tôda a noite insone, pensando, arquitetando planos radiosos de um porvir róseo. Quantas e quantas coisas eu te prometi nos momentos de entusiasmo e quando meu coração tumultuante parecia querer escapulir do meu peito. Nesses momentos, ajoelhado aos teus pés, eu chegava a te oferecer os astros piscando no céu de cobalto dentro das noites serenas e perfumadas. Tu me alisavas os cabelos, na caricia amantissima, sorrindo feliz por me ver prestando homenagem à tua beleza, a tua personalidade feita de encantos, de sonho! Viviamos imersos na felicidade plena, mãos entrelaçadas, as vêzes mudos, pois que o silêncio emmãos entrelaçadas, as vêzes mudos, pois que o silêncio embalava-nos na doce nénia. E quando nossas bôcas uniam-se no beijo casto e puro, parecia que do horizonte distante uma sinfonia de luzes, num crescendo harmonioso, abrisse em leque gigantesco, formando auréola em nosso derredor! Esta noite não dormi. Foi-me impossível conciliar o sono, dados os pensamentos que me transportaram aos dias esplêndidos, tão cheios de prazer intimo. Lembrei tudo quanto eu te falei, narrei e explanei na minha ânsia de te dizer, de te fazer compreender a quanto chegava minha idolatria! Quantas promessas, lembras? Promessas que brotavam de meu coração amante e angustiado ao mesmo tempo. As vêzes julgava o sol pouco brilhante para te emoldurar. Perdia, o astro-rei, em teu confronto! Nada se me afigurava digno de ti. Eras, para mim, a perfeição sublimada, o bem elevado ao paroxismo! As horas que de ti me separavam eram séculos. E as horas que ao teu lado ficava, eram rápidos minutos. Sentia até o desejo orgânico de beijar o chão que pizavas. Tudo te prometia e sorrias meiga, compreendendo claramente a futilidade de meus dizeres, mas também penetrando em sentido de profundidade de minhas frases que eram a explosão de um amor sem igual! Sonhamos juntos possuirmos uma casinha linda, isolada no alto de uma colina, tendo um jardim a rodeá-la. Sonhamos com as minudências dos aprestos daquilo que seria o nosso lar. Tu desenhavas até as cortinas que vedariam o devassamento do nosso ninho de delírio! Lembras? E eu pintava as horas felicissimas de embriaguês quando, sòmente nós dois, sòzinhos, quase que perdidos no meio da multidão, náufragos num mar de bem querer, perambulavamos pelas alamêdas silentes dos grandes parques! Meu caro bem, minha cara amiga! Oxalá me fôsse dado, pelo menos em parte, realizar tudo quanto prometi. Tudo quanto sonhei. Tudo quanto sonhamos! Si eu pudesse... creia-me: realizaria! Mas jamais poderei realizar, pois que ao romper da aurora o carrasco colocará na minha cabeça o capuz prêto e um alçapão abrir-se-á aos meus pés! Si eu pudesse te alcançaria no céu, onde te encontras. Mas o meu crime, por ter-te eliminado pelo muito que te queria, fará com que minhas penas não mais tenham fim, no Inferno, para onde minha alma será projetada! Si eu pudesse...



A Semana

O caso dos ônibus



O aumento das passagens dos ônibus no Distrito Federal teve por fim, segundo justificavam emprêsas e a Prefeitura, dar mais confôrto aos passageiros. Ora muito bem. Veio o aumento, que, em certas linhas, subiu a cento por cento, e até hoje nada se viu que significasse aquêle propalado "melhor serviço" para os passageiros. Vamos citar, para provar o contrário, o que se passa com a linha 11, Tijuca-Ipanema. Os carros dêsse itinerário sempre fizeram o percurso do norte para o sul, pelo túnel novo, seguindo pela avenida Prado Júnior, desembocando na Avenida Atlântica e dali até ao seu destino final: Ipanema. Os habitantes do Leme e das Avenidas Atlântica e N. S. de Copacabana tinham nesses carros a sua chance de chegar a suas casas mais ràpidamente, sabendo-se que de bonde leva-se uma hora e de ônibus 130 (Linha Triagem-Leme) não se chega nunca porque êsses carros só existem na imaginação. Pois bem: os ônibus da Linha Onze, sem qualquer aviso aos passageiros, estão fazendo os seguintes trajetos: Via Túnel Velho (!...) e Barata Ribeiro!... Os diretores dessa emprêsa deviam ter mais consideração com o público, expondo à vista de todos que o itinerário passava agora a ser alterado por aquêles dois caminhos de acesso a Ipanema, uma vez que nem todos os passageiros vão até ao final, ficando a sua grande maioria ali pelo Leme, Postos 2, 3 e 4, ou logo à entrada da Av. Nossa Senhora de Copacabana. Além de condenados a pagar mais caro, os passageiros da zona sul são ludibriados. E não há a quem recorrer, pois os motoristas respondem: "Vão queixar-se ao bispo", quando não insultam com palavrões que a decência manda calar.

Que carga!



NÃO há capitão de longo curso ou de cabotagem, que não tenha tido em sua longa vida de "lôbo do mar", a surprêsa de ser encontrado em seu barco um ou outro clandestino. Mas, o que se verificou com um vapor do Lóide, a 9 de março, ao deixar o pôrto da Bahia, é absolutamente inédito, tanto em relação à nossa marinha mercante, como quanto à de qualquer outra nação dêste planêta sublunar. Deixava o "Pará" as docas do Salvador, quando, à altura de Itapoan, mandou o comandante que o navio parasse a marcha. Como era de esperar, os passageiros ficaram alarmados. Que seria? Perigava o vapor? Alguma mina submarina desgarrada desde os tempos da segunda conflagração mundial? Mas tudo se esclareceu, quando o comandante mandou que o navio retornasse ao ponto de partida. Iria atracar novamente na velha Bahia de Todos os Santos. Por quê? Perguntavam os passageiros, e então a novidade estourou provocando gargalhadas: a maioria dos passageiros, todos instalados comodamente em seus camarotes de primeira classe, era composta de clandestinos! Nada menos de quarenta e nove bons filhos de Deus iam viajando com boa sombra e água fresca como se estivessem na casa da sogra. O navio retornou às docas e ali a "carga" mais curiosa dêste mundo e de todos os tempos foi despejada no cais. O episódio provocou hilaridade e até lágrimas de comiseração. Até agora clandestino entrava sorrateiramente a bordo, escondia-se cautelosamente, passando fome e sêde, privando-se de necessidades imperiosas e que não esperam; e, no muito, um ou dois. Mas com os quarenta e nove da Bahia! É espantoso!

Flagelo nacional



VOLTA à baila o assunto secular do fenômeno das sêcas do Nordeste brasileiro. Para combater o êxodo daquelas populações e a devastação de rebanhos e roças, já houve mesmo quem lembrasse pura e simplesmente: despovoar o Nordeste. É fértil a imaginação humana, e, como vivemos numa terra de liberdade de pensamento, respeitemos tal opinião; mas, francamente, só mesmo quem não sente no peito o pulsar de um coração brasileiro, advogaria tamanho dispautério. O Nordeste sofre o flagelo das sêcas por culpa exclusiva da incúria de nossos dirigentes. Se, desde 1608 quando se registrou a primeira grande calamidade de vulto naquela região ainda pouco povoada, os donos da terra houvessem começado a estudar o meio mais prático e brasilista de dar combate à desgraça, estamos certos de que poderia haver falta de chuva em 1877, mas os efeitos da sêca não dariam para alarmar ninguém. O caso é simples: o sertanejo não emigra por falta de chuva, e sim por falta de água. Outros fogem de suas zonas, mesmo bem servidas de água e de precipitações pluviais, por motivos econômicos, atraídos pela ilusão das grandes cidades como Rio, S. Paulo, Recife, etc., cansados de lutar por melhores rendimentos na lavoura e nas indústrias locais. Não se devia aventar nenhuma idéia de defesa do nordestino, incluindo o despovoamento de sua gleba, e sim, promover-se serviço constante de irrigações sob moldes técnicos; aumentar o número de barragens e de açudes; melhorar os meios de transporte; abrir crédito humano aos produtores; aparelhar os portos de escoamento; instalar novas indústrias, etc. Mas...

Em Revista

Uma circular impressionante



O Govêrno do Estado do Rio devia mandar reproduzir em todos os nossos grandes jornais, a circular que o Sr. Rubens Falcão, Diretor do Departamento de Educação do Estado do Rio, acaba de enviar a chefes de Inspetorias Escolares e professôras primárias daquele Estado, sôbre o que devem fazer durante o corrente ano letivo. As idéias do Sr. Rubens Falcão atacam de frente os males que desgraçam nossa mocidade escolar e viciam os responsáveis pela educação e ilustração das crianças. O que se encontra em sua Circular não se ajusta, apenas, à terra fluminense. E' carapuça para a cabeça de todos os demais Estados da federação. O nosso ensino primário é dos mais defeituosos do mundo, simplesmente porque ainda não acertamos com o verdadeiro professor. Há exceções, e, por isso, mestres que exercem o magistério por vocação instintiva ou por hereditariedade. Mas, é preciso dizer com a maior franqueza, na generalidade o professor quer é ser funcionário público e viver à sombra dos benefícios de sua gestão oficial. Não se tem idéia de, neste país, formar professôres por vocação. No Distrito Federal, por exemplo, não há moça que não deseje ser professôra. Por quê? Vocação? Nada! É que, segundo dizem os pais, a Prefeitura paga muito hoje a uma lecionadora. Não se tem em mira a profissão de pedagogo, de educador. O que se quer é o provento pessoal, confundindo-se o magistério com um bom emprêgo. Nos cursos particulares ainda é pior. Há colégios que são apenas casas de negócio, deixando-se a educação e a cultura, como coisas secundárias. Parabéns, Sr. Rubens Falcão.

Novo túnel



A política de abertura de túneis não deve parar no Distrito Federal. Já não é possível abrir novas ruas e avenidas, alargando as já existentes, a fim de dar escoamento a veículos e a pedestres, que se abram mais túneis, anulando-se o cêrco das montanhas e morros que estrangulam a cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro. Êsse túnel do Pasmado, porém, parece que nasceu "araqueado", como diz o povo no seu linguajar pitoresco. Quando se procedia à sua abertura, houve greve de operários porque a firma concessionária ou os engenheiros responsáveis pelas obras não tinham dinheiro para pagar os salários. A imprensa se ocupou do caso e os operários fizeram greve, suspendendo os serviços. Arrastando-se demoradamente através dos meses, o Túnel teve marcado o seu dia de inauguração. Mas, com surprêsa geral, não foi possível abrir champanha e fazer os discursos da praxe, porque, depois dêle, ali pelo oitão do "Botafogo", ainda era preciso construir uma passagem subterrânea para pedestres! Sempre o pedestre em último lugar... E a festança não se realizou, nem o túnel foi inaugurado. E agora em meados de março voltou a ser novamente agitada a imprensa com uma segunda inauguração frustrada. Saiu nos jornais a data de sua inauguração. Houve fotos na imprensa mostrando a beleza arquitetônica da obra e sua finalidade inegàvelmente preciosa. A hora marcada, muita gente foi ver o ato oficial do batismo do mais jovem túnel da cidade. E todo mundo voltou decepcionado: houvera engano! O túnel só seria inaugurado mais tarde... Mais uma vez o povo é que ficou *pasmado!*

Um fenômeno



ISTO aconteceu em Buenos Aires, em fins de janeiro último. Bodilgret Kranich, jovem alemã de 23 anos de idade, vivia em companhia de seus pais. Solteira, não deixava de alimentar sonhos de amor. A bela Kranich, não se sabe muito bem por que motivo, não dormia bem. Durante horas e horas, alta madrugada, ela ficava de vigília, olhos secos, sem poder conciliar o sono tão necessário à vida. Então ela recorria a soporíferos, engolindo alguns comprimidos que os médicos indicavam. Só assim conseguia dormir um pouquinho. Certo dia, a alemãzinha tomou doses exageradas e o efeito não se fêz demorar. Indo à praia tomar banho, foi surpreendida pelo mais profundo dos sonos. Começou a boiar, desacordada. A família de fraulein Kranich ficou alarmada e todo mundo passou a procurar a jovem desaparecida. Não havia quem julgasse que ela estava imitando a história da "Bela Adormecida" no bosque, mas, desta vez, sôbre as ondas do mar. A alemã estêve assim durante nada menos de sessenta horas, aparecendo a boiar nas proximidades do balneário de Quilmes. Os meios científicos da vizinha República estão perplexos, sem poder explicar como é que uma pessoa pode permanecer desacordada durante sessenta horas, a flutuar, sem nenhuma proteção de cortiças ou borrachas. Como pode ser, minha gente! Essa moça alemã deve ser um fenômeno digno de análise. Ou então essa história está mal contada, e a mocinha germânica não boiou coisa nenhuma, tendo contado essa aventura marinha de dias e noites a roncar sôbre as ondas, para contornar atenções. Verdadeira história para tubarão morrer afogado...

A PERSONAGEM DA SEMANA



Sr. Gustavo Capanema

AO escrevermos estas notas, aproxima-se de sua última etapa, a chamada crise da maioria na Câmara dos Deputados em virtude das dissessões interpartidárias, em tôrno das posições mais importantes daquela Casa do Congresso Legislativo Federal. Como todos sabemos, durante o ano passado, sustentou o líder da maioria na Câmara dos Deputados, o Sr. Gustavo Capanema, diuturna luta política, conseguindo conjurar todos os perigos de enfraquecimento na política do govêrno central. A ação do líder da maioria foi tenaz e conseguiu relativo rendimento, o possível, como vanguardista de vários partidos, e, se não obteve cem por cento em suas batalhas, foi porque, evidentemente, isso foi pollticamente impossível. A posição do sr. Capanema sempre difícil, sabendo-se que, embora todos os partidos da maioria estejam gravitando em tôrno do Presidente da República, há interêsses diversos em choque, o que situa a posição de um líder em ângulos muitas vêzes perigosos. A crise chegou ao "climax", com a eleição de primeiro secretário, sendo esperada a vitória do sr. Gurgel do Amaral, causando surprêsa o resultado com a vitória do sr. Rui de Almeida. O líder da maioria sentiu o choque dessa eleição, e, conforme constava, estaria disposto a entregar o bastão de comando, ficando apenas com a liderança do PSD. Por último surge o sr. Valadares na arena, dizendo-se que o caso se aproxima de sua estação final com a conferência do sr. Brochado da Rocha com o Presidente da República. Na opinião do sr. Capanema, a maioria está "esfacelada", e êle aguarda serenamente a hora de passar o bastão, com aquela atitude dos montanheses em face dos fatos consumados. A evolução da crise parece estabelecer novas normas, com líderes de partidos e não do Govêrno.

Você também pode ingressar no rádio

(e pertencer à classe mais bem remunerada do país!)

VOCÊ TEM TÔDAS AS INFORMAÇÕES sôbre rádio e televisão no compêndio mais completo já editado no Brasil:

ANUÁRIO DO RÁDIO DE 1951

(Lista de tôdas as emissoras existentes no país, com biografias, pesquisas de opinião pública sôbre programas mais ouvidos e outras informações).

REMETA-NOS HOJE ÊSTE CUPOM:

A Editôra Publicidade & Negócios Ltda. — Caixa Postal, 3748 — Av. Rio Branco, 117 — 3.º and. s/323 — Rio.

Desejo receber pelo reembôlso, preço Cr$ 50,00 mais taxa de Cr$ 10,00, do reembôlso, um exemplar do ANUÁRIO DO RÁDIO DE 1951.

Nome ....

Rua ....

Cidade .... Estado ....

ALGUM DIA MORRERAI...

(Continuação do número anterior)

Os parentes da sentenciada sumiram como por encanto, com certeza não queriam imiscuir-se no escândalo.

Nada me fêz olvidar aquêle episódio dorido, tampouco a alegria contagiante do lar, perto de minha fraternal e devotada companheira, que me encorajara a vencer tantos anos de luta. Pelo contrário, em cada pessoa que padece, pareço ver a figura franzina e abatida da mulher, angustiada, em desalinho, às barras do tribunal, implorando misericórdia divina aos seus honrados julgadores! Penso, outrossim, num pedacinho de gente, muito melancólico, solitário, perambulando em qualquer parte do país, pedindo clemência para que lhe devolvam a mãe.

Algum dia morrerei... Só assim responderei fielmente pelas conseqüências do crime que pratiquei!

Mas eis que deliberação nervosa se estabelece enèrgicamente em mim. Surgia como pausa para o meu sofrimento. Observei, claramente, a possibilidade de remediar todo o meu mal, imprimindo uma ação caridosa.

Chamei Eunice, imediatamente, e explanei, os olhos iluminados pela sensação nova e súbita.

— Sabe, Eunice... Acho que vou adotar uma criança. Que me diz?
— Oh! querido! Você sabe que isto foi sempre o meu sonho...
— E', bem sei, Eunice...

Entristeci, por um momento; minha companheira ressentia-se intimamente.

Eunice abrigava, resignada, o maior problema de uma espôsa perfeita. Não se pode insurgir contra a realidade. O médico da família jurara até, pela amizade que nos estreitava, que ela nunca seria mãe!

Insisti, porém:
— Concorda com a minha sugestão, Eunice?
— Como não, Duque? A criança só virá aumentar a nossa felicidade...

Com êste meu procedimento humanissimo, afastava as apreensões de que era acometido; tive a alma mais aliviada. A intenção era esta: afinal, quiçá por ingenuidade, eu havia arruinado um ser, em compensação faria reviver outro, dando-lhe um bálsamo de esperança.

Eunice estava a par da minha tragédia e via chegar, festivamente, a hora bendita da redenção!

Fui ao Juizo de Menores, conseguira adotar interessante e amorável menina, de olhos tão verdes, semelhantes aos meus.

Ela contava apenas cinco primaveras, mas era bem espertinha, falava com inteligência, como gente grande. Hildinha viveria conosco, estava assentado, participaria dos nossos prazeres, herdáramos uma filha! Seu futuro era dos mais promissores: estudaria para professôra, aprenderia piano, enfim, faria dela moça distinta e prendada.

Nada havendo que embargasse a solicitação, o juiz apresentou-me os documentos de registro e adiantou, mostrando a menina a seu lado:

— A justiça confia-a a seus cuidados. Pode levá-la, excelência!

— Muito agradecido!

Qual não foi a minha reação, todavia, quando examinava os documentos adquiridos. Era extraordinária a crise nervosa que rondava a pêlo, e assustadoramente, o meu interior. Fui alvo de vigoroso golpe, certeiro em tôdas as suas fases. Estava emocionado pelas contingências, as mãos vacilavam segurando os papéis.

Aconteceu isto, naturalmente: Hildinha, a pequerrucha engraçadinha, que me fitava ternamente, era exatamente a filha da ré que eu condenara, sem me importar com o seu sacrifício. Lá estava, no papel o nome dela, que constituiria ameaça para mim, quando na côrte do céu!

Cerrei as pálpebras para as lágrimas não escapulirem. Felizmente o meretíssimo juiz não notara êste pormenor curioso e impressionante.

Mas reanimei-me, ràpidamente, retomando a posição:
— Vamos, queridinha! Adeus, Doutor!

Ela me estendeu a mãozinha delicada, liza qual cetim, num oferecimento. Conduzi Hildinha comigo, ainda atordoado pelos resultados inesperados.

Em meio a dezenas de crianças desvalidas, eu fôra escolher logo aquela! Foi ótimo assim; agora, mais inclinado, tinha um desejo potencial de transformar a garotinha numa autêntica dama, dedicando-me a ela com amor paternal.

Eunice surpreendeu-se com o fato, narrado em tôda a sua singeleza. Rezou a Deus pela soberba graça que me concedera. Achou-a um encânto de garôta, elogiou a sua tez morena.

Nossa morada iluminou-se com mais intensidade, abafando a penumbra que a envolvia.

Decorreram cinco anos, quando li no jornal, profundamente penalizado, uma notícia sôbre a mãe de Hildinha. Fôra vítima da tuberculose pulmonar. Morrera tísica, ainda no presídio das mulheres, antes de cumprir a pena que eu ditara.

A compaixão tomou conta exclusivamente de mim; acovardei-me ao imaginar que poderia encontrá-la mais tarde, na outra eternidade, para um ajuste.

Vejam só: quando no julgamento, os jornais publicavam "manchettes" alarmantes sôbre o sucedido. Agora, registrando o passamento da infeliz, vinha uma nota, que ocupava apenas um têrço de coluna. Nem sei como alcancei lê-la!

Findaram os obstáculos. O passado de Hildinha ficaria, dêsse jeito, sempre fechado a quatro chaves, em absoluto sigilo. Levariamos conosco o segrêdo ao túmulo!

Mereço perdão, então? Oh! Como é grandiosa a bondade humana! Já estou crente mesmo de que os meus pecados serão redimidos, em todos os sentidos. Agora, sim, não me assusto, morrerei feliz...

Ao público

O sr. Oswaldo de Castro Oliveira, que se tem apresentado como agente desta revista no interior de Minas e Bahia, não é e nunca foi nosso representante.

CORREIO DA REVISTA

Recebemos a seguinte carta:

«Canavieiras, (Bahia) em 4 de março de 1952.

Sr. Redator da REVISTA DA SEMANA — Rio de Janeiro. — Prezado Senhor: Li, faz poucos dias, a crônica **D. Pedro II na «Paulo Afonso»**, de autoria do talentoso escritor Renato de Alencar, na REVISTA DA SEMANA de 2 de fevereiro último. E, como o festejado escritor escreveu alguma coisa que nunca aconteceu, — porque mal informado, apresso-me em solicitar a V. S. a publicação destas linhas, a fim de que milhões de brasileiros fiquem sabendo melhor da viagem de D. Pedro II à cachoeira de Paulo Afonso, no ano de 1859.

1º — a Imperatriz Teresa Cristina não estêve em Paulo Afonso com o seu augusto espôso. Êle foi só, como nos conta Tomás Espíndola, na Geofragia de Alagoas, edição de 1871: — «D. Pedro II chegou a Penedo no dia 14 de outubro, partindo para Piranhas no dia 16; regressou a Penedo no dia 24 de outubro, embarcando, na mesma tarde para a Bahia». (Obra citada, fls. 247). Na Bahia, «recebeu sua prezadíssima consorte e regressou à provincia, aportando à capital (Maceió), no dia 31 de dezembro de 1859». (Fls. 406).

2º — O retrato que ilustra a crônica, não foi tirado por ocasião da passagem do Imperador em Pão de Açúcar, e a pessoa assinalada (n. 3), como a Princesa Isabel, mostra ter mais de vinte anos de idade, quando a Princesa em aprêço tinha, na época (1859), apenas 13 anos de idade, pois nasceu no dia 29 de junho de 1846;

3º — O Coronel João Machado de Novais Melo não aceitou o título de Barão de Piassabusssu. Portador, que foi, de um caráter positivo, recusou as honrarias que lhe eram oferecidas, dizendo, mais ou menos, o seguinte: «Só aceitarei o título de Barão de Pão de Açúcar!»

4º — D. Pedro II não estêve na Pedra da Paciência, onde o romancista Renato de Alencar disse haver sido tirada a fotografia. Sua Majestade estêve no Cavalete, (o **pão de açúcar** de Pão de Açúcar), «montado num cavalo branco», conforme testemunho de pessoas da época que eu entrevistei, na velha cidade alagoana, no ano de 1930, inclusive o meu avô materno, Capitão Manoel Soares Pinto, — que foi muito amigo do Coronel João Machado e tinha 15 anos quando da visita imperial.

Os historiadores Tomás Espíndola, Moreno Brandão e Craveiro Costa não se aprofundaram em pormenores sôbre a visita do nosso segundo imperador à nossa «primeira queda d'água». Parece, no entretanto, que a fotografia que ilustra a crônica de Renato de Alencar foi tirada quando da passagem em Pão de Açúcar, do Conde D'Eu, em 1887, salvo engano.

Grato pelo acolhimento que der a esta carta, sou, patrício admirador e amigo,

Lauro Marques.

N. da R. — Agradecendo a contribuição histórica do culto missivista, prometemos esclarecer certos pontos contestados e outros em que também se confessa em dúvida. — **R. de A.**



ÊSTE MUNDO E O OUTRO

CINEMINHA

A PROFISSÃO FAZ O HOMEM...

Criação de DARCY



Joãozito era um rapaz tímido, desde pequenino.



No colégio, enquanto os outros jogavam pelada



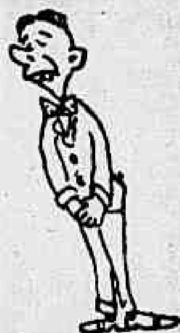
...Joãozito, sentado no tôco, ficava a cismar...



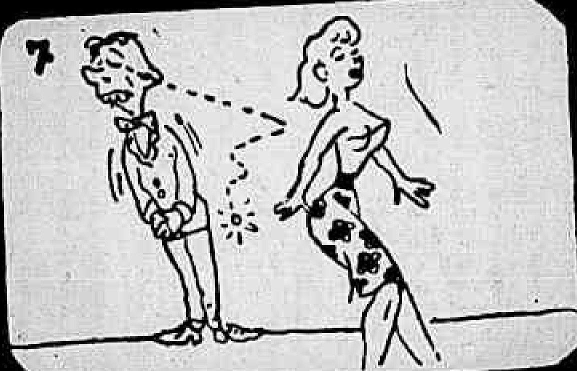
... Sim Era tal qual Ferdinando Só que não gostava de cheirar flores...



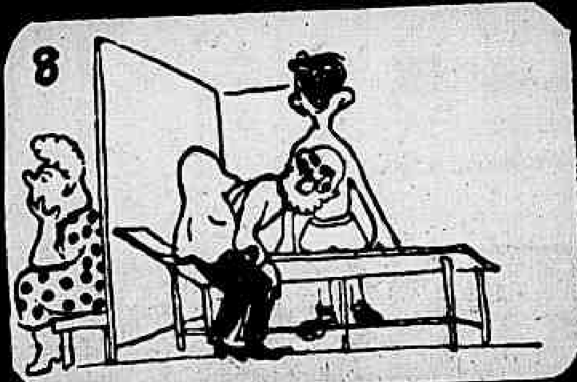
E assim foi crescendo. Tornou-se um homem. E no dizer de sua mamãe, um homem...



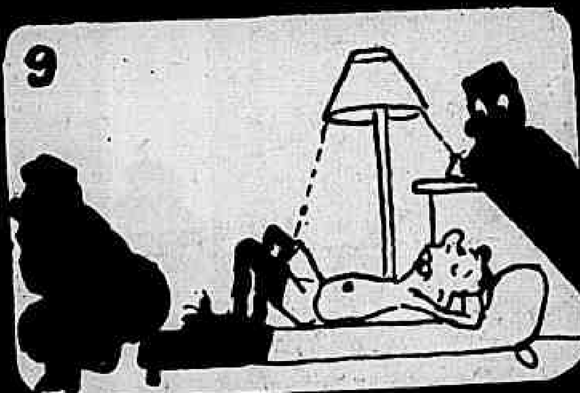
...bonito e forte, como muito poucos. Mas ...



... sempre muito tímido.



Sua mamãe consultou um clínico Mas foi em vão



Sua mamãe consultou um psicanalista. E foi inùtilmente.



Até um "pai de santo" sua mamãe consultou. Tudo na mesma.



Mas certo dia, encontrou o Seu Moreira, um amigo velho.



— "O que êle precisa é de trabalho ESPECIALIZADO" — aconselhou Seu Moreira.



— "Vou colocá-lo em minha emprêsa e dentro de um mês êle será outro"



Seu Moreira tinha razão. Ninguém diz mais que Joãozito, o tímido...



... é hoje um dos mais temidos homens da cidade

UMA ESPIADA

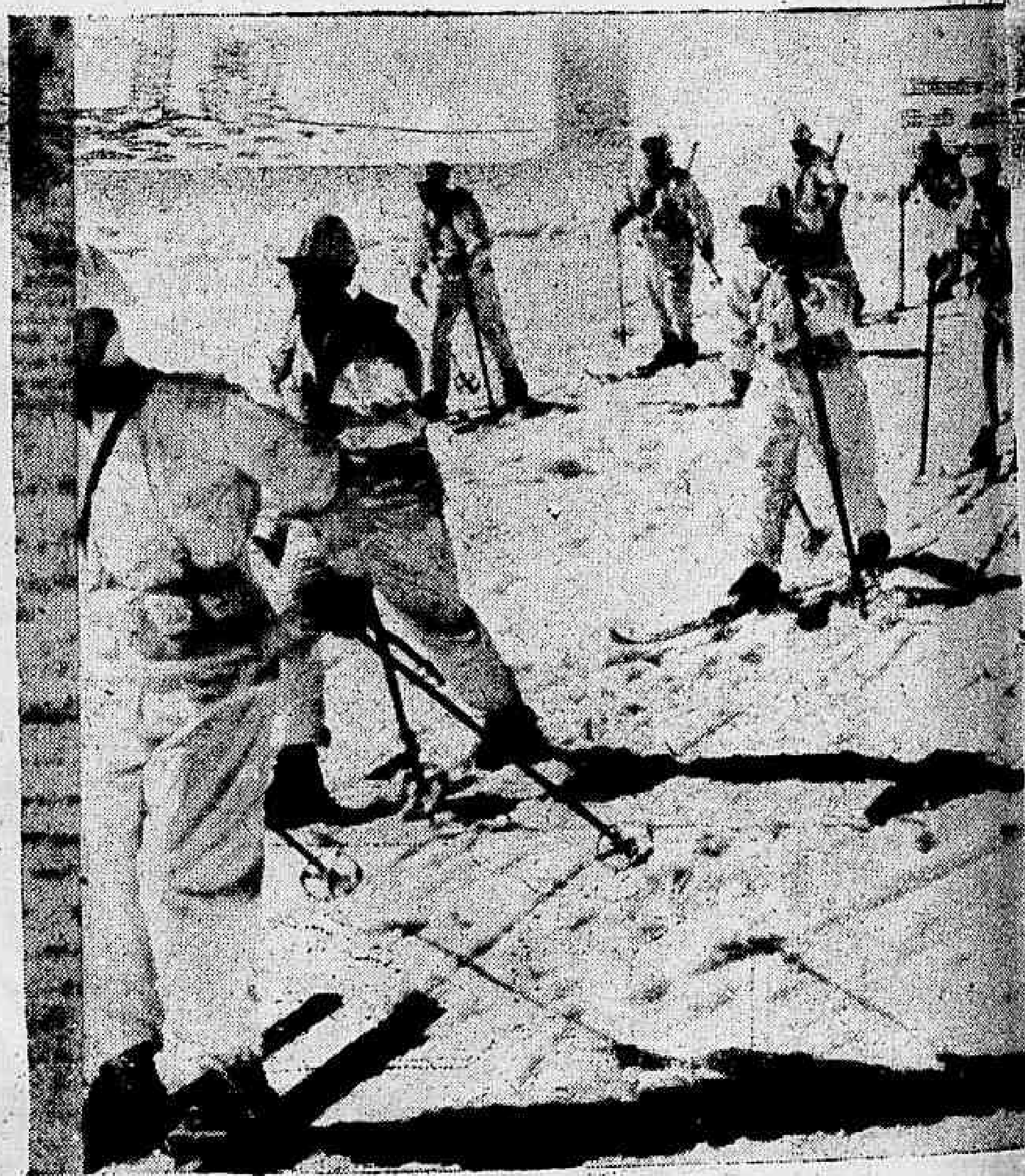


De Gaulle não desapareceu da cena política. Vemo-lo acima numa expressão característica, discursando no Palácio d'Orsay sôbre a situação.

A cidade de Veneza homenageou recentemente Artur Cucchiero, o mais famoso gondoleiro dos seus co[illegible] morto há pouco te[illegible]ê-se a procissão [illegible] qual participaram todos os gondoleiros.



O último espetáculo do Folies Bergères em Paris terá uma das mais custosas montagens dos últimos an.s. A pequena da foto — uma das estrêlas — exibe a sua bisarra indumentária no palco.



A paisagem acima poderá algum dia perder seu tranqüilo aspecto e tornar-se um campo de batalha. Os homens que

NO MUNDO



Instalado no seu automóvel, a caminho da Câmara dos Comuns, aí vai Mr. R. A. Buttler, chanceler do Tesouro, carregando o Livro do Orçamento.



Em Aachen (Aleman... foram recentemente or... nados treze sacerdo... Um dêles, veterano ... guerra, é o ex-general ... Exército alemão Edg... Theisen, que se vê ... ma (o 2º), em seus ... vos trajes.



nela aparecem não são desportistas. São soldados dos contingentes alpinos do exército italiano, em manobras, no belo "décor" de gêlo.



De Singapura a Pe... por onde tem anda... Sargento Kathie S... (ao lado) tem espan... seus amigos com as ... radas do seu cach... Êles não entendem ... tão feia numa jove... 21 anos.

Revivendo uma feliz tradição do Nordeste



Haroldo Miranda, que comandou o Cordão Azul, pede silêncio ao Auditório, quando canta a Diana.

ESPETÁCULO FASCINANTE, O PASTORIL INFANTIL APRESENTADO PELO RÁDIO "JORNAL DO COMÉRCIO"

NOVA FÔRÇA

ESTAMOS, leitor, diante de uma nova fôrça de caráter popular, experimentada, no Recife, por influência e contágio direto das Alagoas.

É o Pastoril Infantil, apresentado, pela primeira vez, na capital pernambucana, no Auditório de uma Emissora, pelo locutor e animador Haroldo Miranda, no Rádio Jornal do Comércio.

Êle constitui, deveras, um espetáculo que surpreende, não apenas pela sua singeleza e ingenuidade, como ainda, pela sedução que exerce no seio das massas, das compactas assistências que, seguidamente, três e até quatro vêzes por dia, já por dois anos, superlotou o Auditório daquela Estação recifense.

ATRAÇÃO POPULAR

Em dezembro de 1950, o Pastoril apareceu como uma experiência de êxito bastante discutido, em Pernambuco. Mas, logo que surgiu com as suas duas dezenas de lindas pastorinhas, ricamente trajadas a caráter e recrutadas das melhores famílias locais, dançando e cantando jornadas, verificou-se que uma nova fôrça, como espetáculo de atração popular, havia sido descoberta.

O ASSUNTO DO DIA

Dias e dias, pela manhã, à tarde e à noite, o Pastoril Infantil do Rádio Jornal do Comércio foi o assunto do dia, o alvo de todos os comentários, na cidade, com repercussão no interior do Estado e em todos os recantos do Nordeste e do Brasil. Até do Rio Grande do Sul (Caxias) a Emissora recebeu carta, na qual se dizia que os programas do Pastoril e o duelo entre o azul e o encarnado estavam empolgando o público.

Com efeito, nas ruas, nos lares, nas escolas, em tôda parte, enfim, sentia-se a presença do Pastoril Infantil, nas côres e na rivalidade dos dois cordões, o azul e o encarnado, irrompendo, aqui e ali, o côro caracteristico das duas torcidas. E tôdas as noites, os receptores ligados, com aquelas vozes infantis, cantando:

"Boa-noite, meus senhores todos
Boa-noite, senhoras também
Somos pastôres, somos pequeninos
Que alegremente vamos a Belém."

ELEVADA VOTAÇÃO

O Pastoril Infantil, lançado no Recife pelo Rádio Jornal do Comércio, é, já agora, uma das maiores atrações de fim de ano. O êxito, como no ano anterior, foi espetacular, bastando ver a elevada votação atingida (cêrca de 165.000 votos) para os dois cordões de pastôras e, ainda, o fato de superlotar, diàriamente, o Auditório daquela grande Emissora pernambucana, em representações sucessivas, para satisfazer ao seu grande público, às vêzes, até cinco vêzes por dia, o que é positivamente um "record".

SUPREMACIA

Pela segunda vez, o Pastoril Infantil, dirigido pela professôra alagoana Maria José Carrascoza, manteve a sua supremacia, como diversão para multidões.



Êste é o Cordão Encarnado. À esquerda, aparece o seu animador, Fernando Castelão.

Sensacional duelo azul x encarnado + Graciosas pastorinhas cantando jornadas + Luxuoso guarda-roupa + Votação surpreendente + No final: azul, 60.000 e encarnado, 105.000

Revivendo uma feliz tradição do Nordeste, êle foi assistido, sempre, com o maior agrado e incontido entusiasmo por moços, velhos e, sobretudo, pelas crianças.

Fazendo desfilar as mais sugestivas "jornadas" e as mais belas peças dos pastoris antigos, tudo dentro da mais fiel tradição, o Rádio Jornal do Comércio registrou, em 1951-1952, novo êxito com o seu Pastoril. E outra coisa não se poderia esperar, sabido que essa Emissora, além de ter sido a pioneira em apresentações dessa natureza, na capital pernambucana, manteve, ainda desta vez, o melhor conjunto, exibindo o maior repertório, para não falar no luxuoso guarda-roupa apresentado.

28 DIAS CONSECUTIVOS

Três dos mais populares animadores de Auditório da cidade, Haroldo Miranda, Fernando Castelão e Manoel Malta, o primeiro do cordão azul e os demais do encarnado, comandaram o Pastoril Infantil do Rádio Jornal do Comércio, encontrando sempre margem para o mais vivo e delirante entusiasmo das compactas assistências que acorreram aos seus espetáculos, durante 28 dias consecutivos.

NOVAS JORNADAS

Êste ano, além das peças já conhecidas do público, as pastorinhas ofereceram "As três virtudes", jornada de grande beleza, e o "Baile do Fúria", esta, uma das mais longas e difíceis do Pastoril. Outras jornadas de inteiro agrado foram: "Borboleta bonitinha", "O caçador", "A morte da Contra-Mestra", etc.

Convém salientar que o "Baile do Fúria" foi, pela primeira vez, representado num palco de Estação de rádio, sendo, portanto, o Rádio Jornal do Comércio a primeira e única Emissora a levá-lo, com sucesso, para milhares de espectadores.

ÊXITO ESMAGADOR

O maior acontecimento radiofônico do ano, em Pernambuco, a despeito mesmo das grandes atrações apresentadas, inclusive as Orquestras mundialmente famosas de Francisco Canaro, Alberto Castillo e Tommy Dorsey, que constituiram pontos muito altos da programação artística do Rádio Jornal do Comércio, de Pernambuco, em 1951, foi, sem sombra de dúvida, o Pastoril Infantil. É uma prova das mais eloqüentes dêsse êxito esmagador, no Recife, se pode avaliar, como já dissemos, pelo número elevado de votos recebidos para os dois cordões, que subiram a 165.000.

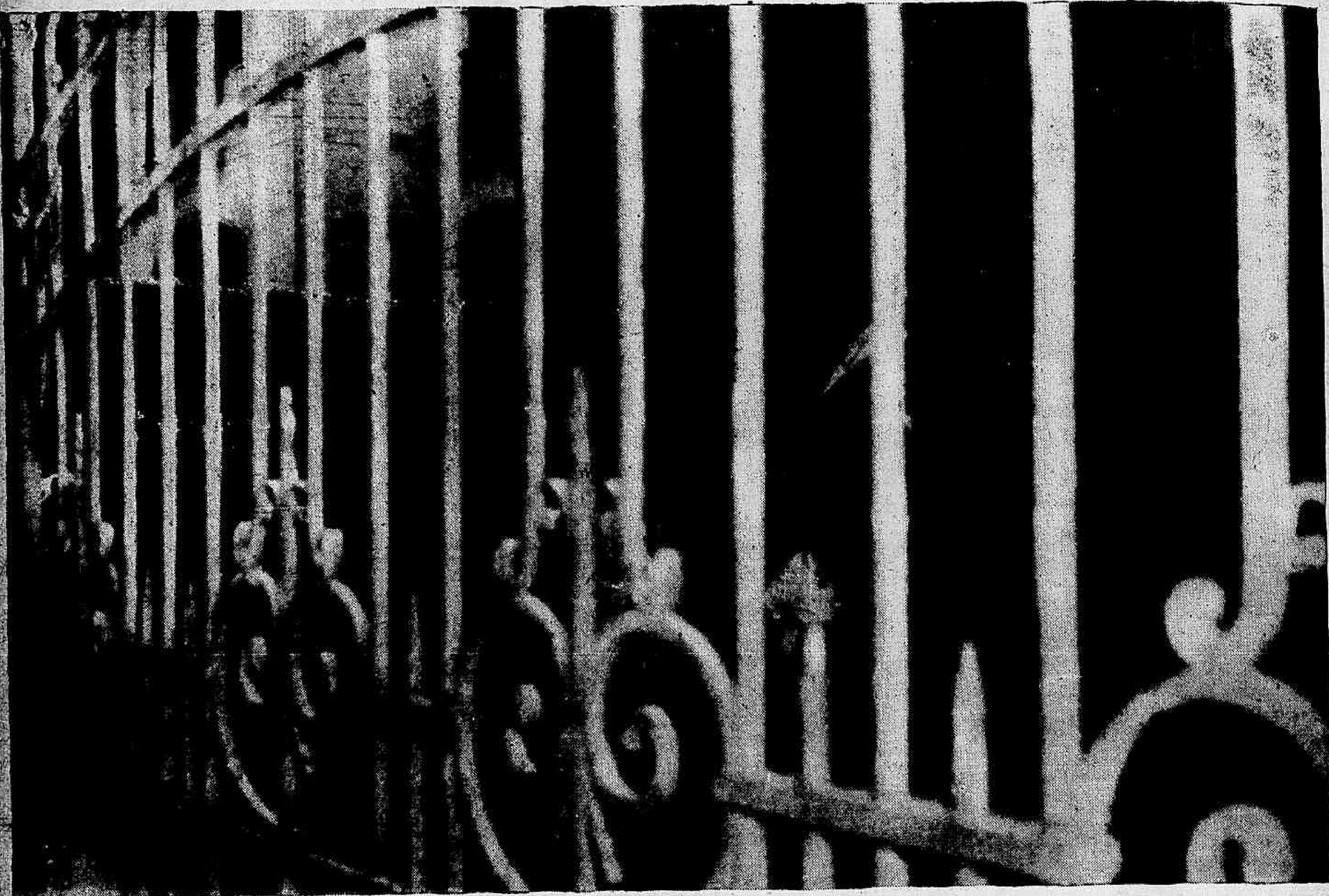
ASSIM É O PASTORIL

Cêrca de 20.000 bandeirinhas azuis e encarnadas foram agitadas pelo público, durante a curta temporada do Pastoril Infantil do Rádio Jornal do Comércio, outro índice pelo qual se pode ter uma idéia dêsse empreendimento e a sua sedução para o público de tôdas as classes.

A temporada do Pastoril Infantil abrangeu o período compreendido entre 17 de dezembro de 1951 a 13 de janeiro de 1952, precisamente 28 dias de loucuras e vibração.

Está assim provado que o Pastoril, em Pernambuco, se apresenta como uma nova fôrça popular, idêntica ou superior a do futebol e até mesmo a do Carnaval, o que é, realmente, para espantar.

Mas, assim é o Pastoril Infantil do Rádio Jornal do Comércio.



Por trás destas grades, numa casa de aspecto comum, no bairro de Botafogo, começou a reportagem sôbre as freiras de um mundo novo.

FREIRAS DE UM NOVO MUNDO

UMA ORDEM RELIGIOSA NASCEU HÁ 24 ANOS EM CAMPINAS, FUNDADA POR UM BISPO BRASILEIRO ★ AS FREIRAS DE JESUS CRUCIFICADO SÓ VESTEM O HÁBITO EM CASA, NA RUA USAM BOINA E TAILLEUR ★ A CONQUISTA RELIGIOSA DO MUNDO MODERNO EXIGE NOVAS ATITUDES ——

Texto de JANE BOUCHAUD

Fotos de NODGI

A Ordem religiosa de que se ocupa esta reportagem nasceu em Campinas (São Paulo), em março de 1928, fundada por um bispo católico. Recebeu no ano passado o decreto de louvor que a torna congregação pontifícia.

Freiras de um mundo novo, as irmãs missionárias não descuidam do mundo. O seu método de apostolado é o dos primeiros cristãos: ir em busca dos homens para ensinar-lhes a Nova Vida.

"Ter um pé no convento e outro no mundo", dizia o seu fundador, Dom Francisco de Campos Barreto. Assim, a Ordem revolucionária parte para a conquista do mundo, confiante em sua arma: a mansidão de coração. Desejosa de se aproximar ao máximo daqueles a quem procura, a irmã missionária veste para suas saídos uma roupa que lhe permite passar despercebida, o que lhe facilita a entrada em todos os meios onde as conduz a sua bondade. Quem diria ao vê-la na rua, que está diante de uma freira?

A maioria das pessoas não sabe que são freiras, pensam que são moças caridosas ou simplesmente visitadoras sociais, de tal modo as missionárias se distanciam do padrão a que estamos acostumados. As moças, como qualquer outra moça normal, escolhem elas mesmas a côr de seus costumes. Ser feia, nunca foi virtude e diante delas ninguém se sente constrangido.

Voltadas para o mundo, as freiras procuram amansá-lo. Mil e cem adeptas conta já o novo batalhão de Cristo, espalhadas em todo o Brasil.

O Instituto das Missionárias de Jesus Crucificado — êsse é o nome da Ordem — vem ao encontro dos desejos de muitas moças que procuram se consagrar a Cristo sob uma forma que lhes permita dedicar-se aos problemas sociais, pelos quais a Igreja não pode deixar de se interessar, principalmente depois do último papado, que proclamou a necessidade em que está a Igreja de se pôr a par da verdadeira situação de um mundo moderno cheio de problemas e desamparado pela fé.

A Ordem tem por principal finalidade a reconquista, para a religião, das massas que se distanciam delas. Com visão inteligente as missionárias procuram, antes da catequese, fazer a adaptação social, infundindo no povo a noção de que é formado de homens que têm, como tal, uma dignidade que os separa dos simples animais. E' uma tentativa de volta ao humanismo, que sempre foi a doutrina da Igreja.

O objetivo inicial que a Ordem se propõe é, pois, trazer até à condição humana as pobres cabeças que não pensam. Para isso procuram garantir aos pobres um mínimo de confôrto que

lhes permita sair do eterno dilema: hoje há comida; mas depois?

As freiras dêste mundo não hesitam subir os morros, uma a uma cu duas a duas, para não provocar desconfianças. Lá são adoradas as "moças" que dão o catecismo, que conversam e resolvem problemas, levando até assistência jurídica, organizando casamentos, fazendo registro civil, e que chegam sempre com sorrisos e balas, caminho direto ao coração da gurizada; e assim vão ensinando:

— Quem é Deus?

— Não sei, moça.

— Deus é um espírito...

— Chi, moça, então Deus não é católico?

Combatendo a compacta ignorância, vão evangelizando, no exercício de uma verdadeira Missão dentro da própria cidade.

As freiras missionárias, não se canham: de manhã estão cedo na rua: visitam casas, apartando brigas, a proteger as crianças da ignorância dos pais a quem esclarecem, e colocam seus protegidos. Na sua sede, que não é delas e se chama **Casa da Empregada**, recebem as crianças para que as mães possam ganhar a vida. À tarde partem de novo, para o presídio, para os morros ou escolas. Levam a vida cheia de qualquer moça moderna e sabem empregá-la ùtilmente.

Vida cheíssima devemos dizer, porque depois das sete horas da noite novamente abrem sua casa para que nela funcionem cursos de alfabetização e profissionais (costura e cozinha).

A **Casa da Empregada** está sempre cheia. A bondade das irmãs desarma e as domésticas se entregam de corpo e alma àquelas que lhes abrem novos horizontes, e lhes ensinam também quais os direitos e deveres que têm como domésticas.

O serviço deixa de ser para elas uma escravidão animal para se tornar uma obrigação social. Pudemos constatar que as domésticas se sentem mais satisfeitas, porque não se sentem simples bestas de carga e ao mesmo tempo desempenham melhor suas funções.

Aí é a sua casa, aonde elas sempre que podem. O domingo da **Casa da Empregada** é sempre animado. As Missionárias estão o dia todo à disposição daquelas que as procuram. Montam-se peças teatrais escolhidas e representadas por elas mesmas; organizam-se jogos, passeios e cinemas. As associadas pagam por tudo isto — alegrias, aulas, diversões — cinco cruzeiros que servem para custear as representações.

As irmãs mantêm ainda um curso de formação pre-nupcial, assistência médica e dentária. E' assim a **Casa da Empregada**: tudo é delas, nada se esquece, nem os aniversários que as irmãs festejam por grupos, de três em três meses. (Algumas das fotos desta reportagem mostram justamente um dêsses aniversários coletivos).

(Cont. na pág. 14)

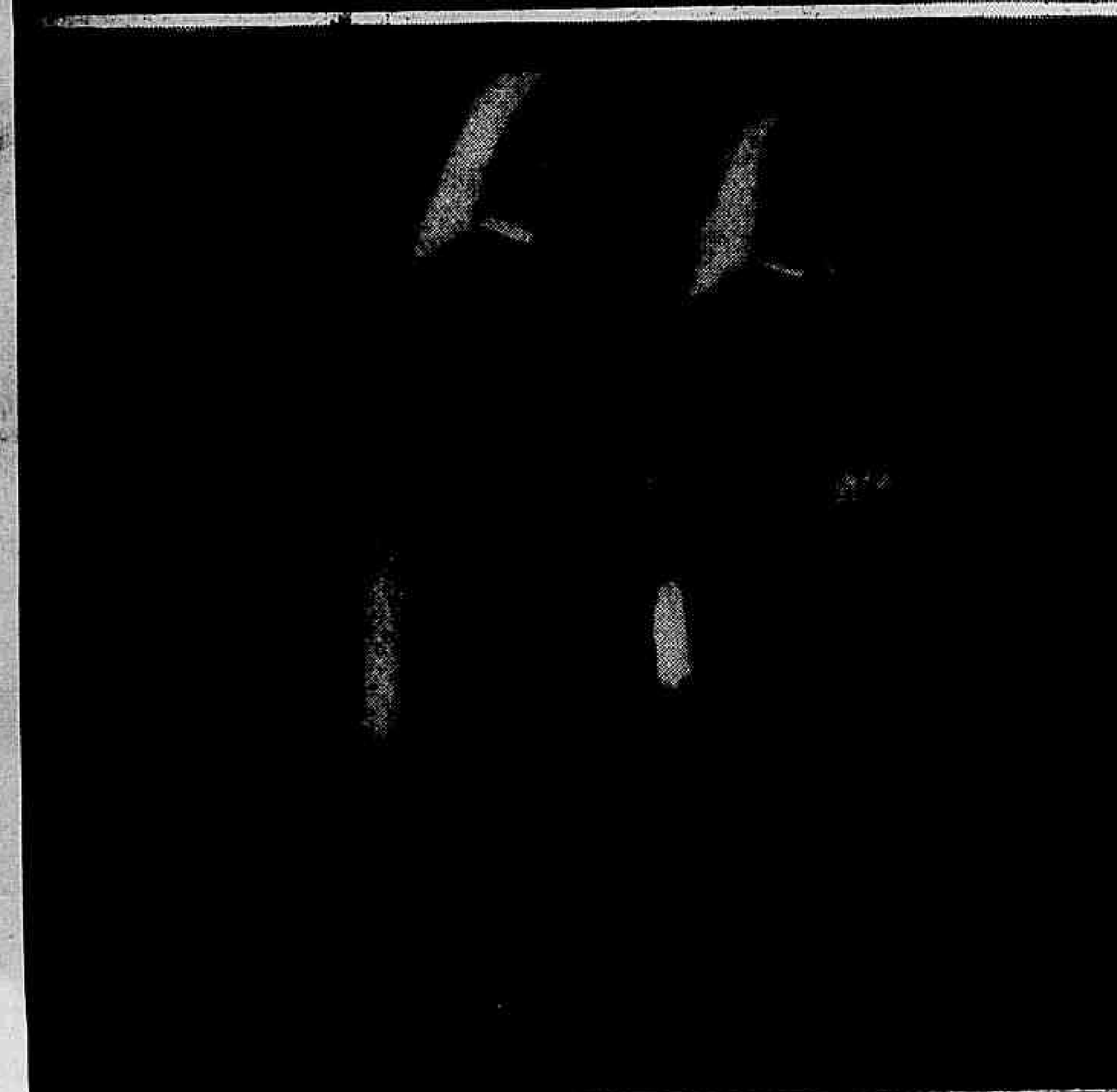




Na festa de aniversário das associadas (acima) Irmã Neusa enche copos de refrêsco. No detalhe (ao lado) a mesma Irmã vestindo hábito.





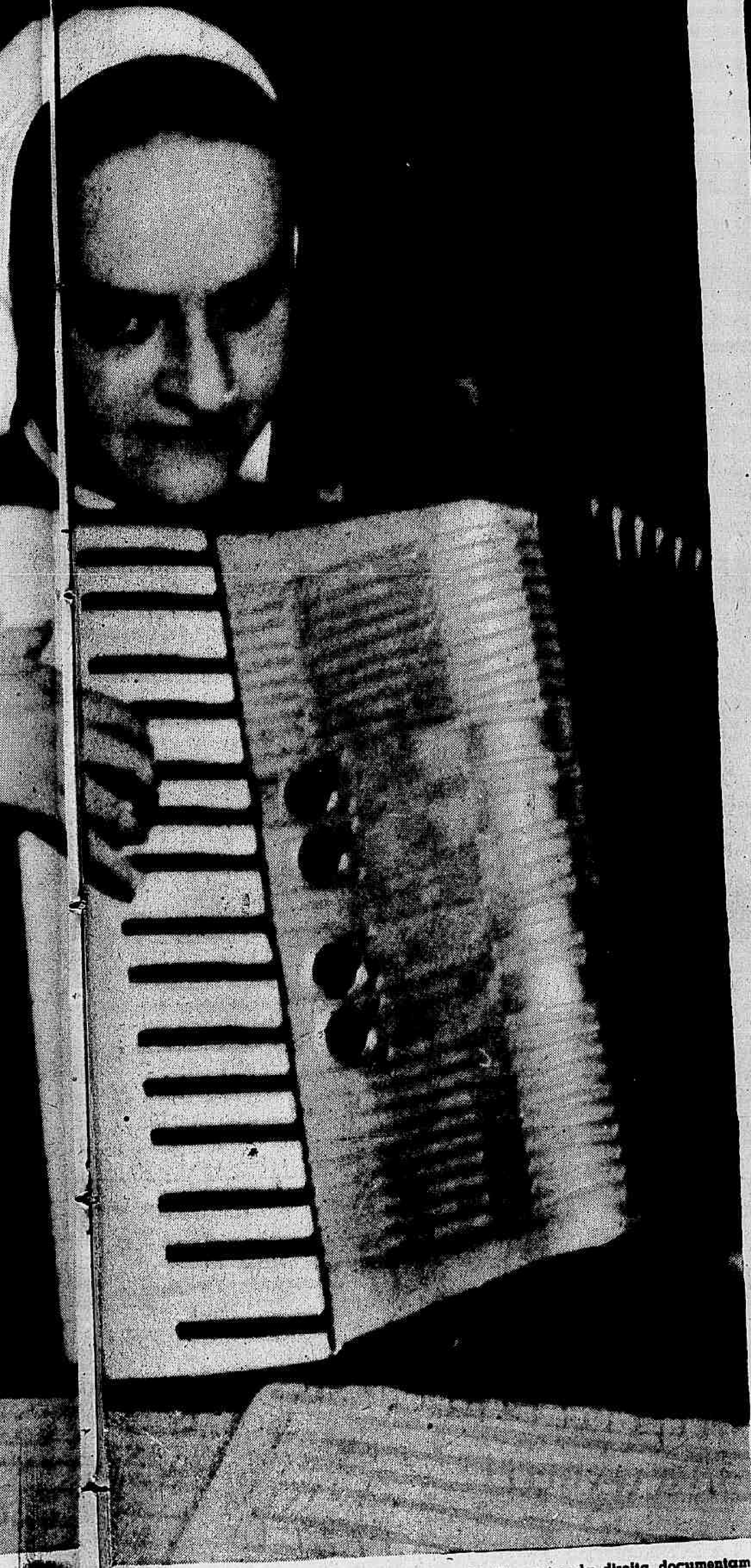


ENTRE A DEVOÇÃO E O TRABA LHO



AO CENTRO, num momento de folga, Irmã Anita distrai as associadas co acordeon. As fotos da ezquerda mostram: (1) — O altar da Capela; (2) — aspecto do altar quando um irmã ascende as velas; (3) — Irmãs quando

BA LHO UM MOMENTO DE REPOUSO









co
—
ado

vessavam o pátio em direção ao claustro. Os flagrantes da direita documentam
o serviço externo das Irmãs: (4) tomando um taxi para a cidade onde têm tarefas
a realizar; (5) — fazendo Compras; (6) — Irmã Elza abençoa os guris da ladeira.



As Irmãs atendem pacientemente a todos...



...partem o bôlo de festa, servem o café...



...promovem e assistem aos jogos de vólei.

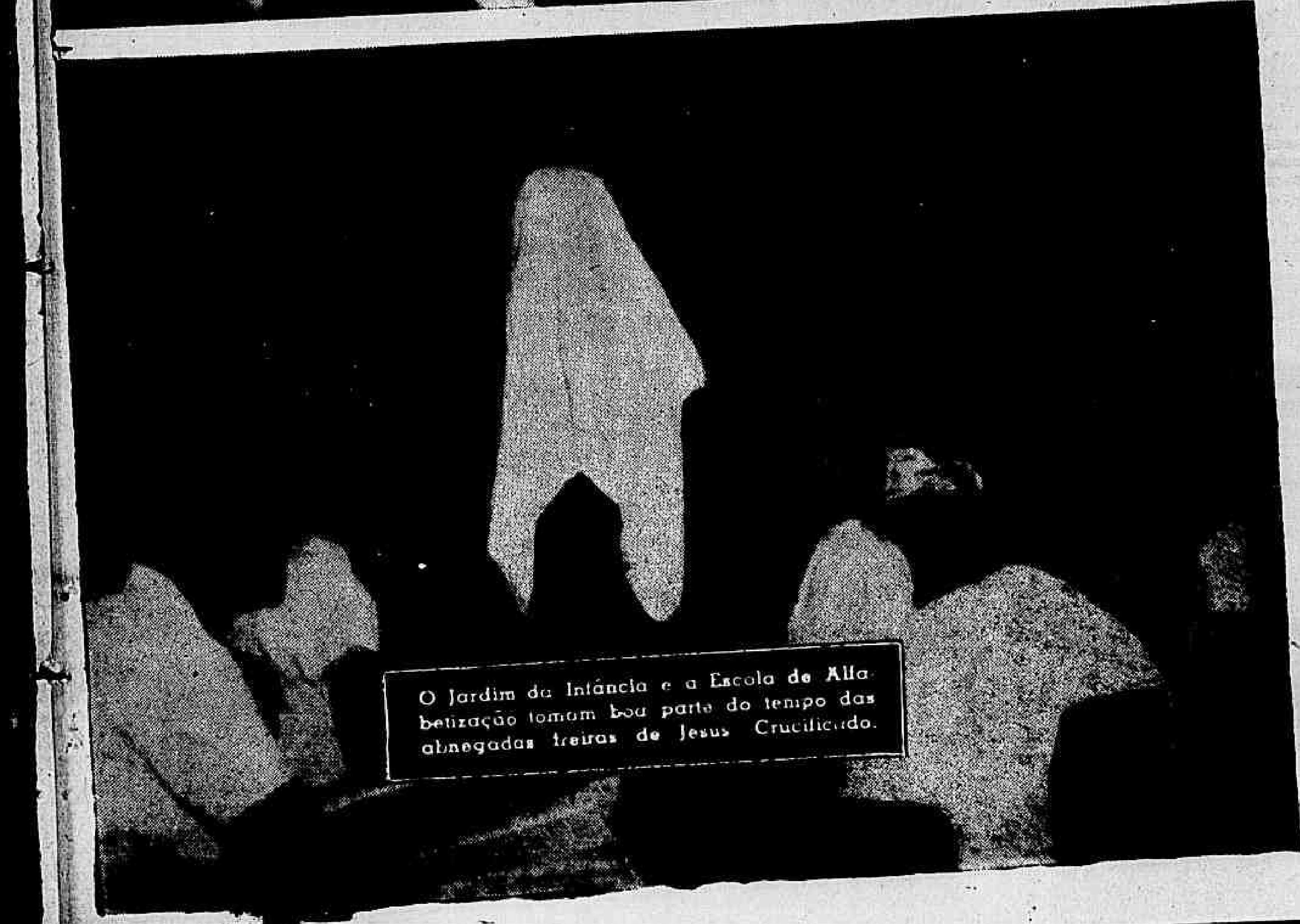




Irmã Neusa trata carinhosamente os garotos ligados à Obra, tal como fazem tôdas as suas companheiras de congregação.







O Jardim da Infância e a Escola de Alfabetização tomam boa parte do tempo das abnegadas freiras de Jesus Crucificado.



Enquanto Irmã Neusa conversa com a repórter...



...Madre Dirce (Superiora, a de claro) sorri...



...Irmãs Neusa e Elza aturam os garotos da



(Resumo da parte já publicada)

MARY BALLARD, órfã de pai e mãe, vivia em grande casa acastelada em companhia de suas tias Frances e Isabelle. Para fazer face às despesas, ela resolvera, à revelia das tias, alugar um dos cômodos a um senhor funcionário público, que vivia só. No dia do casamento de sua irmã Constance, Mary foi mostrar o apartamento na «Câmara da Tôrre», sendo fechado o negócio. O casamento de sua irmã mais velha deixou Mary desalentada, ficando apenas com seu irmão Barry, mais jovem que ela. Dentre os que pretendiam a mão de Mary havia um moço rico, de nome Porter Bigelow, mas que não era correspondido por ela. Porter tudo fazia para atraí-la; mas Mary não cedia, razão por que lhe pôs o apelido de Mary Rebelde. O inquilino da casa, Roger Poole, começou a apaixonar-se por Mary, em silêncio. Numa festa do «Dia de Graça», êle apareceu na reunião íntima, integrando a festa como um dos convidados, além das pessoas da família. Nessa ocasião declamou um poema e se tornou o centro de tôdas as atenções. Mary ficou encantada; mas não dava nenhuma demonstração de estar apaixonada por êle. Uma das tias de Mary, Isabella, solteirona e muito surda, tinha confidências com a sobrinha, e se mostrou interessada no casamento da moça com Porter. Na noite do Natal novamente foi convidado, mas Roger não aceito. Mary o convidou para a Missa do Galo, e novamente êle declinou, agradecido, do convite. Houve uma árvore de Natal e um mundo de presentes. Roger sentia aumentar sua paixão para com Mary, mas não se achava com coragem para declarar-se. A diferença de idade era um entrave. Depois do Natal estava sòzinho em seu apartamento, com a gatinha Pittiwitz ao colo, enquanto lia um livro, quando Mary pediu licença e entrou. Roger ouviu dela, então, uma novidade sensacional: Mary desejava ser estenógrafa, trabalhar num dos Ministérios. E fôra ouvir a opinião de Roger. Mas o inquilino era de opinião que ela devia casar-se, dedicar-se ao lar e não ficar arquivada numa repartição pública. Mary estava sèriamente preocupada com a ausência de Barry, e quando soube que um dos seus companheiros de farra era Jerry Tuckerman, ainda mais preocupada ficou. Roger se ofereceu para telefonar para o Country Club, procurando comunicar-se com o irmão de Mary. Esta aceitou; mas quando Roger ia telefonar, chegou Barry, descendo Mary para recebê-lo. Levou-o ao seu dormitório e ficou a meditar do lado de fora sôbre certas atitudes de seu irmão. Roger a viu assim, lá de cima, e adivinhou o quanto aquela moça estimava o irmão mais moço. Leila e Delilah foram com Porter, Mary e o general Dick assistir a um exercício de cavalaria e evoluções de artilharia. Quando Barry se encontrou a sós com Leila, declara seu amor. Entretanto, a moça, que havia descoberto em casa de Delilah uma fotografia dêle com dedicatória amorosa, mostra-se decepcionada e confessa sua desilusão. Mas Barry lhe explica que a fotografia fôra enviada a ela e não à outra. Por engano de uma empregada nova é que se deu a confusão. Leila se enche de alegria. Mas o amor entre ambos é coisa secreta. Barry, porém, revela-o à irmã Mary, e esta procura Roger Poole para ouvir sua opinião, mas sem esclarecer de quem se tratava. Roger se oferece para ir buscar Barry, que está ausente de casa e do trabalho, sem ter dito nada a ninguém. Mary não sabe como agradecer tanta gentileza de Roger Poole. Êste vai «descobrir» o fugitivo, que está ao lado de sua doce amada, Leila, numa praia de banho, em companhia do general, seu pai. Roger leva Barry para passar uns dias no campo antes de trazê-lo de volta. E lhe dá conselhos muito úteis. Em setembro todo mundo volta a Washington, inclusive Porter Bigelow. A irmã de Mary também volta, com seu espôso, Gordon. Então êste reconhece em Roger Poole um antigo colega de colégio. Roger confessa que se dedicara à vida religiosa, tendo dirigido uma igreja evangélica; mas depois, abandonara as ordens. Roger acha que terá que confessar a Mary êsse episódio de sua vida, antes que lhe fôsse narrado pelo seu cunhado. Está naquela mesma noite a contar a sua história quando Porter Bigelow intervém e convida Mary para, com outras pessoas da família, darem um passeio de carro. Chama Roger, mas êste agradece e não aceita. Mary não esconde o seu desapontamento. Mas sorri para Poole e lhe diz que, noutra ocasião, ouvirá o resto da história. Não tendo sido possível contar a Mary a sua história, resolveu escrever-lhe uma carta. Depois que Mary leu a carta de Poole, vestiu-se e saiu, dizendo à irmã Constance que ia fazer compras, experimentar vestidos e pagar algumas visitas. Mas, em verdade, foi ajoelhar-se na igreja que freqüentava desde sua infância. Ali está em meditação durante largo tempo, pensando na carta de seu inquilino. Mary convidou Roger Poole para tomar chá em sua companhia, mas êles dois a sós. E entre lírios olorosos e num ambiente romântico, conversam durante mais de uma hora. Mary conduziu a palestra no sentido de Roger voltar às suas funções como pastor de uma igreja. Mas êle parecia recusar, embora estivesse adorando as sugestões e a fôrça de fé que a moça possuía. Logo que chegaram outras pessoas, êle quis retirar-se, mas Mary pediu que ficasse. E quem mais sentiu o impacto foi Porter Bigelow. Quando Mary procurava encher de álcool o fogareiro para servir mais chá, êste incendeia e as chamas ameaçam queimá-la. Há gritos e corre-corre. Mas quem a salva em tempo é Roger Poole, que, num segundo, abafa, apagando as labaredas. Mary teve apenas os cabelos chamuscados num cacho ao lado direito e rendas destruídas de seu vestido. O problema de Barry vem à baila e ela discute o assunto com seu cunhado Gordon, o qual não parece aprovar os amôres do irmão com Leila. Por sua vez, Mary percebe que Gordon não via com bons olhos qualquer tentativa de Roger para entrar na família, casando-se com Mary. A jovem, se bem que não esteja apaixonada como o inquilino, parecia querer ajudá-lo a sair daquele isolamento. A carta de Roger a Mary terminava comunicando que descobrira, numa família de camponeses, um menino de grande vivacidade, embora analfabeto, e que iria ser instruído por êle. Em casa de Mary a situação se inclinava para separar Barry de Leila. Gordon propusera levá-lo para Londres, onde lhe daria emprêgo. Apesar de ter concordado com sua viagem para a Europa, Barry ilude a vigilância dos seus e foge com Leila, casando-se com ela. Leila também finge que vai passar uns dias em casa de uma amiga em cidade próxima a Washington, engana o pai e se une com Barry, mantendo o caso em segrêdo, até que o jovem faça a confissão sensacional ao general seu sogro. Barry estava arrependido do passo que dera e procurava agora conseguir que sua espôsa permitisse que êle fôsse embora com Gordon, mas guardando o segrêdo de seu casamento clandestino. Quando êle voltasse, então, tudo seria revelado e se uniriam. Leila estava possuída de paixão e cai nos braços de seu pai, que não pode adivinhar o que está acontecendo. Nesse interim, Constance dá à luz uma menina e então todos da família e demais pessoas íntimas reunidos no castelo de Mary para o batizado. Naquele dia do batizado da filha de Constance, Mary resolveu falar a Porter sôbre a carta que recebera do Roger. No jardim, ela lha entregou, e Porter ficou consternado diante da fugidia esperança que ainda alimentava de casar-se com ela.

Mary retira sua mão de entre as dêle.

— Você fala como se estivesse certo disso.

— Estou certo disso — tornou Porter. — Vou deixar que você trabalhe durante algum tempo, fazendo o que você bem quiser. Mas, no final das contas, eu a desposarei.

Por ocasião do jantar, Mary revelou o conteúdo da longa carta recebida de Roger.

— Fui nomeada para estenógrafa do Ministério da Fazenda. Devo assumir meu lugar no dia vinte.

De quantos ouviram a novidade, foi tia Frances a primeira que reagiu ao choque:

— Ora veja! Se você fôsse minha filha!

Grace, com os olhos iluminados pela emoção, disse com suavidade:

— Se Mary fôsse sua filha, seria uma submissa como eu sou. Mas, veja lá! Mary não é sua filha!

Gordon estava furioso.

— Que loucura!

Mary se entusiasmou.

— No seu ponto de vista, Gordon. Você julga as coisas tendo a Constance por modêlo. Mas Constance sempre foi feminina e terna, e eu jamais fui assim. Que eu saiba, nunca fui particularmente feminina, nem tampouco doce!

Barry intervém para defender Mary:

— Suponho que Mary sabe muito bem o que deve e pode fazer, Gordon!

— Não há mulher que saiba o que tem a fazer, — obstina-se Gordon — quando se trata de entrar em luta com as condições econômicas. Eu acharia odioso ver Constance tentar ganhar a vida!

— Gordon querido!

Era implorativa a voz de Constance.

— Eu não poderia fazê-lo; mas Mary pode... Apenas isto me desespera, e sinto amargura na alma ao vê-la pleitear um emprêgo!

— Pois eu não — diz Grace em tom firme. — Até a invejo!

Tia Frances fixa na filha seus olhos severos.

— Não estimule a loucura de Mary, Grace! Ambas vocês deviam casar-se com um homem às direitas.

— Mas, que homem seria êsse, mamãe?

Grace, inclinada para a frente, fêz-lhe essa pergunta com ar de dúvida supremamente irritante.

— Há dêles por aí uma meia dúzia à espera de moças assim!

— Belos rapazes, sim; mas homens? Encontre-me um, mamãe, e eu me casarei imediatamente.

— A desgraça de você e de Mary, — intervém Porter — é que vocês não querem um homem e sim um herói!

Grace concorda.

— Com um gorro enfeitado de penas à cabeça e montado em valente corcel, eis o meu Príncipe Encantado, o meu sonho. Mas mamãe se recusa permitir-me ir à Arcádia, onde ainda é possível encontrar-se dêsses cavaleiros...

— Penso, — diz Constante alegremente — que, de tempos em tempos, os encontramos na vida atual, mesmo em nossa terra. Há apenas o seguinte: você e Mary não os conseguem descobrir.

Do outro lado da mesa Gordon sorri para a espôsa.

— Ela pensa que eu sou um dêles — diz êle, enquanto o seu rosto fica ligeiramente rosado. — Ela pensa que eu sou um... e espero que nenhum dentre vocês todos procure desmenti-la.

Sob a mesa, a pequenina mão de Leila procurou a grande mão de Barry. Ela não podia proclamar diante de todos os presentes que também já havia encontrado o seu cavaleiro ideal, e que o adorava de todo o coração.

Tia Frances, muito empertigada em seu vestido de jantar com bordados vistosos, resumia a situação:

— Seria muito cômodo se pudéssemos dar às moças uma dose de senso comum, como lhe damos xaropes para tosse!

— Mamãe!

Mas tia Frances, naquele seu ar de superioridade, não mudou de pensar durante todo o tempo em que era servida a salada. Tinha tanto desejo de ver Grace casada — sua beleza e sua família permitiam esperar um bom partido — mas a moça continuava celibatária, e, o que era mais grave, enfrentando todos os argumentos de sua mãe, e agora, seus direitos a uma perfeita independência de ação.

Tia Isabelle, que se esforçava para compreender de que se tratava, sem poder perceber os motivos daquela discussão, perguntou a Mary, já tarde da noite:

— Que foi que amolou tanto a Frances durante o jantar?

Mary lhe pergunta:

— Acha que estou errada, tia Isabelle?

A solteirona suspira.

— Se você acha que está fazendo o bem, Mary, então é porque isso deve convir. Mas você procura sempre ser um cérebro, querida sobrinha. Mas não se esqueça de que também tem um coração, com o qual é preciso contar!

Mary enrubesceu.

— Bem o sei. Mas não quero que o meu coração fale ainda.

Tia Isabelle lhe acaricia a mão.

— Pois eu penso que êle já lhe falou — diz docemente.

Mary lhe aperta a mão.

— Como o soube, tia Isabelle?

— Nós, os surdos, que temos os ouvidos fechados, possuímos nos olhos uma luz estranha, e vemos tudo. E' uma de nossas compensações, Mary.

CAPITULO XVII

Na tarde que se seguiu ao batismo da menina de Constance, talvez, por simples acaso, encontrou Delilah numa das largas avenidas da cidade, a Porter Bigelow, convidando-o a ir a sua casa tomar chá com ela.

Havia certas coisas que Delilah pretendia obter de Porter. Era até possível que desejasse muito mais do que poderia esperar. Naquela tarde, porém, ela meteu na cabeça a idéia de saber se êle consentiria em acompanhá-lo no "garden-party" da Casa Branca. Colin Quale era pequeno e louro e, por causa de seu talento, sua presença aumentava a distinção nas entradas e saídas de Delilah nos salões. Mas, para os fins que ela tinha em vista no momento, era-lhe indispensável outra coisa mais im-

Insatisfeita

Novela de IRENE TEMPLE-BAILEY

portante do que o simples talento. Entre os convidados mais distintos para assistirem à recepção, desejava ela própria conseguir grande significação, por si mesma.

O porte esbelto e elegante de Porter, com sua estatura acima do comum, daria excelente nota de atração junto a ela, valorizando-lhe o belo vestido que iria envergar naquela noite. Socialmente, a posição de Porter era inatacável: — possuia fortuna, mocidade e encantos pessoais. Em outras palavras, êle faria um fundo perfeitamente adaptado ao plano que ela tinha em mira executar.

A velha mansão de Georgetown que os recebera se desenhava sôbre um fundo de arbustos e touceiras em flor. De cada lado das aléias, renques de tulipas coloriam o jardim. Pequenos cedros verdes apontavam aos céus suas flechas agudas.

Logo que Porter e Delilah entraram, apareceu Colin Quale.

— Entre, — diz êle — entre depressa. Quero que venha ver o que acabei de pintar para você.

Êle falava diretamente a Delilah. Até parecia que êle não dera pela presença de Porter. Êle estava sempre cego a tudo o que não estava perfeitamente dentro dos fatos que o seu gênio havia criado para Delilah Jeliffe. E agora havia êle inventado uma tualete para ela, que faria a glória de Delilah e a do próprio autor. Os recém-chegados o seguiram através de vasto "hall" em direção a um aposento que ficava por detrás da casa, no qual êle havia instalado o seu "atelier". Era naquele recanto onde uma amendoeira em flor estendia seus galhos sôbre um fundo verde, que êle concebera sua criação.

Uma aquarela sôbre o cavalete, representava uma jovem vestida de branco, semelhando a uma rainha ou imperatriz adolescente. Seu vestido participava da moda corrente, mas sem qualquer servilismo. Nesse vestido havia grande distinção. Aqui e ali, um toque colorido que Clin explica.

— Será inteiramente branco, com babados vaporosos e um "dessous" rosa muito pálido como as flores da amendoeira. Terá ainda um lacinho verde à cintura, um pouco de azul celeste no chapéu, com um véu que se prenderá por detrás. Veja bem! Teremos assim, o prado, as flores, uma nuvem branca, tôdas as delicadezas de coloridos de uma floração primaveril.

Foi difícil arrancá-lo destas explicações e trazê-lo à mesa de chá para tomar uma xicara do Delilah e seu convidado. Enquanto ela enchia a xicara do desenhista, Porter os observava atentamente, a ambos, muito interessado e achando até graça no entusiasmo de Colin, que lhe parecia algo pueril para um homem que teria podido, realmente, fazer qualquer coisa nos domínios da arte.

— "Ela o desposará um dia" — raciocinou Porter falando para dentro de si mesmo, e Delilah pareceu adivinhar seus pensamentos, pois, quando ela deu permissão a Colin para voltar ao seu refúgio artístico, sentou-se ela em confortável poltrona e contou a Porter como encontrara Colin e se fizeram amigos.

— Vou principiar pelo justo comêço — diz ela. — E' muito divertido para ser verdade, e isto só poderia acontecer a qualquer outra pessoa que não a mim e a Colin. Estávamos no último verão, quando eu fui em companhia de papai para a costa do norte. Instalamo-nos em grande hotel, mas eu estava louca

(Cont. na pág. 53)

Tradução de RENATO DE ALENCAR
Ilustração de JERÔNYMO RIBEIRO



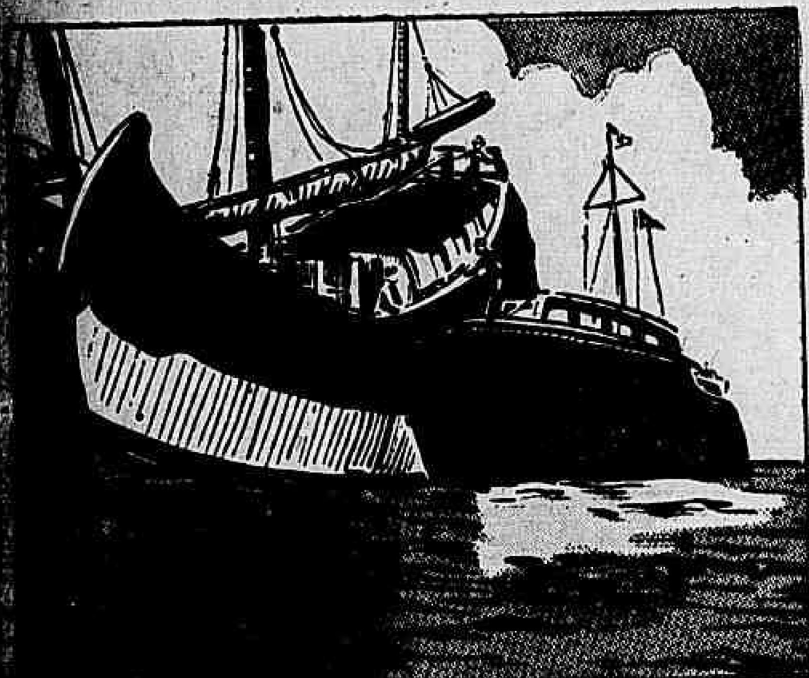
AVENTURAS DO CAPITÃO ROB
O IMPÉRIO CELESTIAL







19 Como as jovens disseram a Rob, íam encontrar a frota mercante de Lu Ling, dono de uma frota de veleiros. Quando o "Pandora" avistou um junco chinês e se dirigiu para lá, todos pensavam que se tratava de um dos barcos do tio do estudante Chung Chi. Por sua vez, quando a tripulação do navio oriental, sob o comando de Tough Tony, um holandês que se associara a Ho Ming no comércio de ópio, viu aproximar-se a lancha, julgou que se tratava de barco policial e se preveniu. E Rob perguntou: "Laopan Lu Ling está aí com vocês?" Perceberam que não era da polícia; e Tony deu ordem para que a visita subisse...







20 "Laopan (capitão) Lu Ling", grita para êles um tripulante, "está e os convida a subir". Rob se vira para os companheiros e diz, alegremente: "Não estamos mesmo com sorte?''. E pula para o junco chinês, sendo guiado por um tripulante todo amável. As moças o seguiam. Quando Rob vai transpondo a porta do beliche do capitão Lu Ling (segundo pensava) é surpreendido com outra recepção: Ho Ming, o contrabandista de ópio surge e lhe aponta um revólver. "Mãos ao alto, capitão!''. Caíra numa armadilha. Era inútil lutar. Ficou à mercê daqueles piratas e deixou que o episódio seguisse o seu curso normal.







21 Rob não tem mais ilusões. Caíra em poder de salteadores dos mares orientais. Marga e Willy são também aprisionadas e conduzidas para bordo. Os três prisioneiros são amarrados no camarote de Tough Tony, o holandês a serviço do contrabando de ópio. E lhes diz cordialmente: "Muito bem, muito bem! Vocês parece que estão muito interessados nos negócios de Lu Ling!" E prosseguiu em bom inglês: "Acho, porém, que êle não os possa receber". Seu barco se perdeu faz algumas semanas!". "Sua pronúncia é de holandês", diz Rob, ao que replica Tony: "Sim, meu nome é "Taaie Toon". Era capitão de Piratas.

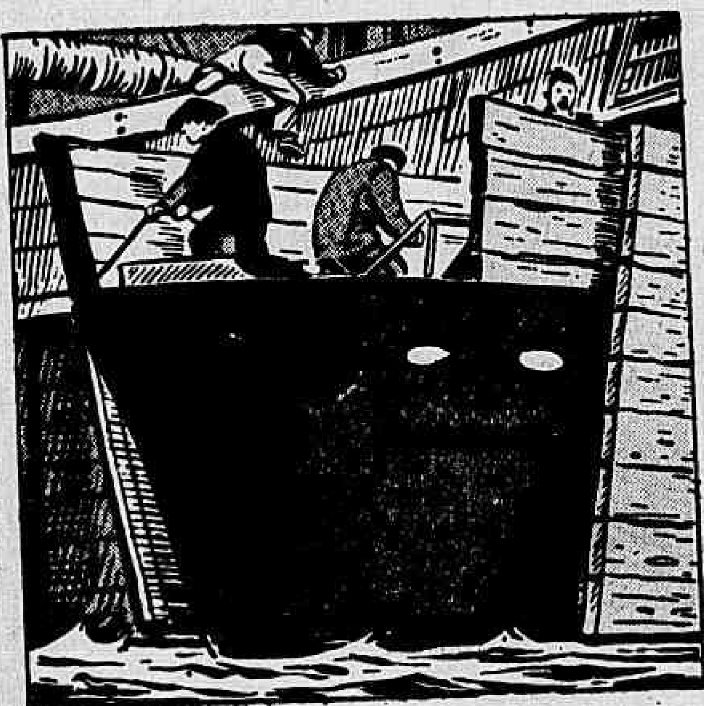
RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA — O cap. Rob ia navegando com o seu "Liberty" pelas águas do Pacífico, levando a bordo apenas seu cão "Skip", quando se viu acossado por terrível tempestade. A bordo levava êle uma mala contendo o tesouro de um pirata, e teve a impressão de que, tanto êle como o seu cão, viram o fantasma de "Pepe". Antes de naufragar, emitiu sinais de SOS; mas, antes de ser socorrido por uma lancha chamada "Pandora", foi a pique e lançado à praia exausto, com seu cão. Quando Marga e Willy, duas moças esportistas chegaram, deram-lhe auxílio, levando-o para bordo da "Pandora". Ali Rob lhes contou suas aventuras. Elas decidiram retirar do fundo do mar o baú com o tesouro, e o fizeram com êxito. Voltando à cidade em que moravam, Rob manda construir outro barco, e volta às aventuras com elas, antes de ficar pronto o seu. Nos mares da China são aprisionados por piratas contrabandistas de ópio.

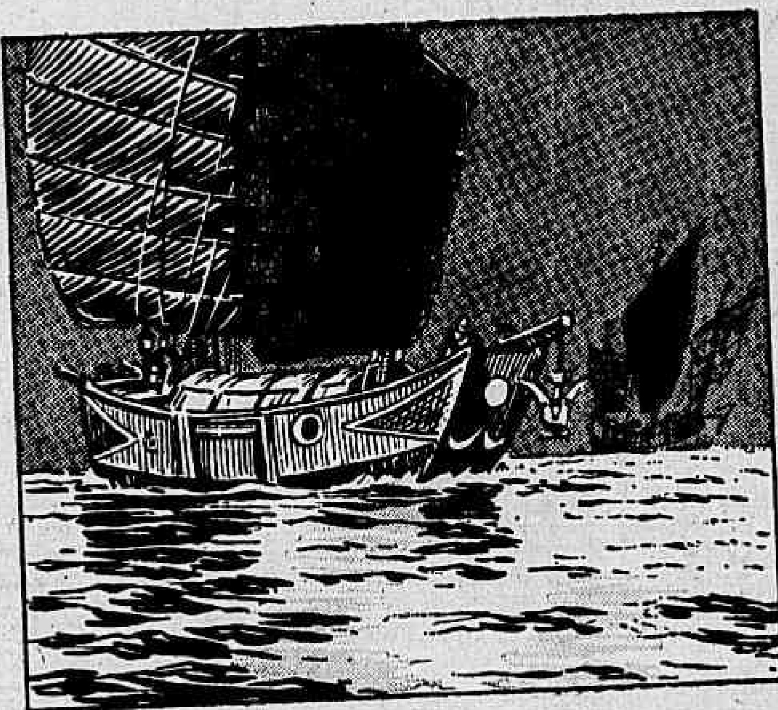


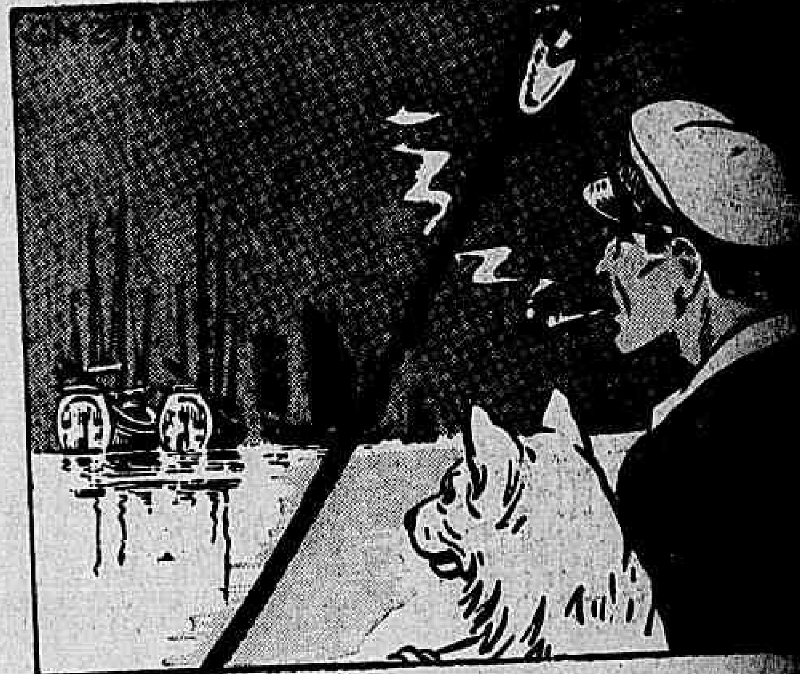




22 Momentos depois dêsse diálogo, ordenou Ho Ming, de acôrdo com Tough Tony (Taaie Toon, em holandês), que os prisioneiros fôssem desarmados. As duas moças não se mostravam medrosas, embora percebessem que corriam perigo. São libertados e lhes oferecem um "drink". Ho Ming lhes diz que havia inconveniência em navegarem com aquela lancha, pois seriam tomadas barco-patrulha. Era preciso transformá-la num junco. Êle os convidava para cruzeiro de pirataria. As moças se entusiasmaram com a idéia. Seria um motivo para jornalistas. Ho Ming se prontificou a converter "Pandora" num







23 O plano de Ho Ming foi executado com uma presteza e exatidão admiráveis. A veloz e possante "Pandora", em menos tempo do que se esperava metamorfoseou-se num típico junco oriental. O capitão holandês estava radiante com a prêsa, pois, assim, contaria êle com um barco de excelente marcha para as entregas de ópio ao receptador Wang Hang. Rob estava cada vez curioso diante do desenrolar daquela aventura inesperada, e as duas apesar de sempre desconfiadas e ariscas, não podiam deixar de estar diante do acaso que as convertera em cúmplices involuntárias de contrab







24 O junco de Wang Hang, o comerciante que recebia o ópio de Tony, estava fundeado no pôrto da enseada dos contrabandistas. Era um barco maravilhoso, dotado de muito confôrto. Logo que Tony foi reconhecido, o saudaram contentes. Tony ordena a Rob: "Pegue êsses volumes de ópio e os traga para bordo do barco de Wan Hang". Rob estava ainda sem compreender como que um capitão holandês, um homem como Tony, se deixara envolver por comércio tão sujo como era aquêle dos mares da China! Mas era o resultado pantoso dêsse tráfico ilícito, dando lucros imensos aos astuciosos contraband

INSÔNIA DO SUPERTÍMIDO

SOMBRAS negras e difusas bailam pelas paredes. A luz verde do «abat-jour» do criado-mudo derrama uma claridade fria e crua, fazendo os móveis de meu quarto parecerem fantasmas negros e quietos, escondidos na meia-luz.

Debaixo das cobertas, meu corpo cansado não consegue repousar. Suores frios me brotam na fronte, minha bôca está amarga e o terror de tôdas as noites se apossa de mim, lentamente. Lentamente, mas de modo dominador e inflexível...

Quantas noites iguais a esta? Nem sei. À luz do dia, as ocupações cotidianas conseguem a custo dissipar as trevas de minh'alma. Mas quando chega a noite... A escuridão, a solidão, as longas horas, os longos minutos que distilam lentamente no velho relógio da varanda, cooperam de modo bárbaro para que cresça em meu espírito, essa mágoa que há anos domina meu ser.

Deitado na cama, viro de um lado e de outro. Meus olhos angustiados olham ansiados para a janela, desejando com tôdas as fôrças do mundo, o dia que não chega. Zumbidos longínquos, um grilo que canta, o apito demorado e irritante de um guarda-noturno, entram-me nos nervos, e uma cousa desconhecida como bola de ferro me sobe à garganta, sinto vontade de gritar pela luz, pela vida, mas um temor me assalta de repente. Domino-me. Meus criados podiam pensar que estou louco.

E a angústia se apossa de mim, impiedosamente. Calma se aproxima, e me envolve fria e cruel. Tenho mêdo da noite. E' a eterna confidente; os pensamentos, as recordações e saudades, que a custo soterramos no esquecimento com o auxílio do dia, nos vêm à mente, claros e vibrantes, em sarabanda infinda Os remorsos, os recalques, os amôres contrariados, surgem em desfile patético, e a paz tão desejada, desaparece. E minhas lembranças e mágoas são tantas! Tantas e tão angustiantes!

Não consigo mais me dominar. Qual! Creio não haver mais remédio. Será que fui o culpado de tudo? Por que me deixei criar assim? Por que não sou frio, cruel, materializado? Por que não tenho no peito um bloco de gêlo, um pedaço de ferro? Como são felizes os homens sem coração! Os egoistas, os materializados, os auto-suficientes, pululam pela vida alegres e de cabeça erguida, seus olhos não vêem as misérias, amam o dinheiro, respiram dinheiro, e no amor só pensam em carne. São hipócritas, insensíveis, têm sorrisos para tudo, progridem sempre, pois o romantismo tolo não os estraga, o amor, o verdadeiro amor não os assalta, e como são felizes êsses homens! Estão enquadrados, adaptados ao meio atual, onde quase sempre só as máscaras, o Deus-dinheiro, as roupas vistosas, os prazeres sensuais, valem!

Onde estão os bons sentimentos? Onde estão as boas amizades, os risos amáveis, as abnegações, em que eu, tolo de mim, me deixei embalar pelos romances que lia em pequeno? Pobre de mim! Por que me deixei cegar? Hoje sou um deslocado, neste mundo onde só valem as máscaras, a superfície, a hipocrisia. Mas que culpa tenho? Eu deixei-me cegar!

Ah, se eu pudesse recomeçar! Se soubesse o que sei hoje, criaria outra personalidade, não seria a figura à parte que sou. Seria um homem frio, cruel, materializado, e havia de ser feliz!

Quantas recordações me vêm à noite... Lembro-me tão bem de minha infância, do modo como fui criado. Filho único na família. Papai morreu jovem, deixando regular fortuna, e o velho casarão em que habito sòzinho até hoje. Mamãe, inconsolável com a repentina perda de papai, internou-se numa casa de saúde, e lá ficou apática a tudo, pouco ligava a mim.

Tia Lúcia, tia Maria, tia Rute, as velhas parentas, cuidavam de minha pessoa. Eram três solteironas amargas e desiludidas, e beatas até no ar que respiravam. E comigo davam vasão ao instinto maternal recalcado, eu era um objeto, uma válvula de escapamento para suas almas ansiosas por alguém a quem se dedicar.

E eu criei-me assim. Um trapo sem vontade, dominado pelas três sombras puras e negras que viviam em casa. Saturadas pela moral cristã, almas imaculadas como lírios. Mas... com elas me estragaram!

Nunca me deixavam sair à porta. Aos domingoes ia com elas à missa; à noite, à reza ou à novena.

Os moleques da rua que hoje são homens práticos e auto-suficientes, chacoteavam de mim. Uns diziam-me «orgulhoso», outros «molóide».

Parece-me ouvir ainda as vozes roucas e autoritárias das velhas sempre me recriminando:

— Não faça isso!

— Que é isso, menino? Não fale assim! E' pecado!

— Seja bonzinho, senão você vai para o inferno!

— Não brinque com os moleques!

E eu acreditei nelas. Deixei-me impregnar por aquela doutrina tola. «Seja bonzinho! Seja bonzinho!» Livros de histórias, de castelos e belezas, elas leram para mim. Avultou em meu espírito a firme crença de que o mundo era feito de sorrisos amáveis, bondades e gentilezas. Para mim tôda a humanidade vivia trajada a rigor, as damas puras e meigas, com longas túnicas esvoaçantes, e os cavalheiros audazes e destemidos, prontos para um sacrifício pelo próximo. Tudo beleza e bondade. Mas como vejo agora o triste contraste! Ah, tias de minha infância, por que me cegaram? Por que não me ensinaram a ser esperto, a conhecer o mundo e suas misérias? Sonhar é bom; mas como é triste o despertar

Consegui apesar de tudo ser alguém na vida. Formei-me em Direito, tenho alguma cousa de meu, entre outras cousas, o casarão em que vivo.

E como lutei no colégio! A qualquer palavra minha, a qualquer insinuação que fazia, notava risos escondidos, olhos que me ridicularizavam. Se oferecia alguma sugestão em algum caso, logo surgiam os «contras» daqueles colegas calejados da vida:

— Você é dêsse tempo, rapaz? Por que não se faz padre?

E eu fui sempre um deslocado.

No baile de formatura, vivi a pior noite de minha existência. Moças vibrantes de vida, borboletas fúteis, ansiosas por um galã atrevido, pululavam pelo salão. Cheio de respeito cheguei a uma delas. Dancei com ela respeitosamente, e lá no fundo do meu ser, sólidas raizes de simpatia foram nascendo. Achei-a bonitinha. Troquei com ela algumas palavras, que me respondeu de modo sêco e distante.

Tentei tirá-la outra vez, e não consegui, ela esquivava-se.

Mais tarde, então, eu vi pela janela, que ela beijava um rapaz, entre os arbustos do jardim do colégio. Êle a enlaçava voluptuosamente, com as ávidas mãos percorrendo-lhe os seios. Vendo aquilo senti nojo à vida. Aquela garôta moderna, contraste vivo das quais com que eu sonhara, preferiu um rapaz daquele naipe ao meu respeito, e deixava-se entregar molemente, cheia de prazer, às suas carícias obcenas.

Mas... êles tinham razão. Êles pertenciam à nova era. E eu sou um tolo, um inadaptado, um extra-tempo.

Ah, tias de minha infância, como vocês me estragaram!

★

Procuro uma decisão e não encontro. E' necessário adaptar-me à vida. Preciso renascer de novo. Essa timidez doentia, êsse temor de tôdas as cousas, já darão cabo de mim.

Creio não haver mais jeito. Meu feitio, minha personalidade já está formada. Que remédio, pois?

Agora tôdas as naites essa insônia me assalta. Relembro amargamente êsses meus 25 anos estragados por esta cegueira. Não vejo mais horizontes claros em minha frente. Tudo é negro e incerto...

Mas por que contei tudo isto? Por que me desabafei assim? E' porque estou amando. Algo parecido com as heroínas dos romances que li em pequeno, algo que parece ter saido de um velho quadro que amei em criança, me surgiu à frente. Já falei a ela e palavras frias de desprêso foram a resposta. Agora luto para esquecer êsse amor, quero e não quero com tôdas as fôrças de meu coração.

(Cont. na pág. 52)

Conto de WALDEMAR IGLEZIAS FERNANDES

Ilustração de GIL RIBEIRO

AS BAILARINAS DESCALÇAS

TRÊS JOVENS BRITÂNICAS VOLTAM AO ESTILO DE ISADORA DUNCAN ★ O "DOWN UNDER" SERÁ A "DANÇA DO CANGURU" DE QUE FALAVA A LETRA DE UMA NOSSA MARCHA? ★ CONTORSÕES, BALANCEIOS, PINOTES E DISTENSÕES CONSTITUEM AS PRINCIPAIS EXIGÊNCIAS DA NOVA MODALIDADE DE "BALLET"

(Texto na página seguinte)





EM BAIXO — Os velhos frequentadores do parque de [illegible] vêem cada manhã a paz e a tranquilidade de [illegible] jardins [illegible] pelas [illegible] das três jovens australianas que vão se exercitar no "down under". No alto, detalhe de pés que [illegible] da [illegible]

AS BAILARINAS DESCALÇAS

TRÊS JOVENS AUSTRALIANAS — e as vemos em vários lances desta reportagem — voltaram a prestigiar o ritmo livre preconizado por Eleonora Duse, a famosa bailarina que revolucionou a arte do bailado, quebrando as formas do estilo acadêmico.

São conhecidas como as "bailarinas descalças", porque não usam os sapatos de "ballet" costumeiramente adotados no palco. E' a céu aberto, aproveitando os espaços livres que realizam seus exercícios de aperfeiçoamento, exibindo num velho parque londrino suas leves silhuetas mal veladas pela gaze dos seus trajes e pela cortina da bruma matinal.

No primeiro dia o parque de Barnes, freqüentado em suas primeiras horas por velhos que vão tomar a fresca e donas de casa que se dirigem ao mercado, espantou-se com o espetáculo inédito que vinha modificar o silêncio e a gravidade de seus gramados. Mas o espanto logo fêz lugar ao prazer dos olhos. As velhotas talvez ainda se aborreçam por ver tanta mocidade contrastando com suas pesadas formas vestidas de lãs (vão tão distantes os anos em que elas também encantavam!). Mas os velhos já esperam as jovens australianas com ansiedade, para contemplá-las no milagre de suas formas e de sua criação de arte.

UM LANCE divertido da dança das três pequenas, executado por Coralie Hinkly, de Sidney. Êsse passo leva o nome de "scarecrow".

DUAS VELHOTAS que vão às compras, e para isso precisam atravessar o parque de Barnes, são surpreendidas com uma estranha visão...



AO ALTO: As três dançarinas do "down under" ensaiam seus ritmos entre velhas árvores. Em baixo, numa dança exótica da Eslavonia



S BAILARINAS DESCALÇAS





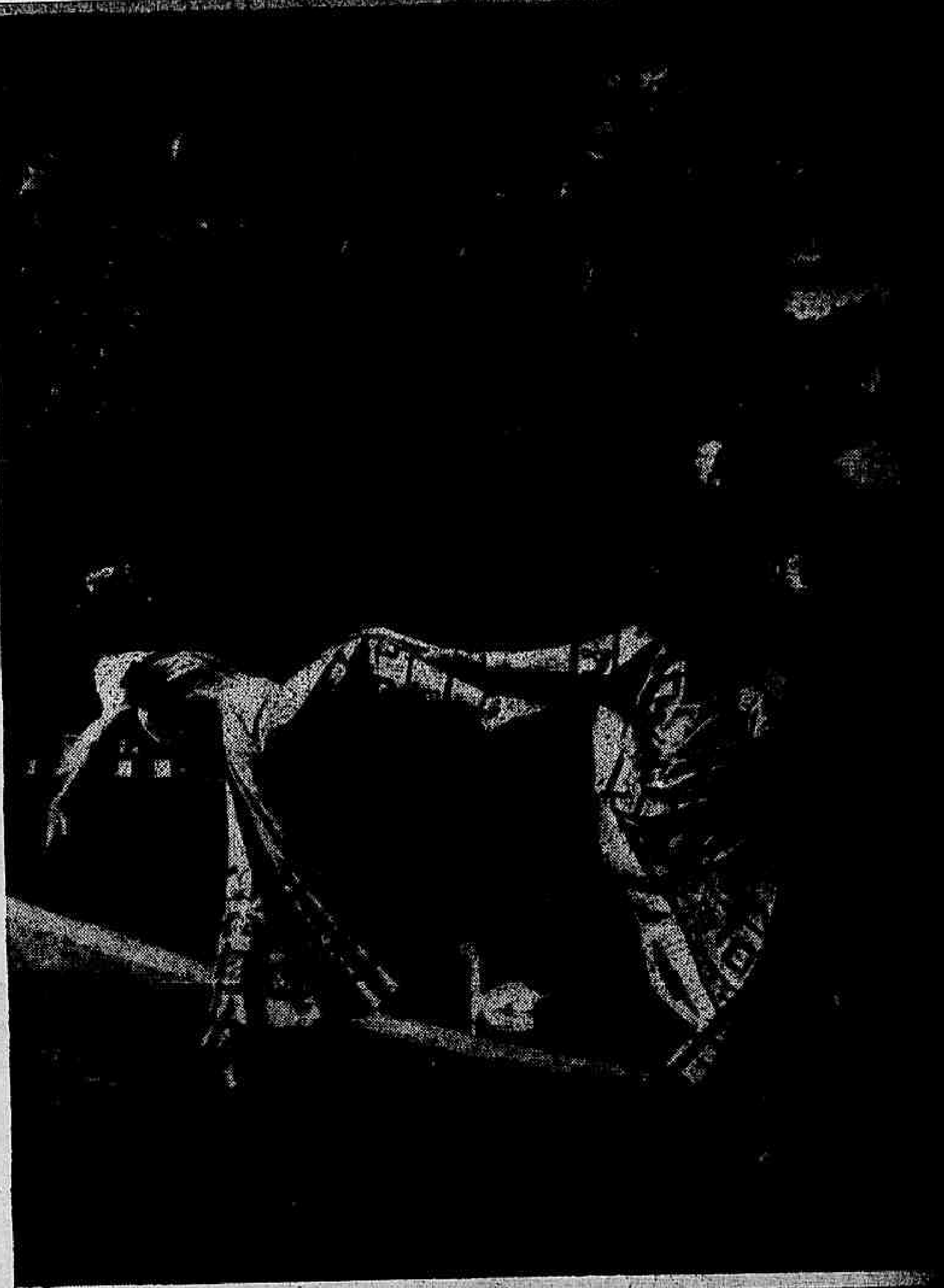
DOIS LANCES de grande efeito na paisagem: o do alto, na dança que elas



M SUAS asas transparentes de
[illegible] no gramado do belo par
[illegible] as três australianas completam
quadro da natureza [illegible]

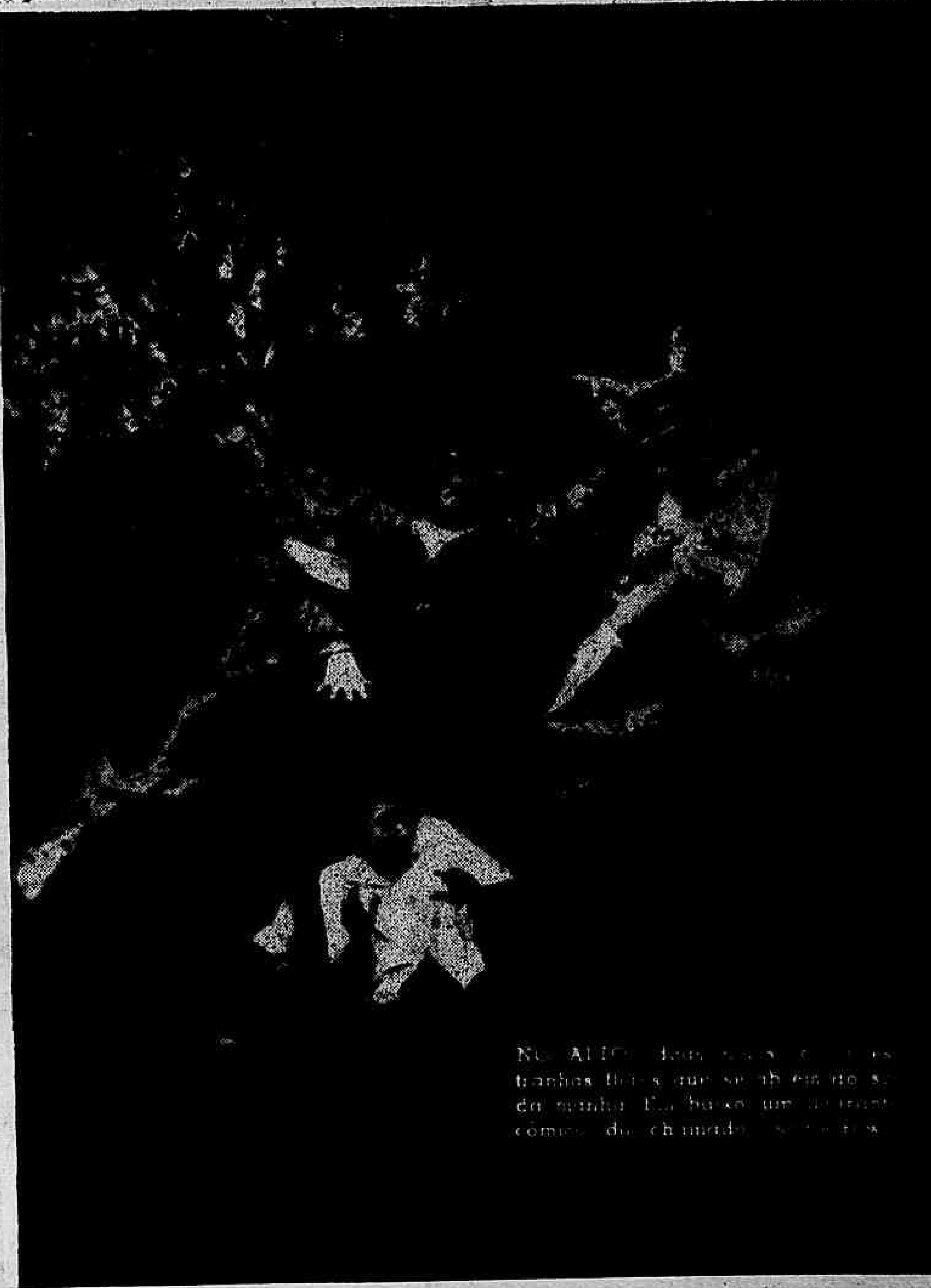




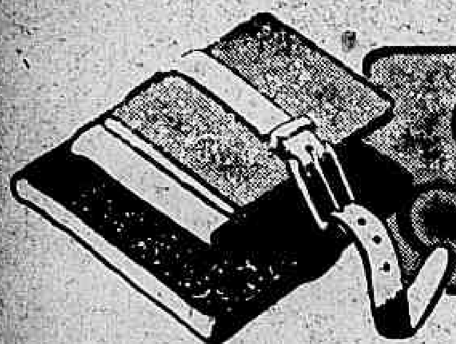


"Danúbio Azul": em baixo, num quadro de perturbadora sugestão.

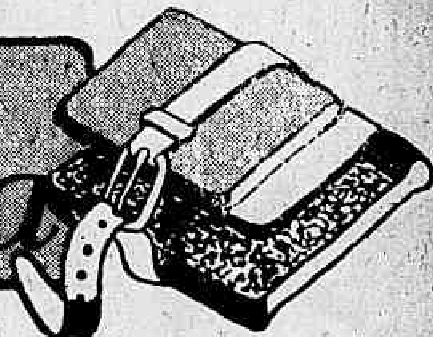




No ALTO [illegible] tranhos [illegible]



Semana Literária



EDMUNDO LYS

JUBILEU DE BASTOS TIGRE

ESTÁ sendo comemorado com o carinho do mundo intelectual brasileiro o jubileu literário de Bastos Tigre, jornalista, poeta, humorista, autor de vários livros e de muitos versos do que de melhor se tem feito entre nós. Meio século de atividades literárias, eis o que estamos festejando, com as homenagens que bem merece um dos intelectuais brasileiros de maior importância, neste meio século.

Entre outras comemorações programadas para o jubileu de D. Xiquote, teve lugar, há dias, o "cock-tail" que lhe ofereceu o Conselho Administrativo da A.B.I., festa que se realizou no terraço da Casa do Jornalista e a que compareceram muitas pessoas amigas, admiradores do poeta e representantes de vários centros do mundo literário brasileiro.

ACADEMIA CARIOCA DE LETRAS

Terminado o período de férias da A. C. de Letras, reiniciou a entidade suas atividades culturais, tendo já realizado sua primeira sessão ordinária dêste ano. Resolveu então aquêle centro de inteligência comemorar o cinquentenário de nascimento, êste ano, do poeta carioca Moacir de Almeida, um dos patronos daquele senáculo.

★

EMBAIXADOR RIBEIRO COUTO

Por decreto do Presidente da República, foi elevada à categoria de embaixada a representação diplomática do Brasil em Belgrado, capital da Iugoslávia. E' um ato de reciprocidade, de acôrdo com as normas e tradições internacionais, uma vez que ainda no ano passado o mesmo fôra feito pelo Govêrno daquele país, chefiado pelo marechal Tito, em relação à sua representação no Rio de Janeiro. O escritor e diplomata Ribeiro Couto, nosso ministro em Belgrado e que foi, há pouco, um dos principais integrantes da nossa delegação à Conferência das Nações Unidas, em Paris, naturalmente continuará no pôsto, mas já agora na qualidade de embaixador.

★

UMA ESCRITORA DE ONZE ANOS

Ultimamente têm aparecido, no mundo das letras, interessantes vocações literárias, sobretudo por se tratar de escritores e poetas de tenra idade. Está neste caso a gentil Yaramara de Castro Araújo, filha do advogado Joaquim de Castro Araújo Júnior e de sua espôsa, sra. Adalgisa Pizarro de Castro Araújo. Yaramara tem onze anos. A prova de seu legítimo talento literário nós a temos no folheto de "Boas-Festas" que ela nos enviou e onde constam seus primeiros trabalhos, primícias de uma autêntica vocação, tão bem compreendida por seus pais que lhe editaram os pequenos poemas onde se sentem as palpitações de uma fina sensibilidade lírica, embora as ingenuidades (ou principalmente por elas) de uma criança que vê o mundo a que amanhece, através da poesia.

DANIEL ROPS VIRÁ AO BRASIL

Falando há dias a "O Globo", Roberto Assunção, secretário da Embaixada do Brasil em Paris, onde tem realizado extraordinária obra de aproximação cultural franco-brasileira, ora recém-chegado ao Rio em gôzo de férias, deu, entre outras boas notícias, a de que visitará o Rio, pròximamente, o escritor Daniel Rops, o grande romancista católico, bem conhecido entre nós pelo seu livro "Morte, tua vitória onde está?", que pronunciará aqui uma série de conferências.

NA POEIRA DOS ARQUIVOS

SIMPLES, objetivo e de amplos serviços a leigos e profissionais é «Medical English», de Otelo Reis e Osvaldo Serpa, Livraria Francisco Alves, Rio, 1939. E' criteriosa e útil «selections from scientific literature» digna dos dois mestres. O primeiro alcançou o descanso definitivo. Osvaldo Serpa continua produzindo com o senso prático e o fulgor mental a que já nos habituou.

★

MANJAR aos leitores de curiosidades, perfeitamente justificáveis: «... só uma coisa há aqui, que a não entendo, nem haverá quem a declare: que morra enforcado o homicida, que matou à espingarda, ou às estocadas um homem; e que matem Boticários, e Médicos cada dia milhares dêles, sem vermos por isso nunca um na forca: antes são privilegiados, que depois de vos darem com as costas no adro, e com vosso pai na cova, demandam vossos herdeiros, que lhes paguem a peçonha, com que vos tiraram a vida, e o trabalho, que tiveram em vos apressarem a morte...» (Pg. 15 da «Arte de Furtar», edição da Melhoramentos, 1951, com excelente estudo inicial de Carlos Burlamaqui Kopke).

ÁLBUM DE FAMÍLIA



Marques Rebêlo

MARQUES REBÊLO (de seu verdadeiro nome Eddy Dias da Cruz) é sem dúvida um dos grandes nomes da literatura brasileira dêste meio século, tendo conquistado de golpe, em 1927, com "Oscarina", o lugar de destaque que continua a ocupar entre nossos ficcionistas. Mestre do conto, e do romance citadino, êle escreveu aquêle livro (memórias da vida de soldado) depois de ter feito serviço militar, em ser o nosso Courteline, evocador bem humorado da vida de caserna. Entretanto, mudando o que se tem que mudar, como dizemos mesmo em português, êle ficou sendo o nosso Courteline, isto é, um dos raros civis que nos deu, com talento, um pouco da vida militar. Com isso, o humor, também um pouco amargo do mestre francês da vida de caserna. Entretanto, Marques Rebêlo, munido da caderneta de reservista, deixou o quartel na vida e na literatura. Outros livros seus marcam novos sucessos, inclusive os livros infantis que êle escreveu com muita verve e verdadeira alegria, assim dando inestimável contribuição a um gênero mal cultivado entre nós, qual seja êsse, de histórias para crianças.

De "Oscarina" e "Estela me abriu a porta" muita água correu por baixo da ponte e muito escreveu Marques Rebêlo, tudo do bom e do melhor que vamos lendo, como ainda há pouco suas excelentes crônicas da Europa, onde andou viajando e como, sobretudo, aquêle seu irreverente itinerário de Minas, em que êsse agudo comentador do cotidiano que, sem esquecer os direitos do lirismo, tanto sabe causticar com sua ironia, nos deu alguns dos melhores flagrantes que já tiveram Minas como tema. Agora, acaba de aparecer mais um de seus livros e dos melhores que nos deu e dos que possuem as letras brasileiras: "Cenas da Vida Brasileira".

NOTICIAS DE SÃO PAULO

POR MOTIVO do trigéssimo aniversário da Semana de Arte Moderna, realizada em fevereiro de 1922, no Teatro Municipal de São Paulo, o Museu de Arte Moderna realizará uma exposição de artes plásticas, da qual participarão os artistas: Emiliano Di Cavalcanti, Brecheret, Anita Malfatti e outros artistas que participaram da primeira exposição coletiva de arte moderna realizada no Brasil.

★

O POETA Reynaldo Bairão e o desenhista Darcy Penteado receberam em sua nova residência, à Rua Rocha, um grupo de amigos e de artistas, a fim de serem mostrados os últimos trabalhos de Darcy Penteado, inspirados na sua recente viagem à Minas Gerais. Estiveram presentes à reunião: o poeta Cyro Pimentel; a romancista e ensaista Maria de Lourdes Teixeira; o poeta Luis Lopes Coelho e senhora; o poeta Coronel Euryale Zerbini; o casal Hernani Seabra; o romancista José Geraldo Vieira, que recentemente publicou o romance «O Albatroz»; a pintora Diva Burgell Kehl.

★

MARIA DE LOURDES TEIXEIRA, autora do já célebre ensaio «As Apaixonadas de Goethe», acaba de terminar para a Cia. Melhoramentos uma biografia de Graça Aranha.

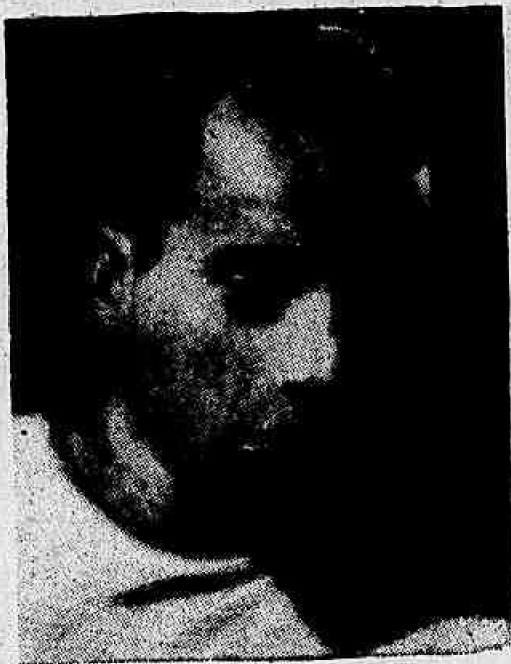
★

DOMINGOS CARVALHO DA SILVA, autor de «Rosa Extinta» e de «Praia Oculta», lançou há dias o seu último livro de versos, intitulado: «O Livro de Lourdes e Alguns Poemas Avulsos». Trata-se de uma edição de duzentos exemplares, que traz capa de Aldemir Martins.

★

O CINEASTA Alberto Cavalcanti realizou, no Clube dos Artistas, importante conferência sôbre «A Côr no Cinema». Após a aplaudida palestra, houve debates.

★



O poeta Hélio de Morais Sarmento

Poema

Qualquer tremor espremido
nos lábios.
Qualquer aflição
no momento dos gestos,
qualquer coisa incontida
querendo nascer.
Qualquer reflexão pendurada no tempo.
Qualquer simbolo de alegria
deixando esfacelados
no chão cacos de luz.
Qualquer penumbra,
qualquer canto,
em que escorreu uma lágrima
pelos que não sabem
chorar...

Hélio de Moraes Sarmento (Inédito)

FORA DO PRELO

O LIVRO DA SEMANA

"ALMAS SEM MEDO"

GUEDES de Amorim, prestigioso ficcionista português, vem de dar êste volume (Editorial Domingos Barreira, Pôrto, Portugal) que recebemos por gentileza da Livraria Antunes, com três novelas que encerram tôdas as qualidades do gênero e que interessam de princípio a fim, tanto pela construção dos episódios, pela vida viva de seus personagens, como pelo estilo do narrador, um dos mais apurados de Portugal de hoje, sem sombra de dúvida. Embora carregando nas côres sombrias, pintando, com o "parti-pris" do negro, quadros que mal uma réstea de luz às vêzes ilumina, Guedes de Amorim sabe dar interêsse real a sua ficção, fazendo-a em um neo-realismo que se emancipou dos truques da escola para aproximar-se mais diretamente da realidade, sem nunca perder de vista o elemento alma, buscando, no fundo de suas criaturas sofridas e amarguradas, sempre, uma dose de superioridade humana, com que tempera a aridez de seus destinos, com que clareia um pouco os grises de suas paisagens sempre hostis.

Qualquer destas novelas vale o livro. Mas, as três ficaram muito bem, reduzidas à unidade do volume, cujo titulo geral diz pouco do que realmente são estas histórias de desgraças irremediáveis, de gentes a que pungem os dramas cotidianos, tratados sem ênfase, através de uma prosa de beleza aliciante, de uma lingua correta e encantadora, como que a renovar, tanto pela modernidade, como pelo acento e pelo ritmo, a prosa dessa grande geração de prosadores que foi a do Eça e do Ramalho. De fato, o que sentimos ao longo destas páginas é uma renovação do estilo "novo" (então) daqueles mestres da prosa contemporânea, por um discipulo que já percebeu o que houve de falso e de forçado na obra dêles e que, por isso mesmo, ganhou distância e, sem se perder nos meandros da construção anciã, trabalha sua obra em linguagem mais poderosa, menos literária (no que o adjetivo tem de pejorativo), ao mesmo tempo que infunde mais calor humano às suas criaturas.

Precisamos dizer que Guedes de Amorim herdou as qualidades dos grandes prosadores modernos de Portugal, que faz realismo, mas que não se dá ao caricato. Antes, a nota dramática é que é a constante destas novelas, destas admiráveis páginas de um novo e vigoroso prosador, com o dom criativo dos verdadeiros ficcionistas.

Edmundo Lys

CÉUS — Outro livro que nos vem de Portugal, por intermédio da Livraria Antunes é êste "Céus", de Alberto Monsaraz. Entretanto, aqui é um livro de poeta. Alberto Monsaraz, consagrado já por obras anteriores, enfeixa neste grosso volume, primorosa obra gráfica da Livraria Férin, de Lisboa, seus emotivos poemas de inspiração mística, tratados em forma moderna e revelando uma sensibilidade nova e fecunda.

HISTÓRIA DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO — Um alentado volume, muito bem cuidado sob o aspecto gráfico, nos traz esta "História do Estado do Espirito Santo", do historiador José Teixeira de Oliveira, cujos méritos, na especialidade, tão mal cultivada entre nós, ao mesmo tempo tão árdua de completar-se, pelas múltiplas dificuldades que se oferecem aos pesquisadores — já estão consagrados em obras anteriores. Publicada a propósito do IV centenário de Vitória, que há pouco comemoramos, esta obra representa um notável esfôrço de pesquisa, com o merecimento ainda de sua atualidade e dos elementos que insere, destinados a corrigir ou a suprir falhas anteriores. Fartamente ilustrado, o volume faz honra tanto ao historiador capixaba como ao govêrno do Espirito Santo que a fêz editar, assim contribuindo para a divulgação de um livro do mais amplo merecimento.

LAGRIMAS DA MUSA — Mais um livro de poemas de Octalion Costa, cuja obra de estréia, "Flor de Pedra", foi saudada como uma promessa substancial de nossa nova poesia. Versejando de acôrdo com os moldes tradicionais, o poeta de "Lágrimas da Musa" é um lírico amável, um elegiaco, cuja sensibilidade nos torna simpática a sua obra. As notações demasiado ingênuas, algumas imagens menos originais, diminuem, certamente, a qualidade estética desta poesia que, por isso mesmo que vazada em moldes clássicos, exigia de seu autor um mais acurado trabalho de composição.

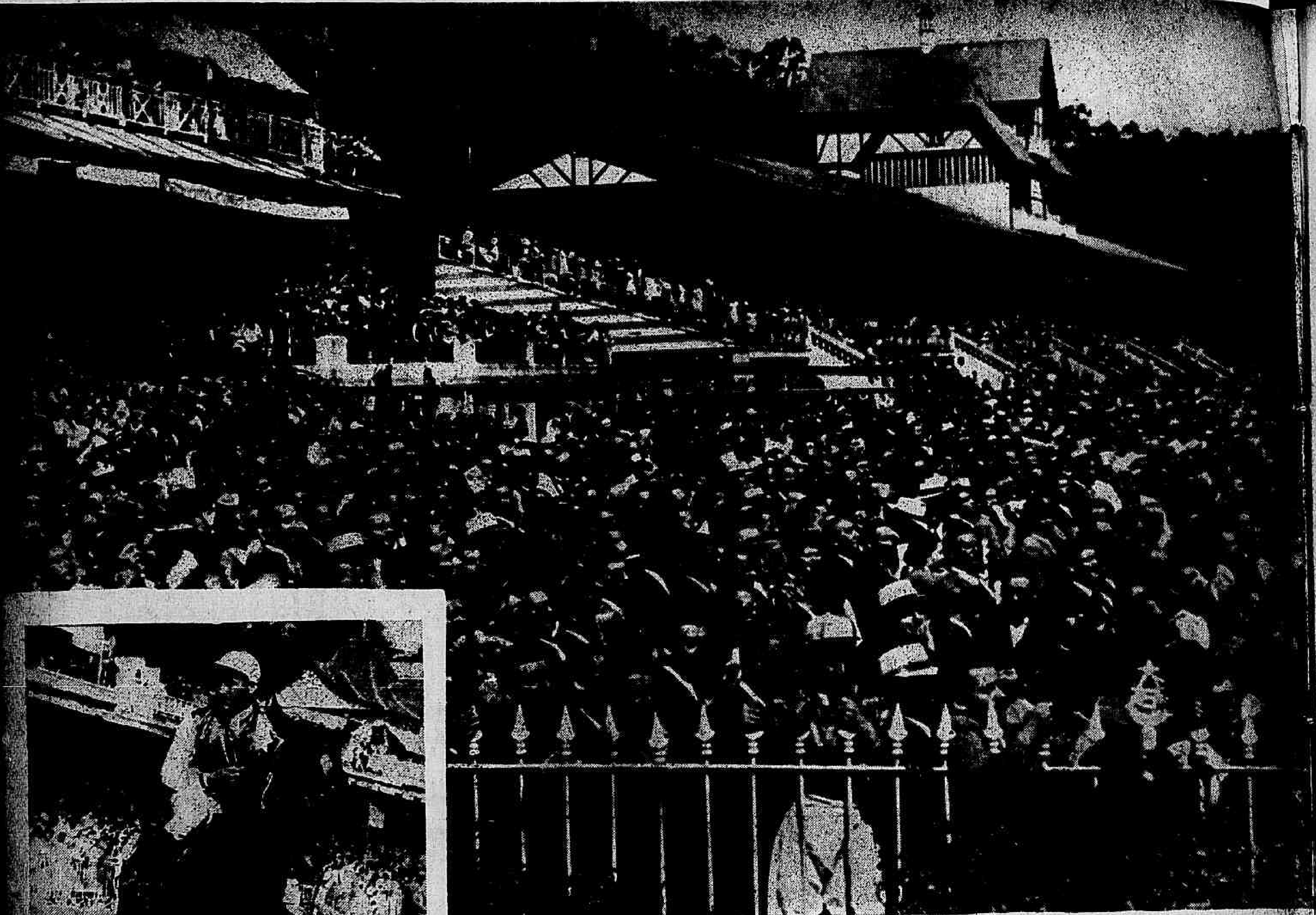
A MALARIOTERAPIA — Chega-nos do Pôrto (Portugal) êste estudo médico do professor J. Menezes de Almeida sôbre a "A Malarioterápia na cura da paralisia geral sifilítica". Defendendo êsse moderno tratamento da paralisia geral pelo sezonismo, o doutor J. Menezes de Almeida faz neste livro interessantes observações sôbre o processo, concluindo mesmo por indicar o sezonismo em outras formas de paralisia. Livro para a classe médica, destina-se a vulgarizar o tratamento, fazendo mais extensa sua aplicação na clínica moderna.

ALBUNS COLORIDOS — As Edições Melhoramentos mantêm, em grandes álbuns coloridos e de pequenas legendas, as séries "Horas Felizes" e "Historietas". Destas apareceram "Viagem à Bicholândia" e "Aventuras dum ursinho", texto e gravuras duma vivacidade que encanta a garotada; e, das "Horas Felizes", saiu do prelo "O circo está na cidade", narrativa deliciosa e ilustrações de Manuel Piló, o artista português de tanto e tão merecido renome.

SANTA JOANA — Poderemos dizer que, dentro em breve, as Edições Melhoramentos terão dado a público a maioria, senão tôdas elas, das peças de Bernard Shaw. Ainda há pouco noticiamos o aparecimento de "Pigmalião", "O discipulo do diabo" e "Casa de Orates". Aquela editôra vem aumentar a coleção de Shaw com "Santa Joana", através de tradução feita por Diná de Queirós. Os apreciadores do sarcasta irlandês, que não são raros, encontram uma oportunidade de formar uma biblioteca dos trabalhos de Bernard Shaw apresentados em volumes de igual formato.

HISTÓRIA GERAL — Para a primeira série do Ciclo Colegial, em harmonia com o programa oficial, Portaria 966, de 2-10-1951, do Ministério da Educação, é esta lúcida e ilustrada "História Geral", de R. Haddock Lôbo, em apresentação das Edições Melhoramentos. O autor consegue oferecer a matéria como um desenrolar atraente de fatos e figuras que prendem a atenção do estudante.

POESIAS INFANTIS — Versando temas familiais e escolares, civicos e instrutivos, Correia Júnior escreveu uns versos simples e delicados reunidos sob o nome de "Poesias Infantis". Correspondendo à beleza poética da obra, as Edições Melhoramentos fizeram um volume primoroso: papel de luxo, ilustrações, a côres, de Hilda Bennett, e impressão verdadeiramente perfeita. Estamos em que "Poesias Infantis" prestarão grande auxilio aos jovens, especialmente aos colegiais.





O DERBY CHILENO

O Derby chileno, em 20 de janeiro últi mo, no Sporting Club de Valparaiso, foi brilhantemente concorrido e o Jockey Club Brasileiro, como sempre, especialmente convidado, ali estêve presente para assistí-lo. A prova foi ganha, como é sabido, por Fascinado, do Stud Anita, do sr. Nazar Knos. O crack teve a montaria de I.F. Marchant, o jockey recentemente contratado pelo turfman Peixoto de Castro para correr no Brasil. As fotos que ilustram esta notícia oferecem flagrantes: da assistência à famosa reunião, da partida do Derby e do seu vencedor Fascinado, sob a montaria de Marchant.



O olhar da Virgem

Do alto da colina, Miguel contemplou, embevecido, a pequena povoação. Justamente, no momento em que o sol enviava o seu último adeus, na claridade poética do crepúsculo... E aquelas campinas, tão verdes quanto a própria esperança que sentia dentro do peito, pareceram-lhe as mais lindas que haviam passado sob seus olhos! O coração pulsou, com violência... Não podia conter o contentamento que chegava a transbordar num sorriso que deixava à mostra uns dentes magníficos...

Fustigou o alazão, que se pôs em marcha mais ligeira.

Num instante, alcançou a estrada larga.

Avistou a enorme porteira. Não seria necessário abrí-la. Um homem de meia idade incumbiu-se, cortêsmente, de fazê-lo. Era ssim a gente de sua terra. O povo mais amável do mundo. Ah! Reconhecia agora o Alvarinho, o dono do botequim, que entraria logo adiante.

— Escute aqui... moço! Não é o... Miguel do «seu» Zé Augusto?

O homem olhava-o por cima dos óculos.

— Eu mesmo, Alvarinho. Em carne e osso. Andei lá pelas bandas de S. Paulo. Não aguentei de tanta saudade! Eu não suportava passar mais um Natal fora de minha terra

— Seja bem-vindo, Miguel! Muita felicidade! «Seu» Zé Augusto vai morrer de gôsto...

— Obrigado, Alvarinho. Desejo, também, felicidade para você e seu pessoal. Até logo.

O cavalo reiniciou a andadura.

Agora, era o prêto Afonso, que, de volta da mata, vinha carregando um feixe de lenha.

— E'... é... o Miguelzinho! Meu Deus! Parece que está mais forte do que quando saiu daqui! Um mocetão! Benza-o Deus.

— Estou de volta, «seu» Afonso! Graças à Virgem!

E continuou o caminho.

Mais adiante, foi o Juca dos Santos que encontrou. O ricaço do lugar. Indivíduo que nunca lhe fôra muito simpático... Pai do Aleixo, que vivia de olhadelas para a sua namorada... O prazer da volta, porém, fêz Miguel encará-lo, pela primeira vez, de modo diferente. Com que prazer o cumprimentou!

— Boa tarde, «seu» Juca! Como vai?

— Boa tarde, Miguel. Vou bem, obrigado...

O outro pareceu um tanto surprêso, talvez, com o tom amistoso do cavaleiro.

Começaram a surgir as primeiras casas.

Avistou, a certa distância, a capela da Virgem, tôda iluminada.

Teria que entrar por outro caminho, para chegar até lá. Mas êle o faria. Era preciso, antes de tudo, ajoelhar-se diante da Virgem — de quem era fervoroso devoto — e cujo olhar, sereno e compassivo, sempre o confortara nos maus instantes de sua existência.

Todavia, passando pela porta do botequim de Alvarinho, viu-se obrigado a parar. Fôra reconhecido por alguns rapazes, que logo o cercaram.

— Olá, Miguel!

— Velho amigo!

— Como vai essa fôrça!

— Parece-me que veio rico, pelo jeito...

— Venha tomar um trago, conosco!

Não podia deixar de aceder ao convite dos antigos camaradas.

Apeou.

Abraçaram-no, efusivamente, e, no meio de certa algazarra, encaminharam-no para a mesa

— Sentemo-nos, aqui, disse um dêles.

— Desculpe, Honório. Beberei com vocês, mas de pé. Não posso demorar-me.

— Ora, deixe disso.

— Ficamos zangados...

— Sente-se logo!

— Não teve outro remédio.

Na realidade, ansiava por abraçar o pai e também a meiga Rosária, a sua namorada desde os tempos de escola, e por quem fizera o sacrifício de deixar o seu torrão... Soubera que o pai da moça havia dito que só consentiria no casamento, quando êle possuisse algo de seu; pois, enquanto fôsse «sem eira nem beira», não o queria para genro. Então, brioso como era, resolveu da noite para o dia, embrenhar-se pelos sertões em busca de outras terras, onde ganhasse bastante dinheiro, com o qual obteria a mão da mulher que amava. E, na ausência de três longos anos, de lutas e sofrimentos, o conseguira.

Enquanto se levantavam brindes e se enchiam copos, que logo se esvasiavam, Miguel pensava na linda Rosária. Evocava os momentos de ventura... Depois veio-lhe à mente a hora amarga da separação. Tomara-a nos braços, impetuosamente, e dissera: «Promete que me espera, meu amor? A moça, o rosto unido ao seu; balbuciara-lhe, entre suspiros e lágrimas»: Eu o esperarei, sempre.

Miguel, em meio do forte vozerio e de todo aquêle vinho, esquecera as horas e também a Virgem, a quem pretendera fazer a primeira visita...

Afinal, as idéias se embaralhavam e êle principiou a sentir o corpo pesado...

Acabou perdendo a noção de tudo... Só deu acôrdo de si, já muito tarde.

A princípio, não atinou com o que lhe sucedera. Não percebeu onde estava. Quem seria aquela gente? Achava-se só, na mesa. Tudo, porém, se foi aclarando, aos poucos... Os amigos o haviam deixado. Consultou o relógio. Onze e cinqüenta. Deu um salto da cadeira. Como se atrazara! Desejava surpreender Rosária antes da tradicional procissão da meia noite, a qual acompanhava desde menino. Provàvelmente não teria mais tempo para cousa nenhuma. Iria diretamente à casa da moça. Tentaria falar-lhe... Um homem se aproxima... Os traços eram-lhe familiares...

(Cont. na pág. 52)



Conto de VERA MILWARD DE CARVALHO

Ilustração de ORVAL





ELEGANTES

NÃO recuse o convite de hoje para o "cocktail" na casa de seus amigos. Os modelos que acima apresentamos ajudarão a compor a sua elegância.

OS ESPINHOS DO AMOR

PODE SUFOCAR DE AMOR UM HOMEM?... E SHANNON DEU A RESPOSTA...



Byron Tobin era um rapaz elegante, forte e violento, capaz de lutar e vencer. Fomos colegas de curso primário, e eu senti por êle invencível atração, desde que sua roupa remendada causava risos entre os demais alunos. Embora seus pais fôssem agricultores pobres e os meus gente muito rica e importante, nosso romance cresceu através dos anos...









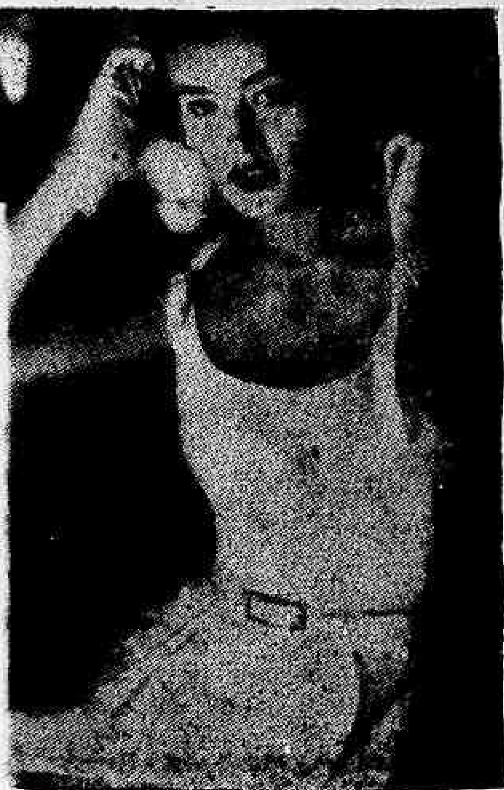








Cock-tail



Três elegantíssimas criações de Paris, para a hora do cock-tail, são aqui apresentadas, para a apreciação das nossas leitoras. Em todos os três, o "charme" e a finura da costura parisiense, estão patentes, na harmonia e no bom gôsto indiscutíveis de suas linhas.





Simplicidade e Elegância





GRANDE efeito pode ser obtido com os modelos simples apresentados esta semana. Graciosos, com certo toque esportivo, os vestidos de passeio que são vistos nestas páginas dão o máximo partido a uma silhueta moça e esbelta. Observem o grande uso das boinas nesta estação.





NO PRÓXIMO NÚMERO:

No País dos Carajás

- Sugestivo detalhe da vida brasileira numa reportagem sôbre os nativos de péle bronzeada

- Lendas e mistérios do rio Araguaia, em cujas margens vive a Nação Carajá

- LEIAM EM NOSSA PRÓXIMA EDIÇÃO

EXISTEM REIS DE CONTOS DE FADAS
EXISTEM RE[illegible] QUE REINAM
EXISTEM REI[illegible] DESTRONADOS

★ V. GOSTAR[illegible] DE S[illegible] C[illegible] VIVEM E COMO AMAM O[illegible]EIS S[illegible]DROA[illegible]S TERRAS DO EXILIO?

★ V. GOS[illegible]A — [illegible]ABER[illegible]QUE VAMOS MOSTRA[illegible]OM T[illegible] E F[illegible]OGRAFIAS

DENTRO DE D[illegible] PARA COMEÇAR:

LEOPOLDO DA BELGICA NO EXÍLIO

A SAÚDE DO BEBÊ

OSTEOMIELITE AGUDA

Dr. SABOIA RIBEIRO

SIMULANDO muita vez uma doença geral aguda, inclusive o tifo, a osteomielite é uma infecção óssea que não poupa a criança em nenhuma idade, conquanto mais freqüente naquelas que já marcham para a adolescência.

A impressão dolorosa despertada pela palpação sistemática dos ossos, ou exercendo-se sôbre uma tumefacção evidente em um membro, deve conduzir sempre a uma suspeita dessa moléstia na criança, mesmo que os sintomas dominantes para o estado geral, como a febre alta, a excitação ou a sonolência, possam mais impressionar à primeira vista com outra coisa.

A osteomielite não poupa nenhum osso, quer curtos, quer chatos, ou longos. E' conhecida, porém, sua predileção pelos ossos longos, notadamente o tíbia e o fêmur.

Muitas vêzes a localização do processo em suas manifestações agudas insinua fortemente a sua natureza exata, e então a criança, com febre, dores e rubefação em a parte do osso atingida pelo processo, quase não permite nenhuma hesitação diagnóstica, levando-se naturalmente em conta outros fatôres que o podem confundir com outras moléstias também ósseas e exprimindo-se igualmente numa forma aguda.

O ponto de investigação decisivo é a exploração do foco ósseo responsável pelo cortejo dos sintomas, sem o que, o delírio, a adinamia (prostração), o estado tifóide, podem fazer desconhecer a osteomielite presente, aguda.

Outro é a febre, que afasta em muitos casos hipóteses, que nada têem que ver com a osteomielite, ainda que se possa acompanhar de dor localizada e tumefação e rubor inflamatório.

Como capazes de servir à confusão com a osteomielite é preciso considerar, sempre, algumas moléstias que, assim febrís e dolorosas, podem estar em causa.

A heredo-sifiles é capaz de produzir uma inflamação óssea, porém esta de caráter antes crônico, e na maioria das vêzes assestada na face anterior da tíbia. Como já disse, a osteomielite aguda localiza-se, também, no tíbia, como no fêmur, porém a radiografia ajuda enormemente a distinguir os dois processos entre si, além de outros recursos de que se pode lançar mão para o mesmo fim.

A avitaminose C grave (doença de Barlow) é ainda capaz de produzir tumefação dolorosas, mas nessa moléstia as mesmas se desenvolvem, de preferência, na coxa e pernas, próximo da rótula. Nunca faltam outros elementos que separam as duas afecções. A imagem radiográfica da lesão óssea é característica.

Tumefações, acompanhando um estado agúdo febril, encontram-se também no reumatismo articular agúdo; porém neste caso aquelas são múltiplas e atacando sucessiva ou simultâneamente várias articulações, devendo-se notar que, entre nós, pouco conta o reumatismo articular agúdo. Depois, as tumefações produzidas por êste não alcançam geralmente o caráter intenso da que é produzida pela osteomielite, sendo, como são, muitas vêzes leves e fugazes.

Prestando-se também à confusão pode ocorrer o caso de certas inflamações, atacando as articulações no decorrer de uma doença febril, com esta ou aquela localização na criança. Nestes casos, ou houve apenas a migração do germe para a parte atacada, subsistindo a doença principal com a sua sintomatologia própria ,ou esta curou e o processo veio mais tarde.

A osteomielite aguda surge independente de sua filiação a um processo anterior infeccioso.

O que tem de importante o seu conhecimento na primeira hora é que os meios de cura a empregar-se são tanto mais eficazes quanto mais cêdo utilizados, ao passo que qualquer protelação poderá tornar o caso fatalmente operatório pela extensão que já adquiriu o foco inflamatório, nessa altura, essencialmente supurativo.

Nem sempre é possível identificar a origem aparente da osteomielite.

Às vêzes é de lesões da pela da criança que procede o germe causador (o estafilocóco), que ganha o osso e faz o processo supurativo. Mas em muitos e muitos casos êle provém das fossas nasais e cavidade anexas (seios da face).

Na prática, a osteomielite é moléstia essencialmente do domínio do cirurgião.

A maioria das vêzes torna-se imprescindível esvasiar o foco purulento ósseo, ou mesmo suprimir o foco pela resseção.

A penicilina, as transfusões, a imobilização do membro atacado no aparêlho, em certos casos, levam por si mesmos à cura, e qualquer que seja o método empregado há mistér levantar as defesas e modificar a receptividade do doente a fim de que não se repita mais o processo.

leon eliachar apresenta:

ONDE A "BOA QUALIDADE"?

A pergunta parece tôla. Mas não é. E eu explico por quê. Agora que surgiu o decreto de "proteção" ao cinema brasileiro, sendo obrigatória a exibição de uma fita nacional para cada oito estrangeiras, nada mais justo que haja, realmente, um contrôle no sentido de elevar o nível artístico da produção indígena. E o que se vê não é isso. Absolutamente. Verdade que os filmes estão sendo exibidos, alguns mesmo terminados há bastante tempo e sem terem encontrado exibidores que lhes proporcionassem "datas", permanecendo encostados nas prateleiras à espera de uma "chance". Essa chance veio, com o decreto. Mas isso não é tudo. Porque o problema não é, a rigor, o da exibição. Não é, repito, a facilidade de casas que virá engrandecer e fortalecer a indústria fílmica do país. Isso pode, é claro, facilitar o seu desenvolvimento. Mas que êsse desenvolvimento pode ser pernicioso, ninguém pode garantir. Pernicioso, explico, no sentido da produção em massa, do "façamos fita de qualquer jeito" que a exibição está garantida. Ao menos é o que parece estar acontecendo. Não sei, nem quero saber, "quando" nem "como" foram feitas algumas dessas últimas películas projetadas descaradamente nos circuitos luxuosos da cidade, ao preço audacioso de dez cruzeiros por cabeça. Tais "assaltos" — e não encontro têrmo mais adequado no momento — talvez sejam fruto dessa pretensa proteção. Que ela deve existir, não resta a menor dúvida. Mas não do jeito que as coisas andam. Tenho mesmo a impressão que, no pé em que estamos, as coisas por aqui são 8 ou 80. E oito, no caso, já é demais. Demais, explico ainda, se não houver uma severa fiscalização em alguns pontos que reputo como indispensáveis na realização de um filme brasileiro atualmente. Atingimos, afinal de contas, um progresso técnico indiscutível, em relação aos celulóides de há alguns anos atrás. E não é justo que se retroceda nesse progresso, mercê de meia dúzia de aventureiros, que ainda existem por aí, e que, pelo exemplo e pela experiência alheia, pretendem multiplicar-se ràpidamente. O negócio de cinema está dando como nunca. Todo mundo quer fazer fita, e juntar uns míseros níqueis e colocar algumas criançolas inexperientes, diante e detrás de uma câmara, é a tarefa mais simples dêsse mundo. Mas daí a fazer um Filme é distância bem longa, tão longa que a lei de "proteção" está deixando passar despercebida. Ingênuamente. Porque não se compreende que, num país onde já se tenha atingido um grau de capacidade técnica e artística bem promissores, se consinta na exibição de filmes com péssimo som, péssima fotografia, sem nenhum enrêdo, sem nenhuma continuidade, com alguns bonecos a gesticular e a abrir a bôca meia hora antes ou depois de ouvirmos as palavras — e palavras essas nem sempre compreendidas. Isso é abusar da paciência do público, um público por demais benevolente e que vem apoiando com vivo interêsse a produção nacional. Não é lógico, portanto, que se deixe passar certos "abacaxis" que comprometem inteiramente o esfôrço dos que realmente estão querendo fazer cinema no Brasil. Que permaneça, pois, a tal lei de proteção. Mas que a Censura, orientada por pessoas menos condescendentes, racione mais o seu carimbo de "boa qualidade". A proteção não deve ser sòmente ao cinema; deve estender-se, também, ao próprio público. Porque sem êsse público, senhores produtores, nada feito. Raciocinem. Um pouquinho que seja. Entre um filme e outro. Se tiverem tempo.



Durante a solenidade que foi realizada pelos críticos da imprensa mundial em Hollywood, Alan Ladd sagrou-se «campeão de popularidade», recebendo das mãos de Bob Hope a estatueta que lhe foi oferecida



Jane Wyman, que também recebeu um prêmio especial, pelo seu desempenho em «Órfãos da Tempestade», que estrelou ao lado de Bing Crosby, cumprimenta o homenageado da noite que se mostra mais satisfeito do que nunca

OS "ASTROS" FAVORITOS

A Associação dos Correspondentes Estrangeiros de Hollywood distribuiu, em sessão solene, os prêmios por ela concedidos aos atores e filmes laureados durante o ano de 1951. Alan Ladd foi aclamado o vencedor da «enquête» mundial para a escolha do ator cinematográfico favorito dos fãs. Mais de um milhão de pessoas expressaram sua preferência durante o certame conduzido em todos os países estrangeiros, por intermédio de jornais, revistas, estações de rádio e televisão. Ladd, que é atualmente artista da Paramount, foi presenteado com uma estatueta que expressa idéia de popularidade e ambição, peça conhecida com o nome de «Henriette», criada pelo escultor Atanas Katchmakoff. O filme «Um Lugar ao Sol», produção do aclamado George Stevens e estrelado por Montgomery Clift, Elizabeth Taylor e Shelley Winters, foi designado como sendo o filme de Hollywood que ofereceu a história de mais expressivo interêsse humano. Um prêmio especial foi concedido a Cecil B. De Mille, produtor e diretor de «OM ior Espetáculo da Terra», considerado o que possui o mais longo e honroso acêrvo de realizações no campo da sétima arte. Bob Hope foi presenteado com o Prêmio Internacional de Voa-Vontade, por sua devoção à causa da amizade entre os povos, usando a arma da gargalhada e do bom-humor. Jane Wyman, que estreou parte no programa da Academia de Artes e Ciências da «Motion Pictures», no Clube Del Mar, com Bing Crosby em «Órfãos da Tempestade», também recebeu um prêmio especial. Tomando em Santa Mônica, estavam Charles Brackett, como presidente, e Jean Hersholt, seu predecessor, além de muitos astros proeminentes da Meca do Cinema. Nesta página apresentamos alguns flagrantes fornecidos pela Paramount com absoluta exclusividade.

→



Em cima: Esther Williams ajuda-o a cortar o bolo comemorativo do evento. Em baixo: Elizabeth Taylor e Alan Ladd conversando com um grupo de diretores da Paramount, por ocasião da entrega dos prêmios aos favoritos do público



Cinema

CINEMA

"Enquanto a guerra fôr considerada uma maldade exercerá sempre uma fascinação: quando fôr vista como baixa deixará de ser popular"

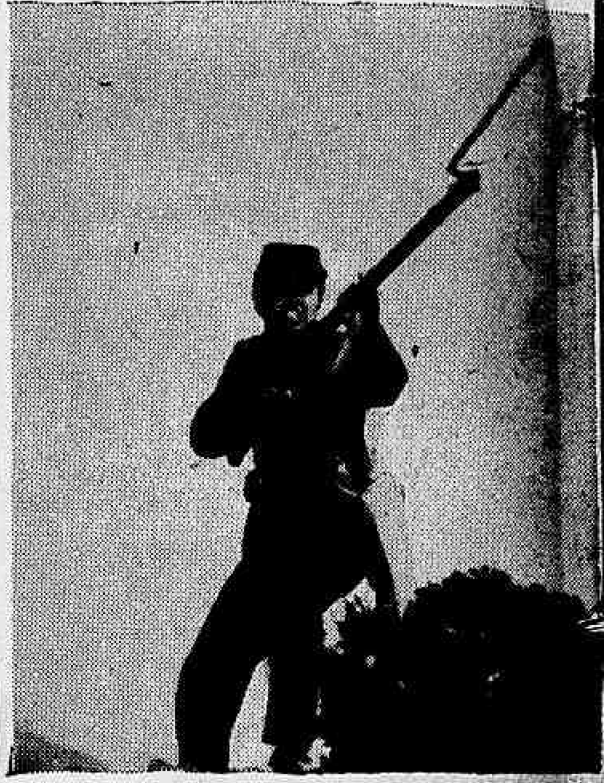
(Oscar Wilde)



A BAIONETA CALADA...



...AINDA CONSEGUE...



...GRANDES EFEITOS...



A BANDEIRA
Nunca deve cair. Ainda que isso lhes custe a própria vida.

AINDA A GUERRA CIVIL?...

A «fórmula», no cinema norte-americano, é assunto fora de discussão. De quando em quando, Hollywood lança mão de um tema que data dos dias em que nortistas e sulistas se xingaram de todo jeito por causa de suas diferenças quanto a negros, escravos, direitos de terra, etc.: a eterna guerra civil, uma de suas fórmulas mais usadas. Assunto parece cansar, mas lá vem um dia em que dá certo ou torna a dar certo. Uma ocasião deu mais do que certo: deu milhões. Muitos milhões. Foi quando David Selznick produziu «...E o Vento Levou» A verdade é que o vento parece não levar de vez o assunto, ou os produtores não querem que o levem, digam o que disserem alguns. Hollywood não acredita muito nessas bobagens de opiniões, porque a melhor opinião e a única a que dão ouvidos são as cifras que falam mais alto em seus cofres. Em série. A Metro-Goldwyn-Mayer acaba de produzir agora mesmo, com certa desconfiança. Mais para fazer a vontade do diretor-produtor John Huston do que por outra coisa. E não é que, apesar dessa desconfiança, o ne-



...CINEMATOGRÁFICOS...

...E EMOCIONAIS!

gócio deu certo? Trata-se de «Red Badge of Courage», que era apontado como um dos assuntos mais ingratos do mundo — e não só por se tratar de um assunto sôbre a Guerra Civil. No Brasil, o filme se chamará «A Glória de Um Covarde» e o seu elenco não entusiasmará ninguém: Bill Mauldin, Audie Murphy e outros ainda mais desconhecidos. Mas acontece que o filme é John Huston de ponta a ponta, o que não justifica a desconfiança da Metro mas justifica plenamente a sua realização. Porque Huston não se importa com o tema; os críticos o respeitam e o público, vendo um filme seu, sente qualquer coisa mais do que o prazer de admirar os olhos bonitos da heroina ou a dentadura imaculada do galã. «A Glória de Um Covarde» nem isso tem. Isto é, não tem heroina, não tem intérprete de saias; tem homens brin-

(Cont. na pág. 53)



SÊDE
A mochila sem água



VINGANÇA
Vencer ou morrer



LUTO
O amigo que parte



SAUDADE
A noiva que fica

RÉJANE E O CINEMA

PARIS (De René Jeanne, copyright do S.F.I.)

NO volume que acaba de consagrar à sua mãe, que na sua época dominava com Sarah Bernhard, a vida teatral francesa, o sr. Jacques Porel dá ao cinema um lugar dos mais modestos. E' verdade que o cinema representou apenas uma intima parte na atividade incessantemente renovada da grande atriz.

O livro se intitula «Fils de Réjane» e foi publicado pelas Ed. Plon, Paris, 1951.

Isto se explica muito naturalmente. Quando o Cinematógrafo — ainda se dizia «o cinema» — começou a fazer parte da vida parisiense (28 de dezembro de 1895), Réjane já havia atingido ao mais alto ponto do seu talento e da sua fama: tinha criado, no Odeon, «Germinie Lacerteux» dos irmãos Concourt e «Amoreuse» de Pôrto Riche, no Grand-Théatre «Lysistrata» de Maurice Donnay e no Vaudeville «Madame Sans-Gêne» de V. Sardou e E. Moreau. Era cercada de admiração e de adulação. As maiores cenas da América e da Europa aguardavam que ela se resolvesse a lhes conceder a graça do seu sorriso, a crepitação do seu espírito e o frêmito da sua sensibilidade, e, para convencê-la, todos os empresários do mundo, com os cadernos de cheques abertos, sitiavam o seu camarim. Que lhe poderia dar o Cinematógrafo que ela já não tivesse? Êsse Cinematógrafo que andava percorrendo as feiras, angariando o seu público, recorrendo a títulos que eram desafios ao bom gôsto e demonstrações de pouca inteligência: «La Course aux citrouilles», «Les Méfaits d'une tête de veau!». Como levá-lo a sério?

Êste estado de espírito, todos os atores notórios da época o compartilhavam, de Mounet-Sully e Júlia Bartet, que chegaram a atravessar uma vez as portas do estúdio, a Lucien Guitry que morreu em 1925 sem nunca ter pôsto, ali, os pés.

Réjane, entretanto, consentiu em que levassem à tela «Madame Sans-Gêne» e se encarregou da personagem que havia criado no palco. O filme já era qualquer coisa de notável, devia dizer Antoine, vinte anos mais tarde, quando viu a mesma personagem encarnada por Glória Swahson no filme que veiu rodar na França, «mas foi graças a ela que compreendi o que a arte muda poderia vir a ser um dia». Isto pode ser lido no «Journal» de 22 de dezembro de 1925.

Depois, na véspera da guerra de 1914, foi «Alsace». Tirado de uma peça que ela representara há pouco no seu teatro, êsse filme teve, graças a emocionante interpretação que ela deu à personagem principal, tamanho sucesso que permaneceu — coisa ainda nunca vista — duas semanas em seguida no programa do maior palácio cinematográfico de Paris. Apesar disto, Réjane continuava a não apreciar o Cinema e a desprezá-lo. E' que ela não era da mesma geração que êle, acentua muito justamente Jacques Porel que precisa: «Quando tentei fazer com que minha mãe compartilhasse a minha adoração por Charlie Chaplin, ela relutou... Tão verdadeiro é o fato que há coisas que nunca somos suficientemente jovens para compreender, para amar. Temos sempre um atraso em relação a alguém ou alguma coisa». E, entretanto, como o homem de «Uma vida de cachorro», do «Circo», das «Luzes da Cidade» merecia ser admirado, mais ainda, estimado pela mulher de «Germinie Lacerteux», de «Maison de Poupée», de «La Course du Flambeau».

Sarah Bernhardt, ela também, não gostava do Cinema e a primeira vez que se viu na tela — foi num filme tirado da «Tosca» — ficou tão profundamente decepcionada que teve um desmaio. O que não a impediu, vinte anos mais tarde, quando Jacques Feyder tendo projetado para ela «Atlantide», onde o seu afilhado Jean Angelo tinha o principal papel masculino, de ficar tão vivamente interessada que chegou a confiar ao diretor de cena: «Que pena não terem inventado o Cinema mais cedo! Que carreira eu poderia fazer!» Havia esquecido os seus triunfos teatrais e o seu desmaio: estranho poder de sedução do cinema!

Sem dúvida Réjane, muito mais justamente do que Sarah Bernhardt, teria podido sofrer êsse poder de sedução se ela se tivesse visto em «Miarka, la fille à l'ourse» que foi o seu terceiro e último aparecimento nas telas (1920).

Doente, esgotada pela longa série de representações de «La Vierge Folle» de Henry Bataille, que ela acaba de montar de novo no teatro que dirigia, chegava à Camargue, superexitada por uma exaltação febril e animada por uma boa vontade de estreante: «Dê ordens que você quiser!, dizia a Marcanton, seu diretor de cena. Será que isso vai?» Surpreendida com o retalhamento das cenas, muito diferente do encadeamento sucessivo que elas têm no teatro, procurava compreender. E desde logo, desde a primeira palavra, havia compreendido: desta vez descobrira o Cinema. No dia 1º de junho, voltava a Paris, tendo terminado o seu papel. No dia 14 morreu. Mas, ficaram dela imagens inesquecíveis. A doença que a minava, enquanto ela se movia diante da objetiva, dava-lhe uma nova espiritualidade. Seu corpo, ela arrastava-o como um farrapo incômodo e o esfôrço sobrehumano que tinha sido obrigada a fazer para triunfar dêsse impecilho criava uma emoção de um gênero muito particular do qual

(Cont. na pág. 53)

O QUE VAI PELA BROADWAY



MARLON BRANDO
Emiliano Zapata

NOVA YORK (Correspondência de Jackson Flores) — John Steinbeck foi buscar na história turbulenta do México, uma das suas figuras mais impressionantes que foi Emiliano Zapata e, em tôrno dêsse famoso caudilho, escreveu «Viva Zapata» que Darryl F. Zanuck produziu para a 20th Century Fox, sob a direção de Elia Kazan. A figura principal da história é interpretada por Marlon Brando, que vive o seu papel com impressionante dramaticidade, compondo a figura de Zapata com invulgar sinceridade e grande vigor. A ação do filme desenrola-se entre o período de 1904 a 1909 e conta a rebelião de Emiliano Zapata, peão analfabeto, contra o feudalismo reinante no pequeno povoado de Morelos. Sempre perseguido pelos «rurales», Zapata e seus peões se refugiam nas montanhas e, eventualmente, de uma aliança com Pancho Villa, Zapata acaba por derrubar o govêrno tirânico do general Porfírio Diaz. O filme é bastante movimentado com ação contínua em campo aberto, cujas paisagens são das mais espetaculares. Elia Kazan dirigiu com grande acêrto, conseguindo mais um brilhante triunfo com essa película, onde há cenas que causarão forte impressão no espectador. Além do excepcional desempenho de Marlon Brando, o filme conta com excelentes trabalhos de Jean Peters, Anthony Quinn e Joseph Wiseman. «Viva Zapata» que o cinema Rivoli estreou esta semana, é um drama impressivo, excepcionalmente bem dirigido e interpretado.

★ Para a alegria dos fãs de Groucho Marx, o cinema Paramount lançou esta semana «A Girl In Every Port», da RKO Radio Pictures. A história do filme é inconsequente e sem importância. O que ineterssa, porém, é a presença de Groucho, que desta vez regressou a tela em uniforme de marinheiro e em companhia de William Bendix e Marie Wilson. O filme é bastante divertido e agradará aos fãs dêsse cômico inconfundível que se chama Groucho Marx. No show do palco Gene Krupa e sua orquestra lideram um espetáculo de variedades, do qual participam The Four Aces, Phil Foster e Polly Bergen.

★ «You Never Can Tell» da Columbia Pictures, é uma comédia com uma história absurda e interpretada por Dick Po-

(Cont. na pág. 53)

CINEMA



JAMAIS TE ESQUECEREI



PETER STANDISH, um cientista americano, trabalhando em Londres, vive numa esplêndida casa do século XVIII em Berkeley Square. Esta lhe fôra legada por um distante parente e pertencera a um de seus antepassados, também chamado Peter Standish e que, como êle, era americano.

No centro de pesquisas, Peter conduz uma experiência, em companhia de um outro cientista, Roger Forsyth, envolvendo material radioativo e durante a mesma, Standish alarma seu colega por se arriscar consideràvelmente.

De volta à intimidade da bela casa de Standish, cuja aparência do século XVIII fôra escrupulosamente preservada, Forsyth aconselha o seu amigo que tome umas férias e fica surpreendido com a resposta de Standish: «Vou-me embora. Vou voltar para o século XVIII».

Então ao admirado Forsyth, Peter começa a ex-

(I'll Never Forget You)

ELENCO

Peter Standish	TYRONE POWER
Helen	ANN BLYTH
Forsyth	MICHAEL RENNIE
Tom Pettigrew	DENNIS PRICE
Kate Pettigrew	BEATRICE CAMPBELL
Duquesa de Devonshire.	KATLEEN BYRON
Mr. Thróstle	RAYMOND HUNTLEY
Lady Anne Pettigrew..	IRENE BROWNE

Produtor: Sol C. Siegel ★ Argumento: Ronald Mac Dougall ★ Um filme da 20th Century Fox
Diretor: ROY BAKER

COMO CONSEGUIA O CIENTISTA RETORNAR AO PASSADO?





plicar a sua teoria em relação ao tempo, utilizando-se da famosa analogia de Henry James a respeito da direção das correntes: — Um observador, num bote, vê sòmente as cenas imediatas em volta dêle. Isto, sob o ponto de vista da teoria, é o presente. Êle não pode ver o que está além, atrás dêle, o que chamaremos de passado como não pode tão pouco ver o que está além da linha do horizonte, à sua frente — o futuro. Mas, se alguém, de certa altura, digamos de um avião, olhar para baixo, no rio, poderá ver o presente, o passado e o futuro simultâneamente. Assim sendo, podemos dizer que o Tempo é um só, quer se esteja no século XX ou XVIII.

Forsyth diz que tudo isso não passa de mera teoria, mas Standish encontra argumentos mais tangíveis para reforçarem a sua opinião de que êle só terá que dar um passo atrás para se encontrar num passado de 200 anos que êle chama de «a idade da razão, o tempo da graça e dignidade, da tranqüilidade e paz». Êle mostra a Forsyth um diário mantido pelo seu antepassado Peter Standish, em 1784 e um punhado de cartas a êle dirigidas pela sua futura sogra, Lady Anne Pettigrew. Alí, diz Peter a Forsyth, estava o seu passaporte para o passado.

Uma tempestade está começando a cair quando Standish leva o seu amigo até o carro. Êste está preocupado e pede a Standish que não volte para casa mas Standish sorri e lhe diz adeus. Enquanto êle se aproxima da porta relâmpagos iluminam a sua casa e ouve-se um estrondo de trovão. Standish tropeça e cai. O trovão rola ameaçadoramente e vai se afastando. Quando Standish se levanta, procurando a maçaneta da porta, vêem-se punhos de renda em volta de sua mão. Êle havia atravessado os séculos. Êsse era o ano de 1784.

Kate Pettigrew abre-lhe a porta. Ela é a jovem que o fizera vir da América para desposá-la. Logo depois aparece Lady Anne, a mãe de Kate e Taom Pettigrew, seu elegante irmão. Para grande surprêsa de Peter êle é apresentado à Helen, sua futura cunhada. Êle não estava preparado para isso, pois não sabia da existência de Helen que nunca fôra mencionada nas cartas ou no diário. O primeiro a notar a atração de Peter pela moça é o noivo desta, o maldoso Throstle que, não havia dúvidas, iria se aproveitar de qualquer oportunidade para desacreditar o recém-chegado.

Infelizmente tais oportunidades são freqüentes. Os enganos de Peter chocam, confundem, aterrorizam, ultrajam não sòmente os Pettigrews e Throstle como também algumas personalidades de importância daquela época. Kate começa a temê-lo depois de um incidente em que êle mostra saber o que contém um embrulho que recebera como presente de aniversário, antes mesmo dêle ser aberto. Êle espanto Tom Pettigrew ao dizer a exata quantia de uma dívida de jôgo antes do total da perda ser conhecido. A duquesa de Devonshire, brilhante figura da sociedade daquele período, fica alarmada por sentir que Peter está falando a respeito dela como se ela já estivesse morta. Êle ultraja também Reynolds, o eminente pintor por revelar com detalhado conhecimento, um projeto que está apenas começando a se esboçar em sua mente — o plano de pintar Mrs. Diddons, a atriz, como «A trágica Musa».

Nesse interim, os sentimentos de Peter a respeito do século XVIII estão se transformando. Tendo por muito tempo admirado o ano de 1700 como «a idade da razão, da graça e dignidade» êle o vê agora como um século «de crueldade e vício, de preconceitos e enfermidades». Êle faz tudo para esclarecê-lo e reformá-lo e nesse sentido trabalha em segrêdo construindo modelos e desenhando esquemas de tudo que deveria ser inventado nos anos subseqüentes, para fornecê-los aos homens que lutam pela ciência em 1784.

Mas, não lhe é permitido continuar o seu fantástico empreendimento. O preconceito público e a inveja intervém. Throstle invade a sala de trabalho de Peter e medidas são tomadas para interná-lo num manicômio.

Durante o decorrer de tudo isso, sòmente a calma e bela Helen têm fé em Peter Standish. Compreendendo muito pouco ou quase nada, ela põe acima de tudo o seu amor.

De volta ao século XX, como por milagre, Peter ouve de Forsyth a história de que por muitas semanas êle estivera sofrendo em conseqüência de uma depressão nervosa e que êle e sua irmã Marta haviam estado a tratá-lo. Peter se surpreende ao descobrir que Marta é a imagem de Helen a quem êle deixara no passado e ao olhar para os seus olhos êle encontra neles confôrto e compreensão.









BOYER

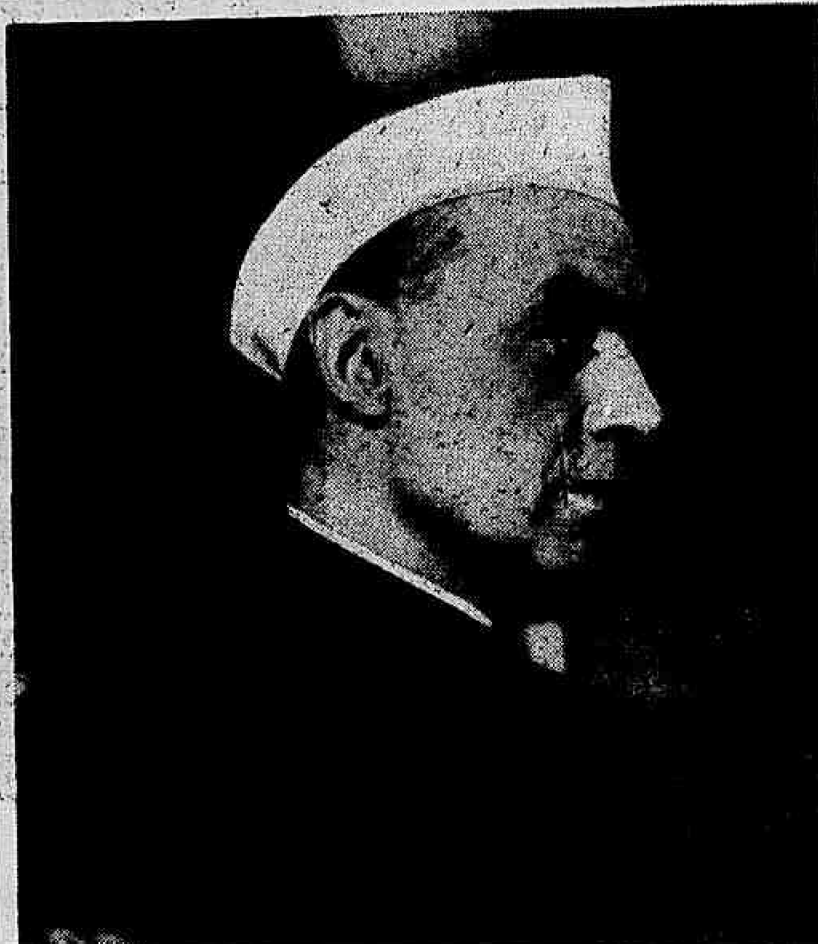
NÃO há fã de cinema que já não tenha apreciado pelo menos um dos antigos filmes de Charles Boyer, ao tempo em que êle aparecia na tela para pôr em polvorosa os corações das mocinhas trêfegas da época. Sua voz, seu olhar, seu sotaque acentuadamente francês e até sua calvície, faziam o conjunto de sua personalidade. E alguns entendidos afirmam mesmo que se Boyer tivesse morrido há alguns anos atrás, teria sido um segundo Valentino.

Charles Boyer nasceu na França, em Figeac, em 1899, e em sua família não havia nenhum traço artístico até seu nascimento. Aos três anos de idade já era considerado um "enfant prodige", pois recitava e dançava com facilidade. Antes de ir para Hollywood, perambulou por quase todos os estúdios da Europa, incluindo Londres, Paris e Berlim, expoentes do ramo cinematográfico europeu. Tendo sido revelado como ator teatral, cedo se transportou para o cinema, e, em sua mente, começou a erguer-se o ideal de Hollywood, mais disputada naquela época do que mesmo hoje, pois seus artistas recebiam salários mirabolantes, levando vidas principescas, com palácios deslumbrantes e festas dignas de um tribuno romano. Quando por fim conseguiu ingressar no cinema americano, a sensação de sua chegada foi tão grande que mesmo os críticos mais severos não economizaram elogios à sua pessoa e talento. Durante anos, manteve-se no apogeu, sempre atuando como galã, beijando as mulheres mais lindas e famosas do cinema, tendo mesmo havido murmúrios de um romance entre êle e a "divina" Greta Garbo.

O tempo foi passando e Charles Boyer foi envelhecendo. E a notícia nos chega agora, informando-nos que o célebre galã fará o papel de um sacerdote e que, ao invés da majestosa (e falsa) cabeleira negra, envergará os cabelos brancos de um ancião coberto de experiência. Será isso um indício de seu talento em caracterizar os mais paradoxais tipos humanos, desde o filósofo bebedor de "Arco do Triunfo" até ao cínico profissional de "A Porta de Ouro"? Em "Uma Aventura na Índia", cujas fotos apresentamos em primeira mão, Boyer aparecerá ao lado da **coqueluche** Alan Lad e da belíssima e talentosa Deborah Kerr. E êle virá, então, num papel inteiramente diferente e contrário ao que nos acostumamos a apreciar. Será isso uma decadência? Só suas fãs poderão responder.



DECLÍNIO OU ASCENSÃO?





VELA DO NORTE NOS MARES DO SUL

JANGADEIROS NO GUAÍBA

Sôbre as águas serenas do rio + Recepcionados pelos gaúchos do "35" + Emoção popular + As finalidades do "raid" Fortaleza-Pôrto Alegre + Os heróis cearenses + Viagem ao interior do Estado

Reportagem de NATHANIEL GUIMARÃES



Os jornais calcularam em cêrca de cem mil o número de pessoas que acorreram à praia para assistir ao desembarque dos jangadeiros. Formado o cortejo, como se vê acima, êle foi várias vêzes detido pela massa popular entusiasmada com os cearenses

PÔRTO ALEGRE, 4.

AO entardecer do dia 18 do mês passado, sob verdadeira apoteose do povo gaúcho, os intrépidos tripulantes da jangada «Nossa Senhora da Assunção» — cinco jangadeiros cearenses e um repórter do Rio — desembarcavam na Praia de Belas, em Pôrto Alegre. Eram os heróis do momento. Acabavam de vencer cêrca de 5.000 quilômetros no audacioso «raid» Fortaleza-Pôrto Alegre!

A chegada da frágil jangada na Praia de Belas, deslizando sôbre as águas serenas do Guaíba, foi um espetáculo verdadeiramente grandioso e imponente. Desde as primeiras horas daquela tarde centena de pessoas aguardavam, ao longo das praias vizinhas, a chegada dos bravos jangadeiros. Os lugares mais elevados estavam repletos de gente. Pessoas mais afoitas procuravam avistar, sôbre o rio de águas barrentas, a vela branca da jangada e para isto procuravam trepar sôbre árvores e barrancos em perigosas escaladas.

O pôrto-alegrense há muito tempo não presenciava um acontecimento daquela monta, capaz de fazer sair às ruas cêrca de 100 mil pessoas. Nem mesmo o sr. Getúlio Vargas, em sua passagem triunfal rumo ao Palácio do Catete, conseguira reunir tantas pessoas nem inflamar tamanho entusiasmo e alegria populares.

E não era para menos. Aquêles humildes mas bravos filhos do Ceará haviam realizado uma façanha singular. O povo, ansioso, desejava abraçá-los. E por esta razão lá estavam, naquela tarde, milhares de pessoas cobrindo as praias e estendendo-se até o centro da cidade, delirando com o feito magnífico de seus irmãos nordestinos.

RECEPCIONADOS PELOS GAUCHOS DO «35»

Quando a frágil e primitiva embarcação surgiu diante da cidade, aproximando-se de vela enfunada e cercada por centenas de outras embarcações, o entusiasmo popular atingiu seu clímax. O povo rompeu os cordões de isolamento e avançou rio a dentro, ansioso por dar aos bravos cearenses o seu tradicional abraço de boas-vindas. Eram homens, mulheres e crianças entrando n'água até à cintura sob uma alegria indescritível.

Em dado momento clarins fizeram vibrar os ares de



As três fotos desta página mostram o entusiasmo com que os jangadeiros foram recepcionados em Pôrto Alegre. Na ânsia de ver os bravos nordestinos muitas pessoas arregaçaram as calças ou sungaram



as saias e entraram no rio (acima). No meio e em baixo: o povo à espera, comprimindo-se; a entrega da chave da cidade feita pelo prefeito Ildo Meneghetti (de branco) a Mestre Jerônimo, que está à sua esquerda.



tarde com o pungente «Toque da Vitória»; bombas e foguetes explodiam nos pontos mais diversos da cidade; salvas de artilharia faziam estremecer o solo; bandas de música enchiam o ar de alegria, enquanto por sôbre as cabeças da multidão manobravam os aviões da Base Aérea de Canoas e do Aero-Clube do Rio Grande do Sul.

Nem bem a jangada tocara as areias da Praia de Belas e os jangadeiros foram arrancados de sua tosca embarcação passando aos ombros do povo. Rompidos os cordões de isolamento os populares levaram os heróis jangadeiros pelas ruas da cidade antes mesmo da saudação oficial programada.

Só mais tarde, numa autêntica marcha-à-ré, elementos civis e da Brigada Militar do Estado conseguiram trazer os jangadeiros até junto do palanque oficial, a fim de que êles pudessem receber a chave simbólica da cidade-sorriso e escutassem os discursos do Governador do Estado, Prefeito Municipal, deputados e vereadores.

A nota mais interessante da recepção foi dada pelo famoso «35» — Centro de Tradições Gaúchas, associação que congrega em seu seio a maioria dos jovens vindos das estâncias do interior do Rio Grande do Sul para estudos na Capital. Cultores que são da história e das tradições do Rio Grande, os jovens associados do «35» compareceram às homenagens com um piquete de sua imponente cavalaria e vestidos à moda do homem do campo.

EMOÇÃO POPULAR

Finalmente, após a recepção oficial, prestada pela Comissão Organizadora das Festividades, a jangada «Nossa Senhora da Assunção» foi posta sôbre um caminhão da Prefeitura, e juntamente com os bravos jangadeiros, transportada em triunfo pelas ruas da cidade. Tamanha era a afluência de povo que o cortejo gastou da Praia de Belas até ao Largo da Prefeitura, onde a jangada ficará exposta ao público, mais de duas horas, quando normalmente o mesmo trajeto é feito em menos de vinte minutos.

Ao chegar à Avenida Borges de Medeiros, o cortejo foi envolvido diversas vêzes pela massa popular. Centenas de pessoas vinham para as ruas ou janelas dos edifícios e despejavam sôbre a jangada e os alencarinos verdadeira chuva de papel picado, serpentina e flores.

Poderosos alto-falantes, colocados no cimo dos edifícios mais altos espalhavam palavras inflamadas e entusiásticas sôbre a coragem e a tenacidade dos intrépidos navegadores.

No seio desta multidão variada, alegre e vibrátil, achava-se a senhora Josefa da Conceição Lima, de [illegible] anos de idade, e certamente uma das mais emocionadas pelo «raid» dos jangadeiros. E era natural que assim fôsse, pois D. Josefa era natural do Ceará e tremia só de saudade de sua Fortaleza distante. A proeza dos pescadores patrícios como que a transportava para lá e D. Josefa, prêsa da mais pura emoção sentiu as pernas lhe faltarem, caindo ao solo. Socorrida por populares verificou-se que a boa senhora estava morta. Fôra o coração, o velho coração que não pudera resistir à alegria violenta.

Na noite daquele mesmo dia, informados do acontecido e apesar de todo o cansaço da viagem, os jangadeiros compareceram ao velório da patrícia.

A SIGNIFICAÇÃO DO RAID FORTALEZA-PÔRTO ALEGRE

O feito extraordinário dêstes humildes nordestinos abalando-se a uma viagem de cêrca de 5.000 quilômetros sôbre o Oceano Atlântico, não teve por finalidade a conquista de um simples troféu esportivo. O verdadeiro objetivo do «raid» Fortaleza-Pôrto Alegre foi conseguir recursos, dinheiro indispensável para o pouco mais de confôrto de que necessitam suas famílias nas colônias de pesca do nordeste.

Os 127 dias e 127 noites passadas navegando ora sob um sol abrasador, batidos pelo vento e pelo sal marítimo, ora sob o frio e o brilho distante das estrêlas vieram comprovar, mais uma vez, a tenacidade, o arrôjo e a coragem dos bravos pescadores cearenses. O «raid» veio despertar a atenção do povo, acordar o govêrno de seu pesado cochilo. Veio mostrar, também, as condições difíceis de vida que levam aquêles irmãos do Norte.

A Assembléia do Rio Grande do Sul, votou uma verba de Cr$ 200.000,00 para a aquisição da jangada «Nos-

sa Senhora da Assunção», que deverá ser entregue ao Museu Júlio de Castilhos, onde irá, certamente, figurar entre as suas mais preciosas relíquias. A Câmara de Vereadores também votou verbas destinadas a auxiliar os pescadores, Cr$ 50.000,00 para custear estada, despesas de viagens e aparelhar a colônia de pesca no Ceará. Assim, surgiram as primeiras respostas do Poder Público brasileiro e do povo em geral ao apêlo dos bravos homens do mar.

JANGADEIROS NO GUAÍBA

OS HERÓIS

Mestre Jerônimo, Mané Prêto, Tatá, Frade e «31», eis os nomes dos heróis que o Brasil aplaude de Norte a Sul. E não podemos deixar de lado Vinicius Lima, o repórter-jangadeiro, que substituindo Tatá, devido ao seu estado de saúde, acompanhou a jangada do Rio de Janeiro ao Sul, lutando ombro a ombro e de igual para igual com os jangadeiros.

Sôbre os jangadeiros pouca coisa a imprensa tem noticiado. Jangadeiro fala pouco. Gosta mais de ficar em silêncio, ouvindo apenas o que os outros dizem. Às vêzes Mestre Jerônimo ou Tatá, que são os mais desembaraçados respondiam algumas perguntas que lhes faziam os jornalistas. Falando sôbre a situação do jangadeiro no Norte, disse Mestre Jerônimo:

— «Pescador tem nada não. E o diacho como é explorado! Se vende cem cruzeiros de peixe, cinco por cento para o Instituto. Se vende vinte, dez tostões, e assim por diante.»

Mestre Jerônimo, que é um caboclo desembaraçado, continua contando coisas em seu linguajar pitoresco de nordestino.

— «Já pedimos que o delegado de Caça e Pesca fôsse um pescador. Queremos uma pessoa que seja nossa amiga, que compreenda nossa situação! Pescador vive mal e quando aparece a praga do «caràzinho» (diminutivo de cará) que também chamamos «patriota», peixe engorda comendo o peste e pega o anzol não.»

E Mestre Jerônimo vai esclarecendo a situação no Ceará. Jangadeiro é assim, fala pouco, mas quando são levados a contar coisas de sua terra desprendem a língua. Mestre Jerônimo contou coisas acontecidas no oceano, falou dos peixes, de histórias sensacionais de jangadas e baleias e também falou de amor, que a vida tem disso tudo...

Mané Prêto, Frade e «31», êste último é assim chamado por ser o mais moço da turma e ter recentemente entrado no rol dos «balzaqueanos», são completamente «impermeáveis» e não falam de modo algum. Jerônimo explica aquêle silêncio.

— «Os meninos são assim mesmo. Principalmente «31». Só conversa quando está conosco, assim mesmo, se não fôr na mesa, que êle respeita muito. Só se solta entre as mulheres e aí é preciso segurá-lo com cuidado que êle toma mulher de todo mundo.»

VIAGEM AO INTERIOR DO ESTADO GAÚCHO

Hóspedes oficiais da cidade de Pôrto Alegre e do Govêrno do Estado, os jangadeiros foram envolvidos pela atenção e carinho de todos os gaúchos. O programa elaborado pela Comissão de Festejos, apesar de intenso, foi cumprido. Foram êles recepcionados na Prefeitura; falaram pelo rádio-amador com pessoas de suas famílias, no Ceará; estiveram no banquete oferecido em sua honra pelo Clube dos Jangadeiros de Pôrto Alegre; assistiram à festa promovida em sua homenagem pela Casa do Artista Rio-Grandense e foram mimados por dezenas de belas gauchinhas. Cumprido o estafante programa na Capital, foram os jangadeiros convidados a visitar o interior do Estado, onde ainda se encontram percorrendo demoradamente as zonas coloniais, fronteiriças e serranas.

Entretanto, deve-se dizer que nem tudo tem sido rosas para os bravos jangadeiros. Assim, por exemplo, aquêle momento crucial vivido na Lagoa dos Patos, quando a frágil embarcação emborcou diante da fúria das ondas, ou quando o avião em que viajavam pelo interior do Estado ficou horas a fio rodando dentro de um espêsso nevoeiro sem conseguir lugar para descer.

Mas foram sustos passageiros, pequenos nadas para aquêles que estão acostumados a vencer os mistérios do oceano imenso. E em qualquer lugar do Rio Grande do Sul que êles chegam, abrem-se em cruz os braços da gente gaúcha, a fim de estreitar de encontro ao peito hospitaleiro os bravos filhos do Ceará — jangadeiros no sul!



A cavalaria do «35» (Centro de Tradições Gaúchas), que servia como guarda de honra dos jangadeiros, várias vêzes viu-se obrigada a abrir caminho entre a multidão, para que passasse o cortêjo

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ..	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 6	Cultura média	Estudante ginasial
De 7 a 11	Cultura superior	Universitário
De 12 a 14	Genial	Um sábio
Tôdas as quinze		O gênio em pessoa

1 — EM 1814 ESTAVA NAPOLEÃO:

— Na ilha de Elba?
— Em Sta. Helena?
— Na campanha da Rússia?

2 — DE QUE AUTOR É A OBRA «OS QATRO CAVALEIROS DO APOCALIPSE»:

— De Victor Hugo?
— Blasco Ibanez?
— Visconde de Taunay?

3 — A QUE REI MITOLÓGICO BACO OUTORGOU PODERES PARA TRANSFORMAR EM OURO TUDO EM QUE TOCASSE:

— Midas?
— Minos?
— Nabucodonosor?

4 — DE QUE LÍNGUA SE FORMOU A PALAVRA ALFABETO:

— Da latina?
— Da grega?
— Da alemã?

5 — EM QUAL DESTAS REGIÕES SE PODE VER O «SOL DA MEIA-NOITE»:

— Patagônia?
— Escandinávia?
— Ilhas Baleares?

6 — DE QUE PAÍS ERA O MAIOR POETA DO SÉCULO XIX, PUSHKIN:

— Da Rússia?
— Da Polônia?
— Da Holanda?

7 — QUE NOME TINHA O DEUS DOS VENTOS NA MITOLOGIA GREGA:

— Mercúrio?
— Apolo?
— Eolo?

8 — O QUE TEM TORNADO CHICAGO MAIS CONHECIDA NO MUNDO:

— O seu clima?
— Os seus crimes?
— Seus rios?

9 — QUE NOME SE DAVA AO SER MITOLÓGICO QUE TINHA TÓRAX E CABEÇA DE HOMEM E O RESTANTE DO CORPO EM FORMA DE CAVALO:

— Centauro?
— Quádriga?
— Ciclopes?

10 — QUAL O PONTO VULNERAVEL DO GUERREIRO AQUILES:

— O joelho?
— O braço direito?
— O calcanhar?

11 — QUAL DESTAS DESCOBERTAS COUBE A ROBERTO GUILHERME VON BUNSEN:

— O carburador?
— Gás queimar sem fumaça?
— A garrafa térmica?

12 — QUAL DESTES GUERREIROS RECEBEU O NOME DE «O FLAGELO DE DEUS»:

— Átila?
— Ciro?
— Alexandre Magno?

13 — A TORRE EIFFEL É APENAS:

— Decorativa?
— Monumento comemorativo?
— Ou de utilidade prática?

14 — QUANTOS SÃO OS SIGNOS DO ZODÍACO:

— 24?
— 18?
— 12?

15 — QUEM CRIOU A CIÊNCIA DA ECONOMIA POLÍTICA:

— Júlio Verne?
— Adam Smith?
— Spengler?

(Respostas na pág. 53)

INSÔNIA DO SUPERTÍMIDO

(Cont. da pág. 26)

Os chineses ou os egípcios, não sei bem, já disseram certa vez, que uma das piores cousas do mundo é tentar ser agradável. E isso é verdade.

Amo-a. De nada me valeu, a iniciativa que tomei para afastar êsse amor de mim; para que me tornar um bêbedo, um depravado, freqüentando cabarés, como freqüentei algumas vêzes, no esfôrço infrutífero de esquecê-la?

Não a quero amar. Luto contra isso. Amo-a, meu coração pede, porém ela não quer. Que fazer, pois? Sou um pobre farrapo que foi modelado contra os princípios da vida moderna. Sei que não serei correspondido.

Por isso tôdas as noites essa angústia me assalta. Tenho mêdo que êsse amor me leve à ruína. Ela não me quer, não me compreende. Procura esquecer que a amo, e acho impossível. Se eu persistir, sei que ela sempre me repelirá. E nisso está minha amargura. Meu coração foi educado de modo errôneo, só creio em bondade desprendimento, e tenho mêdo de enfrentar a desilusão.

Procuro esquecê-la. Mas a paixão continua. E por que? Porque sou fraco, limpo de coração e sincero, e não tenho fôrças para desprezá-la também. Porque sou um pobre deslocado de seu meio, uma vítima de um êrro de educação, um tímido.

Ó, tias de minha infância, por que me educaram assim?

★

Sombras negras e difusas bailam pelas paredes. A angústia me assalta, penso nela e ela está em meu coração. Mas luto! Olho ansiosamente para a veneziana esperando o dia. Sempre assim... Até quando?

O OLHAR DA VIRGEM

(Cont. da pág. 35)

— Meu pai!

— Querido filho!

Caíram nos braços, um do outro.

— Soube pelo Afonso que você chegara. Arrumei tudo para esperá-lo. Mas a sua demora já me preocupava. Resolvi vir ao seu encontro. Imaginei que estivesse aqui.

— Já deveria estar em casa, há muito tempo. Fui beber com uns amigos... Sou fraco para essas cousas... Depois, o cansaço... Perdoe... Veio a cavalo?

— Vim.

— Então, vamo-nos embora.

Não haviam, ainda, percorrido vinte metros quando Miguel estugou o passo ao alazão.

— Pai... o senhor não vai levar a mal... Não vou acompanhá-lo, agora. Vá andando, que tomarei outro rumo... Quero ver a minha Rosária...

E num tom de triunfo, concluiu:

— Tenho aqui a fortuna que o pai dela exigiu. Não regateará quando souber que não sou mais «sem eira, nem beira»...

José Augusto parecia perplexo...

— Rosária?!...

— Sim, Pai. Agora nós nos casaremos. Anseio por apertá-la nos braços... Até logo!

— Espere... espere, um pouco...

Parecia muito aflito.

— Que é, Pai? falou o rapaz, intrigado.

O homem demonstrava grande inquietação.

— Escute... meu filho... não sabe que Rosária... Você não recebeu minha carta?!

— Que carta?

Um pensamento horroso atravessou o cérebro do rapaz.

— Fale, depressa! Que houve com Rosária? Está morta?!

O velho meneou a cabeça e respondeu, pousadamente:

— Está... morta... para você!

— Como?!

— Sim. Morta para você, meu filho! Rosária casou há mais de dois meses com o Aleixo, filho do Juca dos Santos...

Decerto não ouvira, direito. A sua Rosária, que lhe jurara fidelidade e por quem pelejara durante três longos anos, casada com outro... E com o sujeito que sempre a perseguira! Não. Não era possível!

— Pai! E'... verdade... isso?!...

O homem fêz com a cabeça um sinal de assentimento.

Miguel, ferido em pleno coração, sentiu o sangue ferver-lhe nas veias. Mais parecia um rugido a sua voz.

— Bandido, o Aleixo! Miserável! Roubou-me a Rosária! Deslumbrou o pai dela com os milhões que ainda vai herdar! Ela foi forçada... a minha Rosária! Tenho certeza! Amou-me sempre!... Mas... isso não ficará assim. Hei de vingar-me!

José Augusto estremeceu ante o olhar de ódio do rapaz. Lobrigou-o acariciar o punhal que trazia à cintura... Ràpidamente, segurou as rédeas do alazão.

— Meu filho! Pelo amor de Deus, suplicou, veja o que vai fazer! Logo hoje, na noite de Natal!

— Deixe-me! falou, brutalmente.

E esporeou o cavalo.

Ainda escutou, ao longe, a voz angustiada:

— Miguel! Volte, meu filho!

Não atendeu.

Soltou, o mais possível as rédeas do animal, que se pôs em disparada...

Mas... foi obrigado a estacar, de repente. A procissão iria passar, justamente, por aquêle caminho... Aquela majestosa procissão, que conduziria a Virgem da Capela à Matriz, onde se encontrava o presépe. O cortejo que sempre acompanhara possuído de profundo misticismo... Não havia mais tempo para sair dali. Instintivamente, tirou o chapéu e desceu do cavalo.

No meio daquela gente — que vinha em at'tude extremamente respeitosa — erguia-se a imagem da Virgem, tôda de branco... A mesma Virgem a quem se habituara a recorrer nas aflições e que sempre fôra o lenitivo para as suas grandes dores. Ela se aproximava... o mesmo olhar sereno e compassivo...

A sua volta o côro cantava, suavemente, «Noite Feliz»...

Suor gelado aljofrava a fronte de Miguel. Trêmulo, ofegante, caiu de joelhos. E assim se manteve até que a multidão acabou de passar.

Quando se levantou, viu que José Augusto estava a seu lado, pálido qual estátua de mármore...

Arrancou da cinta a faca.

—Tome, Pai. Atire-a longe de mim... Não posso!... Foi o olhar da Virgem! Vamos! Vamo-nos embora para São Paulo... Nunca mais voltaremos aqui...

O pobre velho tinha os olhos marejados...

AINDA A GUERRA...

(Cont. da pág. 45)

cando de covardia e heroismo. E o verdadeiro herói da história é John Huston, brincando de esconder gente bonita e limpa, que no filme só aparece gente um tanto feiosa e nada encadernada. Enfim, um filme másculo dirigido por um diretor másculo: tipicamente Huston. Em Londres, foi lançado, a mêdo, num cinema elegante mas de pouca responsabilidade. O público gostou tanto que o filme foi ficando, ficando, e os que o programaram encabularam. Deviam ter respeitado mais o nome de John Huston. Porque não é o assunto o que importa, mas sim a realização. No caso da guerra civil, não resta dúvida que o tema já está mais do que cacete. Tão cacete que um dia acabará provocando uma nova guerra civil. Mas quando tem a assinatura de um Huston bem que vale o sacrifício — se é que se pode considerar sacrifício se assistir a uma fita violenta e máscula, inteiramente cinematográfica, como são as fitas de Huston. Ainda que o assunto seja guerra civil. Que Deus a leve em paz...

RÉJANE E O CINEMA

(Cont. da pág. 45)

as suas mais belas interpretações não tinha talvez oferecido exemplo: verdadeira vitória do espírito sôbre a matéria que basta para justificar Mercanton ter dito: Perdendo Réjane, o Cinema Francês teve a maior perda que podia ter».

Réjane tinha morrido quando o filme foi apresentado. Ela não chegou, pois ,a se ver. E é lamentável, pois, além das suas imagens, muito mais seguramente do que Sarah Bernhardt, ela teria podido ver abrir-se para ela uma nova carreira cheia de promessas: o Cinema exige muita sinceridade e ela era a sinceridade feita mulher.

Respostas ao teste

1—Na ilha de Elba
2—Blasco Ibanez
3—Midas
4—Da grega (alfa (A) e beta (B)
5—Escandinávia
6—Da Rússia
7—Eolo
8—Os seus crimes
9—Centauro
10—O calcanhar
11—Gás queimar sem fumaça
12—Átila
13—Tem utilidade prática (Serve de estação rádio-emissora e para experiências sôbre a atmosfera)
14—Doze
15—Adam Smith (Com a famosa obra «Riqueza das Nações»)

O QUE VAI PELA . . .

(Cont. da pág. 46)

well e Janis Paige. O absurdo no caso gira em tôrno de um cachorro que é envenenado e consegue permissão para voltar a terra e descobrir o culpado de sua morte. O cachorro reincarna-se na pessoa de Dick Powell e daí em diante o filme começa a produzir situações divertidas, mantendo a platéia num clima de bom humor. Se vocês gostam de histórias absurdas, «You Neves Can Tell» é um programa interessante.

★ Não há quem possa com Randolph Scott. Com um revólver êle é mais rápido do que o pensamento; com os punhos massacra quantos vilões lhe apareçam pela frente. Se você não acredita veja «Man In The Saddle», onde Randolph tem a oportunidade de usar em grande escala punhos e revólveres, nessa película em tecnicolor e que trouxe de volta a tela Joan Leslie. Vocês se recordam dela em «Sargento York», com Gary Cooper?

A INSATISFEITA

(Cont. da pág. 23)

por entrar em relações de amizade com os habitantes praianos. Fôssem quem fôssem êles, eu não tinha o ar de aparecer como seria preciso. Você sabe: eu estava em meus dias de individualismo, e muito me assemelhava a uma pintura cubista e não a um daguerreótipo. Sempre gostei de ser sensacional, e julgava que chamar a atenção para mim seria o mesmo que atrair amigos; descobri, porém, que não era nada disso. Numa noite do mês de agôsto, deveria realizar-se grande baile num dos hotéis, e eu desejava vestir uma tualete que pudesse eclipsar todos os outros. O baile era dado em benefício de uma obra de caridade local e todos os habitantes dos arredores deveriam assistir. Eu encomendei um vestido à minha costureira e ela me enviou estranha e maravilhosa criação. Era uma tualete complicada. O corpete de bordados de azeviche com algumas rendas, uma túnica de tule e uma saia de brocados de ouro tão estreita em tôrno das cadeiras, que mais parecia uma calça turca. Para minha cabeça ela me enviara uma tira de gaze dourada, para que eu a enrolasse em forma de penteado de freiro, de maneira que meus cabelos apenas fôssem vistos um pouquinho por detrás e nada à frente. Era o último grito da moda. O indumento me fazia lembrar um sonho das "Mil e Uma Noites".

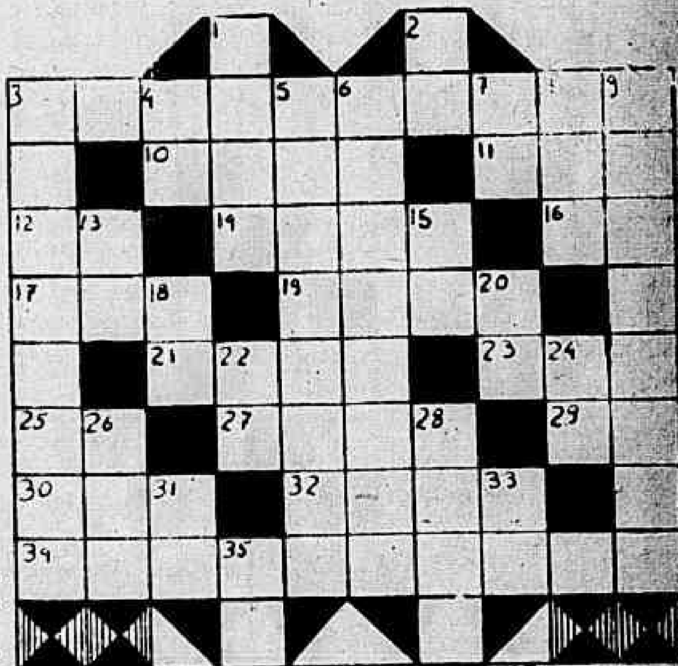
Ela se pôs a rir, e, contagiado por isso, Porter também riu.

— Envergue o vestido para o baile e foi então que encontrei Colin Quale. Desejaria que você visse a cena; uma

PALAVRAS CRUZADAS

Problema Nº. 97 para Veteranos

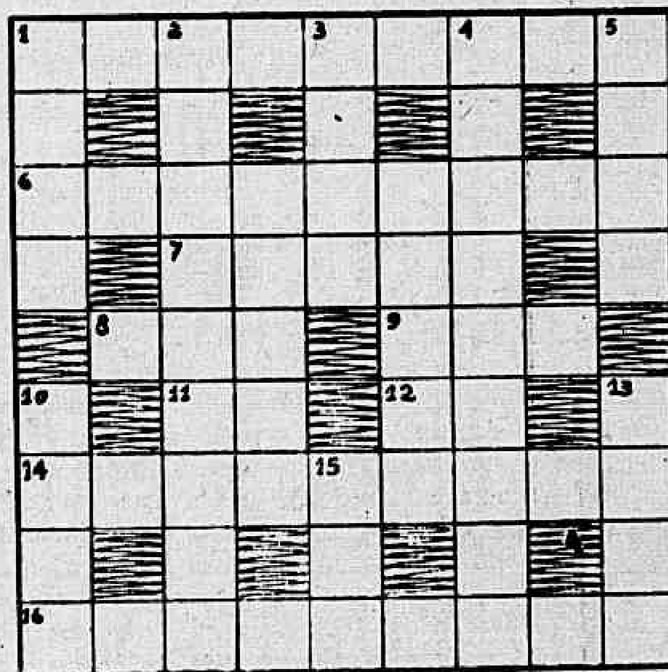
HORIZONTAIS: — 3. Espécie de papoula (pl.) — 10. Cidade da Fócida — 11. Pequenina concha dos rios — 12. O mês de agôsto do calendário siriomacedônio — 14. Levante — 16. Prefixo que traz a idéia de apartamento — 17. Círculo de ouro ou prata que os timores usam ao pescoço, como sinal de terem cortado cabeças de inimigos — 19. Antiga cidade no delta do Nilo, hoje Sa-el-Haggar — 21. Língua monossilábica, aproximada do siamês — 23. Pimenta da Guiné — 25. Chega! — 27. Esfera — 29. Mi-bemol, na notação alemã — 30. A tenda considerada como lar — 32. Adega ou frasqueira subterrânea — 34. Em psicanálise, estado em que a libido é dirigida ao próprio «ego».



VERCITAIS: — 1. Valador — 2. Cidade da Bélgica — 3. Arvore da América — 4. Nome sob o qual os lídios adoravam Reia — 5. Compensei — 6. Animal feroz oriundo de Madagascar, muito parecido com o leopardo (pl.) — 7. Rainha egípcia da 18ª dinastia — 8. Antiga montanha da Grécia — 9. Adoração dos astros — 13. Medida japonêsa de superfície — 15. Deusa médica dos Ases — 18. Prefixo que traz a idéia de tendência, direção — 20. Vila do concelho de Ponte de Lima (Port.) — 22. Simboló do holmio — 24. Variedade de cabrito almiscareiro da China — 26. Nome de mulher — 28. Bacante — 31. Mostra — 33. Unidade monetária de bronze das populações primitivas da Itália Central, Etrúria e dos romanos — 35. Pancada na cabeça.

★

Problema Nº. 97 para Novatos



HORIZONTAIS: — 1. Aquilo que aparece — 6. Reboco — 7. Pequeno poema satírico de Horcio — 8. Ata — 9. Argola — 11. Basta! — 12. Batráquio — 14. Plantio de amoreiras — 16. Causava pavor.

VERTICAIS: — 1. Gostar — 2. Que tem adornos de prata — 3. Armadura antiga para a cabeça — 4. Submeteria à insolação — 5. Tornar oco — 10. Busca — 13. Espírito — 15, Reflexão de um som.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 96 — PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — Oto — Lot — Plausível — Al — Ogano — In — Lãs — Abs — Ano — Asas — Cloé — Miul — Nhom — Badb — Ateu — Oro — Til — Ett — Li — Lenia — Rã — Alcatório — Err — Zil.

VERTICAIS: — Ol — Tao — Ougã — Lins — Ovo — Te — Plasmaria — Saba — Linómetro — Ala — Noé — Saído — Alote — Sub — Chã — Bol — Pint — Uta — Tear — Lioz —Ler — Ari — Lé — Il.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — Morador — Pedir — Bagagem — Rolaria — Latir — Namorar.

VERTICAIS: — Opa — Regalam — Ada — Digerir — Ore — Bar — Mia — Ola — Ato — Ira.

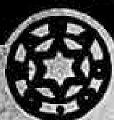
Colaboração e correspondência para: »REVISTA DA SEMANA» — PALAVRAS CRUZADAS.



exige outra:



Polvilho Antisséptico
GRANADO



DESODORANTE
CICATRIZANTE

grande sala, com tôdas as mulheres a me olharem e todos os homens que sorriam para mim. Eu estava em meu elemento. Até então eu julgava que o critério do encanto pessoal era o de reter os olhares da multidão. Hoje eu sei perfeitamente que é o de reter, ùnicamente, os da elite, e foi Colin que me advertiu dessa verdade. Eu já havia dançado uma porção de vêzes, quando êle veio tirar-me. Eu apenas me recordava de ter-lhe prometido uma contra-dança. Quando mo apresentaram eu não tinha visto mais do que um pequenino homem pálido, de óculos, e de mãos nervosas, a contemplar-me quase fixamente. Dançamos durante alguns minutos, e notei que êle o fazia divinamente. Súbito, êle pára.

— Vamos sair um pouco daqui, — disse-me — preciso falar-lhe.

Eu o olhei estupefata.

— Mas eu quero dançar!

— A senhora pode dançar sempre, — diz êle tranqüilamente — mas nem sempre poderá falar comigo.

Delilah prosseguiu:

— Nada dessas palavras indicavam preliminares de um flêrte. Êle parecia muito sério e manifestamente persuadido de que me estava proporcionando raro privilégio. A curiosidade me avassalou e eu consenti, guiando-me êle através do "hall" até uma saleta afastada onde havia grande espelho e volumoso buquê de rosas de feitio antigo, num vaso baixo em cima de uma mesinha. Passamos diante de uma fila de cadeiras e alguém havia esquecido sôbre uma delas um chale e uma echarpe. Ao passar, Colin apanhou a echarpe. Tratava-se de larga tira de musselina branca. Eu fiquei com ela e, na manhã seguinte, eu lha devolvi e êle, encontrando a dona, entregou-a. Não sei até hoje de que explicações se valeu para justificar o pequeno furto diante da proprietária; mas tudo foi atribuido, certamente, às excentricidades do gênio!

Delilah parou um instante, prosseguindo depois:

(Cont. no próximo número)

FREIRAS DE UM . . .

(Cont. da pág. 17)

O que se destaca nessa Ordem religiosa é a simplicidade das irmãs. A missionária de Jesus Crucificado é acessível, uma verdadeira amiga daquelas a quem conforta. Não há distinção alguma. As irmãs se misturam com aquêles a quem faz bem pois têm sempre presente que não devem perder o contato com o mundo, já que o querem tomar: a irmã de uma sociedade em transformação toma como lema ser igual a todo mundo, pois é o jeito que lhe permite aproximar-se melhor das pessoas. Caídas as barreiras mentais, não sobra nem a do hábito; a missionária deixa-o sempre que o exige o mundo, só o usando em casa; assim mesmo quando, por qualquer motivo estiver impedida de mudar de roupa, ela não tem obrigação de fazê-lo. As missionárias de Jesus Crucificado têm como princípio que as regras não devem ser rígidas, pois na sua Ordem mandam os necessitados, são êles que vêm em primeiro lugar, e segundo suas conveniências é que são feitas as regras.

Não se deve entender daí que não seja uma ordem religiosa completa, uma vez que são religiosas como as de tôdas as outras ordens: fazem voto de pobreza, obediência e castidade como tôdas as demais congregações. Há um voto mais, particularmente delas: o de mansidão. Sòmente a congregação de que trata esta reportagem é feita dentro de um espírito moderno, em que a necessidade de agir sempre e a trepidação constante exigem muitas vêzes novas atitudes exteriores.

As religiosas compreendem que a Igreja tem que se movimentar, estar na vanguarda do movimento social se não quer perder o rebanho. Seguindo o que diz o Evangelho largam tôdas as ovelhas para procurar a perdida, que é a que se busca. Tôda a vida das freiras de Jesus Crucificado se rege por esta idéia: há ainda o que fazer: O tempo da paz completa em Cristo ainda não chegou e para consegui-lo é que se lançam no mundo novos e valorosos cruzados de saias.

Quem é a Missionária de Jesus Crucificado? E' a ala nova da Igreja no Brasil. Por todos os jeitos, por todos os lados, através delas é a palavra do Cristo que penetra em todos os meios da sociedade brasileira. Cinqüenta e duas casas possuem atualmente funcionando. De todos os pontos do país lhes chegam pedidos de abertura de novas casas. Os lugares onde a vida religiosa se acha estagnada pedem às missionárias o viço e o ardor de seu entusiasmo.

As freiras de um novo mundo combatem com novas armas, onde não há mais lugar para esperar que os fiéis venham. A vida moderna não permite mais sossêgo: ou a Igreja se põe em campo, levando para o torvelinho a imagem do seu Deus ou o povo o esquecerá.

E' esta a preocupação das missionárias: levar Deus aos pobres e a todos que dêle necessitem espiritualmente, fazendo ver que devem voltar a estar misturados com a vida, como estiveram até ao início da era moderna.

A freira de um mundo novo sabe que a religião não pode mais ser apresentada como no século passado só como proibição. A alegria faz parte da vida e a religião tem que ser uma fonte de alegria, tem que ter um lado atrativo, que prenda. E' êste lado que as irmãs mostram: a vida vale a pena ser bem vivida, é claro que dentro das virtudes cristãs.

A grande arma das irmãs missionárias, já dissemos no comêço, é a mansidão. A irmã missionária não se zanga nem se irrita. Compreensiva para as misérias do mundo não as condena, procura aliviá-las.

E' isto que as torna tão simpáticas: não fazem alarde de sua piedade nem de sua virtude, mas com compreensão da moderna propaganda sabem que o que elas oferecem tem que ser apresentado sob ângulos que atraiam, que prendam a alma. São os arautos do Céu neste mundo: do Céu contam as belezas, procurando, como uma companhia de turismo, interessar o maior número de pessoas em suas viagens — viagens ao Céu, com bilhete grátis.

O voto de mansidão, peculiar à Ordem, mostra bem até que ponto elas devem ficar ligadas ao mundo. A mansidão exige paciência, muito amor, esquecimento de si, tudo quanto deve ter quem pensa em tomar de assalto o espantado mundo.

Freiras de um mundo novo, as missionárias de Jesus Crucificado combatem no novo mundo pensando nas palavras de consôlo e esperança que ouviram no dia da profissão: "E eu, da parte de Deus, vos prometo cem por um neste mundo, e a Vida Eterna. . ."

"Bem aventurados os mansos de coração, porque êles possuirão a terra" (Mat. 1-5.)

O SEGRÊDO DE SUA MOCIDADE

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a queda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

À venda nas boas Farmácias

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA.

LEITE DE ARROZ BISCUIT

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a marca BISCUIT)

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

MULTIFARMA

Rua Direita, 191 — 6º andar
SÃO PAULO
Remessas pelo Reembôlso.

A BELEZA DOS SEIOS

BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº ......
NOME ....
RUA .... Nº ....
CIDADE ....
ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

CRÔNICA

Em dias da semana que ora finda, o acaso permitiu que me encontrasse, em uma festa, com algumas alunas da Escola Normal, das últimas diplomadas. Fui-lhes apresentado e logo se estabeleceu entre nós amável familiaridade em assuntos igualmente simpáticos a elas e a mim. Arredio, por sistema, de todos os cenáculos, pois a todos a inveja e o ciúme acabam por envenenar, senti-me prêso de uma grande estima pelo feitio despretencioso e inteligente dessas mocinhas e sobretudo pela sua coragem, pela sua confiança no futuro das altas e nobres coisas do pensamento. Sem malícia, sem esfôrço, sem fazer beicinho e revirar os olhos como qualquer preciosa art nouveau, discorriam com igual facilidade sôbre literatura, arte e pedagogia, revelando leitura vasta, critério próprio e proselitismo sincero na missão admriável de instruir e educar a infância. Nenhuma, para fazer-se valer, deprimia as camaradas, antes de uma estreita solidariedade parecia congregá-las em volta do mesmo ideal de cultura e evangelização. Essas meninas tinham do seu papel uma noção mais social que pessoal, noção cuja falta tanto tem contribuído para diminuir a influência dos nossos homens de letras sôbre o público. O seu sentimento da responsabilidade afigurou-se-me sadio, a sua consciência moral suportava fàcilmente um inquérito ardiloso, o equilíbrio geral da sua mentalidade atraía a atenção e provocava a réplica. Horas sôbre horas foram passando e só lamento que tão curtas fôssem.

O contraste entre os desvios a que diàriamente assistimos e êste grupo de moças preparadas para o trabalho honesto e independente consola e anima. De dia para dia diminuem as probabilidades dos bons casamentos, isto é, das uniões em que o homem, forte e soberano, julgava haver afirmado solenemente a sua essência superior quando chamava para junto de si uma criatura encantadora na sua fragilidade. A tendência moderna, aqui e na Europa, é para o celibato, o horrendo e estéril celibato, ou para os matrimônios em que, além do vínculo sagrado, existe a associação dos interêsses. Ambos os cônjuges concorrem com o produto do seu esfôrço para a prosperidade da comunhão; ambos são, a um tempo, protegidos e protetores, ambos igualmente necessários um ao outro; nenhuma superioridade, nenhuma desigualdade, além das que a natureza inexoràvelmente impõe. Eis o que nos dizem os livros, as estatísticas, os comentários dos escritores que mais têm considerado e discutido o problema.

A normalista ou, a exemplo dela, tôda a mulher que procura viver altivamente do seu labor honesto, merece a simpatia, o carinho, o apoio dos que cuidam a sério do futuro dos povos, das nacionalidades e das raças. O seu exemplo é fecundo; a sua energia comunicativa; a sua fé, salutar. Eu admiro-as e saudo-as.

JACQUES BONHOMME


REVISTA DA SEMANA

TYPOS DA RUA

A REVISTA Há 50 Anos

Sábado, 29 de março de 1902

Solar Bendito

Para MARIA O.

Êste velho solar de áureos brasões, augusto,
À memória nos traz recordação bem grata:
— Nesta janela eu vi teu simpático busto
— Lindo, como enquadrado em caixilho de prata!

— E as juras que te fiz naquela porta, em susto,
— E as confissões baixinho em que a alma se arrebata
— Na sala e no jardim, misturando-se a custo
— Nossos beijos de fogo ao rumor da cascata!

— Nos troncos do pomar quantas datas gravadas!
— As areias do parque inda guardam moldadas
— A forma dos teus pés junto à dos meus, Senhora!

— E esta câmara azul — um cofre turtesino
Que nosso amor contém, guarda nosso destino —
— E essa câmara azul onde a carícia mora!

J. M. Goulart d'Andrade

OS TEATROS

Um grupo de rapazes de talento e com a paixão do teatro projeta realizar, no Recreio Dramático, que para tal fim lhe foi gentilmente cedido, uma série de conferências sôbre a mais completa e sedutora das artes: a teatral. Conheço a idéia pela rama, tal qual me foi exposta em síntese rápida, há poucos dias, mas tanto basta para poder dedicar-lhe algumas linhas desta palestra semanal, que não foi inventada para outra coisa.

A iniciativa é louvável, como tôdas as manifestações de ordem intelectual, em um meio que, em matéria de belas-artes, tem andado para trás, em vez de progredir. Culpa do público? Não, cem vêzes não, mil vêzes não; sempre o disse e continuarei a martelarnes ta tecla, para acabar de vez com esta fácil e cômoda tangente dos que não querem estudar, trabalhar, produzir e lutar. Culpa daqueles, cujos esforços solidários elaboram e exibem a obra de arte. Culpa dos autores, dos críticos, dos empresários e dos atores, êstes últimos, coitados, em menor escala, porque a dependência e subalternidade da sua posição atenuam consideràvelmente as suas responsabilidades, quando de todo as não suprimem.

As conferências projetadas não podem, porém, exercer a menor influência sôbre o grosso do público, sôbre as "mil e duzentas pessoas" que, renovando-se constantemente, terão de julgar a obra teatral. A sua ação limitar-se-á ao reduzido auditório que no Rio de Janeiro atribui ao teatro um valor moral educativo. Êsse irá ouvir o conferencista, não para instruir-se, mas para recordar, comprovar e conferir as suas próprias leituras, escolhidas nos mesmos textos que orientaram o orador. Êste será, quando muito, o primus inter pares, nunca o evangelizador, o pregador de uma cruzada contra o abandono dos teatros e a decadência da arte dramática. Dar-nos-á, talvez a esperança de melhores e mais fecundas iniciativas; ganhará crédito e prestígio, o que também não vale pouco, mas a sua catequese sôbre o grosso do público, único que urge conquistar, será nula por falta de auditório.

FARFALLA

VAI FALTAR ÁGUA?



Jornais matutinos de meados de março publicaram uma notícia que faz temer: a grande adutora de Ribeirão das Lajes está ameaçada de romper-se em Del Castilho! Motiva isto o trabalho realizado há algum tempo, na dragagem do Canal Faria, sôbre o qual passa a adutora que está ameaçando o confôrto dos cariocas. Sucede que com as chuvas mais recentes, a corrente do canal se converteu em impetuoso ribeirão, e as suas margens começaram a ser escavadas pela erosão. Deu-se deslocamento das colunas de sustentação da adutora, a qual está suspensa, sem apoio, na iminência de arrebentar-se. Já os responsáveis pelo abastecimento d'água ao Distrito Federal, correram para ver o que está acontecendo, e os engenheiros da Prefeitura estão tratando de construir bases sólidas para que nada de mais grave suceda. E sabe o leitor qual a zona que passaria, imediatamente, a sofrer os rigores da sêca, se a adutora caísse? Tôda a zona sul... A REVISTA documenta essa situação com os dois aspectos impressionantes desta coluna.



Tudo isto

Violência de autoridade

HÁ em nosso Código Penal um artigo, o 350, que prevê os crimes de abuso de autoridade. Mas, infelizmente, nem tôdas as autoridades policiais tomam conhecimento dêsse dispositivo da Lei Penal, que é igual para todos, e, de quando em quando, exorbitam de suas funções e cometem excessos desaconselhados. Há poucos dias, indo um cidadão ao 25º Distrito Policial solicitar informações sôbre um crime de atropelamento ocorrido naquela jurisdição, o comissário Gedeão Pimentel, naturalmente julgando que estava colaborando com a justiça, prendeu o visitante por uma hora. Mas o cidadão que fôra metido no xadrez do Distrito sem culpa nenhuma, não se conformou com a violência sofrida e apresentou queixa à Justiça, do que resultou processo e denúncia contra o comissário, capitulado no artigo acima citado. Subscreveu a denúncia o promotor Oliveira Diniz, ouvindo-se várias testemunhas, inclusive o colega do indicado, Aloísio Teixeira Leite, o qual confirmou as acusações contra o comissário Gedeão. O Juiz Alcino Pinto Falcão, titular da 24ª Vara Criminal acaba de proferir sentença julgando procedente a denúncia para condenar o réu à pena de 30 dias de detenção, pelo fato de haver abusado do seu poder de autoridade, metendo no xadrez o autor. O dr. Pinto Falcão, aproveitando o momento, entremeou sua sentença de várias considerações jurídicas que deviam ser divulgadas para ciência da própria autoridade policial, como elemento de recordação em matéria de direito de que gozam as pessoas perante as nossas leis. O caso foi muito comentado nas rodas policiais e deve servir de lição aos que usam de arbitrariedades.



Uma tróca infeliz

ESTA notícia nos veio de S. Paulo. Na rua Itaboca, — divulgou o "Globo" desta capital — às quinze horas do dia 25 de fevereiro, foi prêsa a jovem Alice Rodrigues, de 21 anos, solteira, residente naquela via pública, nº 198, quando foi encontrada envergando luzidia farda do nosso Exército. Era carnaval, mas, mesmo assim, é proibido usar-se como fantasia qualquer farda militar, vestes sacerdotais, etc. E lá se foi Alice para a Polícia Central, a fim de explicar a origem da sua vestimenta. Então ela contou uma história um tanto esquisita. Disse que, na noite de domingo, primeiro dia de carnaval, tinha sido procurada por um soldado embriagado. Êle lhe propusera uma brincadeira: êle vestiria a roupa dela, e ela a farda dêle. Sairiam pelas ruas da capital de S. Paulo como bons foliões, e, depois, cada qual retomaria o seu natural. Ela achou magnífica a lembrança do praça. Trocaram os indumentos e seguiram para o Salão Astória, na rua General Osório, onde brincaram, pularam, divertiram e beberam muito. Num dado momento, ela deu por falta do seu companheiro. Não sabe o nome, e sim o seu número: 1.307, do 17º R. C. de Pirassununga. Nada mais podendo fazer, tratou de voltar para sua casa, triste e abandonada, metida naquela farda que era uma melancólica recordação de um dia de prazer. Mas tudo acabou muito mal, pois foi detida e ali estava, na Central da Polícia para explicar uma história romântica, porém, muito perigosa. E o seu querido amiguinho de Pirassununga? A notícia não diz se êle foi encontrado vestido de "Alice Rodrigues". Mas que vai pegar uma cadeia dêste tamanho, lá isso é fatal!



E Exú baixou

DENTRE as músicas que mais se cantaram neste carnaval, havia uma denominada "Eu sou Exu". Deu-se um fato que estarreceu a quantos estavam a dançar no Clube Municipal de Meriti, no Estado do Rio. Era meia-noite em ponto, quando a orquestra do clube aristocrático rompeu a marchinha "Eu sou Exu". Todo mundo se enlaçou à sua dama e começou a rodopiar no soalho, entregue às delícias de uma noite de festas e alegria carnavalesca. Mas, em dado momento, houve um rebuliço, parando os pares, outros se afastando. Que seria? Uma senhorita da mais alta sociedade, jovem de rara beleza, caíra ao solo, rolou para lá e para cá, enroscando-se como serpente, fazendo trejeitos e esgares, como se estivesse possessa. Então houve quem explicasse: "Exu desceu no aparelho e está manifestado". Um diretor do clube acorreu e conduziu a moça para seu carro particular, levando-a à residência dos pais, em Niterói. O episódio causou a mais profunda impressão em todos que estavam nos salões do baile, provocando os mais desencontrados comentos. Teria sido mesmo o espírito de Exu que descera na jovem? Ou ela já era "cambono" de algum "gongá" e, sugestionada com a música e versos da marchinha, se viu, de súbito como que possuída de reflexos nervosos, caindo ao solo como se estivesse mesmo manifestada? Disseram, porém, que ela era de família católica praticante, sem qualquer articulação com o espiritismo cardecista ou de quimbanda. Como explicar o fenômeno? Aí está excelente tese para os psicanalistas desenvolverem seus estudos da alma humana.



Aconteceu

Ia matando o médico



ESTA é muito boa. Há em Foggia, na Itália, um grande hospital, e, no hospital, um necrotério. Tôdas as noites fica um clínico de plantão, a fim de constatar as mortes que se verificam no nosocômio. Uma dessas noites, indo o médico escalado examinar pela última vez o corpo de um doente que falecera e passar o competente atestado de óbito, ao aproximar-se da mesa de mármore onde estava o cadáver, viu que o mesmo se mexia. O médico estacou. Não se tratava de nenhum fenômeno cadavérico muito comum em tais casos, mas, exatamente, uma prova de que o corpo inerte estava voltando a si. O morto se levantava, sentara-se no mármore frio! O médico sentiu tal emoção, que caiu ao solo sem sentidos. Não satisfeito com isso, o "morto" tomou de uma vela, acendeu-a e saiu a passos lânguidos em direção do hospital, assombrando todo mundo. Foi um corre-corre de pânico. Mas, passada a primeira fase do choque de atordoamento, a gente começa a raciocinar. E foi isso que sucedeu ao facultativo do necrotério. Ergueu-se e foi em busca do "cadáver" que ia andando. Se o homem estava mesmo vivo, que recebesse socorros e parabéns; mas, qual não foi a surprêsa do clínico, ao descobrir que o fantasma que o fizera perder os sentidos, não era o do morto, e sim de um cliente maluco existente no hospital. E tudo se explicou: o idiota, querendo pregar um susto no médico de plantão, retirara o corpo do morto de verdade e o escondera, tomando-lhe o lugar na lousa fria. Depois de tudo explicado, o fenômeno foi objeto de comentários jocosos, embora o médico houvesse, de fato, raspado o maior susto de sua vida...

O preço de um baile



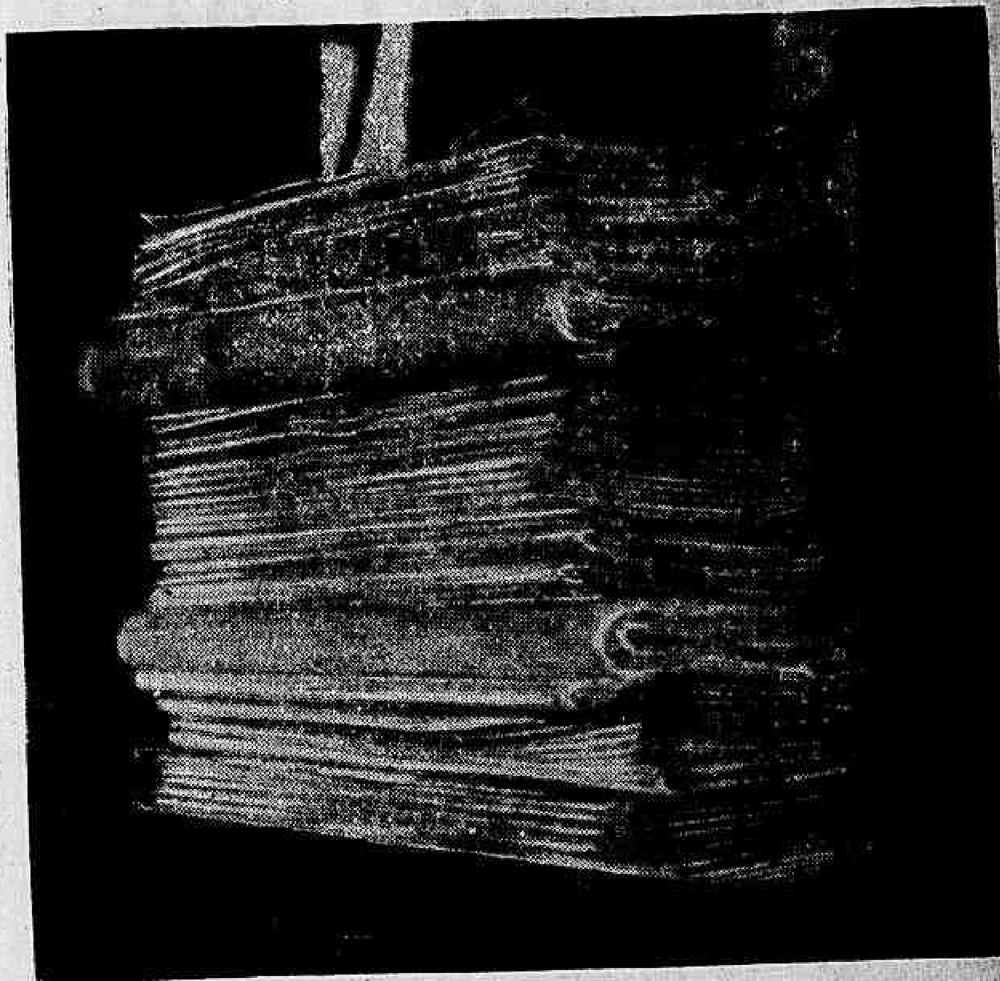
MERCEDES de Sousa Alves mora no morro da Pavuna. É mulher ainda jovem, gostando de divertir-se, especialmente nos dias de carnaval. Tem um filhinho de um ano de idade, o qual não podia ir com ela para um baile ali perto. O jeito era deixá-lo a dormir sossegado, enquanto ela ia divertir um pouco para esquecer as agruras da vida. Mercedes deu leite ao menino, acomodou-o na caminha e saiu. Não podia suceder nada. A criança dormia muito bem tôdas as noites, e não iria acordar, justamente, naquela de um domingo carnavalesco. Mercedes fechou a casa e lá se foi. As danças estavam animadas. Ela não descansou, sempre chamada a saracotear em sassaricos arrebatadores. Tudo correu muito bem; terminadas as danças, ela voltou ao lar. Abriu a porta do quarto e entrou, soltando um grito aterrador. O filho estava sôbre a cama, todo ensanguentado, rouco de chorar inùtilmente. Mercedes gritou por socorro, quase louca de dor. Acudiram os vizinhos e ela conduziu o filho mutilado para o hospital Rocha Faria. E ali tudo se explicou: Mercedes tinha um cão em casa, tendo o animal ficado no quarto com a criancinha. Não se sabe por que instintos, o cachorro a mordeu em vários lugares, mutilando-lhe o corpinho indefeso. Mercedes não se cansava de lastimar sua sorte, maldizendo a idéia que tivera de ir dançar deixando sem proteção o filho inocente, incapaz de defender-se de uma desgraça dessas. O fato fazia cortar o coração dos mais empedernidos. Não se sabe se a criança poderá salvar-se, mas, segundo informes colhidos na imprensa, o preço dêsse baile foi a vida do pequenino Carlos Alberto.

O exame pré-nupcial



NEM tudo anda errado neste país. Nem sempre os nossos administradores vivem a politicar e a gozar a vida folgadamente. Nem tudo está perdido, louvado seja o Senhor! Eis aqui uma notícia para a qual chamamos a atenção do povo, especialmente daqueles que vão casar-se, unindo suas vidas a outras vidas para o ressurgimento de novas vidas, nesse combate sem tréguas contra a morte da espécie. Queremos falar sôbre o exame pré-nupcial em boa e feliz hora instituído pelo atual prefeito, Sr. João Carlos Vital, a 20 de novembro do ano passado. Funciona essa utilíssima seção de defesa da família e em benefício da eugenia da sociedade brasileira, no edifício da Saúde Pública, rua do Resende, 128, que hoje tem o nome do glorioso e nunca esquecido Oswaldo Cruz. De novembro de 1951 até meados de março, duzentas e sete pessoas candidatas ao matrimônio foram examinar-se naquele Serviço, sendo que, dentre essas, três foram aconselhadas pelos médicos a adiarem o casamento, pelo fato de não apresentarem condições físicas satisfatórias. É preciso ainda salientar que uma dessas três pessoas apresentava grave lesão pulmonar! Todo o serviço é gratuito, não exigindo nenhum papel, nenhuma burocracia, estando os médicos eugenistas sempre prontos a atender os que os procuram para tão importante e imprescindível consulta. A única falha da instituição é a de não ser obrigatória por lei. O exame pré-nupcial deve ser obrigatório, não podendo contrair matrimônio quem não estiver munido de atestados idôneos por médicos especializados em todo o território nacional. Obrigatório e gratuito.

UM MONTE DE PAPÉIS



Pelo que se divulgou através e imprensa e o rádio brasileiros, empregadores e empregados já chegaram ao final da disputa na área da aviação civil: o dissídio coletivo deu a vitória aos aeroviários e aeronautas. Logo que foi pronunciada a decisão dos juízes, todos os funcionários internos e de vôo, passaram a usar seus bonés. Mas, para que o leitor ajuize também do que foi essa questão, pedimos que medite no tamanho do processo: esta enorme pilha de matéria escrita de variadíssima origem, contendo tudo o que se precisou para fazer Justiça.

ESCOLHENDO CACHORRO



ÊSTE cidadão não está selecionando cães de caça à raposa ou aos coelhos, e sim preparando o «cast» de cães amestrados para o palco do «Apollo Theatre» de Manchester, para a apresentação da comédia «The Gay Dog». Wilfred Pickles, então, «ouve» os candidatos que desempenharão seu papel, e aqui o vemos atendendo a um belo e talentoso galgo, cuja atitude, assim com a língua de fora, não tem nenhuma semelhança com o mesmo hábito sem palavras entre a humanidade. E parece que chegaram a acôrdo, empresário e cão.

A Pergunta da Semana — Por SINIMBU

QUEM SERÁ APONTADO COMO SOLUCIONADOR...



...DO TRAFEGO NO RIO?

ESTRÊLA?



Edgar Estrêla foi o Ditador do Trânsito durante dezesseis anos. As primeiras providências racionais postas em execução no Rio, com o objetivo de facilitar o crescente movimento nas ruas, pertencem à sua gestão no S rviço da Praça da Independência. Ainda hoje é um homem discutido e acusado. Também ainda se fala no seu retôrno ao cargo, sempre que êste se vaga. Estrêla será apontado como o homem que encaminhou a solução do problema do tráfego no Rio de Janeiro? Êle próprio e seus admiradores estão convencidos que sim.

CÔRTES?



..Estrêla foi substituído por Côrtes: Geraldo Côrtes de Menezes, que tinha, então, o pôsto de major do Exército. Nom ado, Côrtes declarou lealmente que nada entendia de tráfego mas que isso não era um bicho de sete cabeças e êle podia aprender. Hom m disciplinado e sensato fêz administração profícua, assinalada pela reforma do trânsito inspirada num plano do arquiteto Lúcio Costa. A execução dêsse plano descongestionou consideràvelmente as ruas do centro da cidade, que constituem pontos cruciais do trânsito de veículos no Rio. T ria o major Côrtes suplantando o doutor Estrêla?

RAMIRO?



Promovido ao pôsto imediato, o major Côr.es deixou o cargo e foi sucedido pelo major Ramiro Gonçalves, atual diretor do Serviço do Trânsito. A obra do major Ramiro ainda não pode ser julgada em globo. Nada inovou no tráfego da cidade, significando um mérito essa despreocupação em alterar pelo simples gôsto de alterar. Tem, contudo, procurado disciplinar e moralizar a atividade profissional dos motoristas de praça e se o conseguir já terá realizado o qu parece impossível. Será que algum «estalo» transformará Ramiro no «maior»?

MENDES?



Estrêla? Côrtes? Ramiro? Ou Mendes de Morais? O general-prefeito não lidou diretamente com o tráfego mas, à testa da Prefeitura, realizou obras de vital importância para solucionar muitos dos problemas que êl enfrenta. Na praia de Botafogo abriu ao tráfego duas pistas de alta velocidade, em terreno conquistado ao mar. Duplicou o túnel do Leme e perfurou outro, no morro do Pasmado. Tôda a zona sul da cidade foi beneficiada em suas comunicações com o centro e outros pontos distantes, depois da conclusão de tais obras. Mendes de Morais: será êle apontado como o solucionador do problema?

O METRÔ?



Ou será que apenas o metrô, possibilitando o tráfego subterrâneo a alta velocidad:, dará definitiva solução ao problema de comunicações no Rio de Janeiro? Os Estudos vão adian.ados a respeito. Os técnicos estão otimistas e prometem o metrô — sistema de comunicação existente desde muito t mpo em tôdas as grandes cidades (Londres, Paris, Moscou, Nova York, Buenos Aires) — para dentro de cinco anos. Quem viver verá. Mas qual será o nome do administrador que dará o metrô ao Rio de Janeiro? Êsse nome virá a ser apontado como o do solucionador do problema do tráfego?

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 13 ★ 29-3-52

Redator-Chefe:
ALCEU MARINHO REGO

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JÚNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

Diretor:
Gratuliano Brito

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Intern. de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 200,00
Seis meses	Cr$ 100,00
Registrada — Um ano	Cr$ 230,00
Seis meses	Cr$ 120,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 350,00
Seis meses	Cr$ 180,00

O número avulso custa Cr$ 4,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 4,50

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: venda e publicidade na Capital a cargo da Agência Zambardino, rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y.. Na África Oriental Portuguêsa: Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente. 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida, 299, tel. 32, Av. 9509, B. Aires.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Êste número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Ja

TELEFONES:

Redação: 22-4447 ★ Publicidade: 22-9570 ★ Por 22-5602 ★ Gerência: 22-8647 ★ Contabilidade: 2

MÓVEIS e DECORAÇÕES





Projetos executados por técnicos especializados

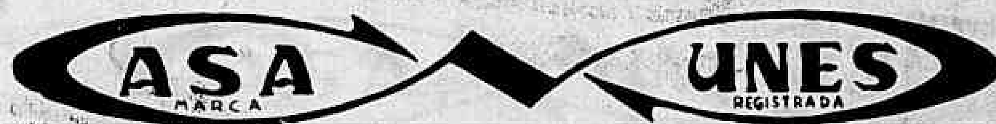
TAPÊTES FEITOS À MÃO

TAPÊTES E PASSADEIRAS

de forração, em côres lisas e com flores

GRUPOS ESTOFADOS

— especialidade de nossas oficinas —



65 rua da CARIOCA 67 — RIO

O frasco do Leite de Rosas está, hoje, em todos os lugares onde se cultua a beleza, a elegância e o bom gôsto.

Consagrado, em vários países, como "o mais eficiente e aconselhado embelezador da mulher", sua presença é a nota de requinte no toucador da Eva moderna.

Tendo no próprio nome a lembrança da beleza, a sugestão do perfume e do encanto das rosas, o notável preparado constitui, em nossa época, a mais grata homegem que se pode prestar à delicada alma feminina.



LABORATÓRIOS LEITE DE ROSAS LTDA.
Rua S Luís Gonzaga, 2.085 A e B
Telefone — 48-7660 — Rio de Janeiro